

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Centro de Letras e Comunicação**  
**Programa de Pós-Graduação em Letras**



**Dissertação de Mestrado**

**Processos, participantes e circunstâncias em *Oryx and Crake* e em sua  
tradução para o português brasileiro**

**Johann Bonow Neves**

**Pelotas, 2022**

**Johann Bonow Neves**

**Processos, participantes e circunstâncias em *Oryx and Crake* e em sua  
tradução para o português brasileiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Roberta Rego Rodrigues

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

N511p Neves, Johann Bonow

Processos, participantes e circunstâncias em *Oryx and Crake* e em sua tradução para o português brasileiro / Johann Bonow Neves ; Roberta Rego Rodrigues, orientadora. — Pelotas, 2022.

166 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Estudos da tradução. 2. Linguística sistêmico-funcional. 3. Metafunção ideacional. 4. *Oryx e Crake*. I. Rodrigues, Roberta Rego, orient. II. Título.

CDD : 469.5

**Johann Bonow Neves**

**“PROCESSOS, PARTICIPANTES E CIRCUNSTÂNCIAS EM ORYX AND CRAKE E  
EM SUA TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO”**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Letras, Área Linguagem, Texto e Imagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 27 de julho de 2022

Banca examinadora:



---

Profa. Dra. Roberta Rego Rodrigues  
Orientadora/Presidente da banca  
Universidade Federal de Pelotas

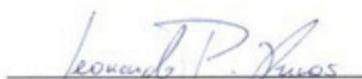


---

Profa. Dra. Mirian Rose Brum-de-Paula  
Membra da Banca  
Universidade Federal de Pelotas



Profa. Dra. Camila Nathália de Oliveira Braga  
Membra da Banca  
Universidade Federal da Paraíba



---

Prof. Dr. Leonardo Pereira Nunes  
Membro da Banca  
Universidade Federal de Minas Gerais

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço à UFPel (Universidade Federal de Pelotas) por ser uma instituição que provê inúmeras possibilidades e que tem grande impacto na vida de seus/suas alunos(as), professores(as), pesquisadores(as) e funcionários(as).

Agradeço, também, à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro indispensável que recebi para realizar minha pesquisa.

Agradeço, e sempre vou ser grato, por toda ajuda, apoio e orientação que minha orientadora, a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roberta Rego Rodrigues, me ofereceu. Nossos modos de lidar com a pesquisa, com as orientações, com os textos e com as discussões se alinharam e tivemos uma relação mestrando-orientadora profícua.

Agradeço às membras e ao membro das minhas bancas de qualificação e de defesa de mestrado. A Prof<sup>a</sup>. Camila Braga (UFPB), a Prof<sup>a</sup> Mirian Brum de Paula (UFPel) e o Prof. Leonardo Nunes (UFMG) contribuíram imensamente para que minha dissertação pudesse ser aperfeiçoada com seus conhecimentos, comentários e críticas construtivas.

Agradeço à minha família, em especial, ao meu pai e à minha mãe, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram incondicionalmente quanto aos meus estudos e vida profissional. Sem seus conselhos, eu não teria escolhido o caminho das Letras, pelo qual me apaixonei logo que comecei a trilhar.

Agradeço aos meus amigos e colegas. Juntos, nos ajudamos, nos apoiamos e nos aconselhamos, além de termos estudado e nos divertido muito. Agradeço especialmente à Nathaly Nalerio, minha melhor amiga e tradutora competente, a qual tem me acompanhado e me dado suporte desde que nos conhecemos.

Também agradeço à minha querida psicóloga, Rosana Pazini. Durante meu mestrado, ela me ajudou com inúmeras questões pessoais e profissionais, e me auxiliou nas minhas descobertas, resoluções e reflexões.

Agradeço a Deus por me dar forças e me presentear com pessoas incríveis e oportunidades ímpares. Ele tem sido a rocha na qual me firmo todos os dias.

Por fim, agradeço ao meu eu do passado por ter tomado boas decisões e ter sido forte e capaz. Ao meu eu do futuro, o qual lerá esses agradecimentos, relembro que vencemos e que conseguimos superar nossos fantasmas com maestria.

## Resumo

NEVES, Johann Bonow. **Processos, participantes e circunstâncias em *Oryx and Crake* e em sua tradução para o português brasileiro**. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roberta Rego Rodrigues. 2022. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Esta dissertação aborda a interface dos Estudos da Tradução (ET) com a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1994; THOMPSON, 2014) para a análise de um corpus de textos literários. Objetivamos investigar a transitividade em *Oryx and Crake* (ATWOOD, 2003) e em sua tradução para o português brasileiro, *Oryx e Crake* (ATWOOD, 2018), executada por Léa Viveiros de Castro, analisando quantitativa e qualitativamente as categorias "processos", "participantes" e "circunstâncias". Também objetivamos verificar os "processos" e "participantes" mais frequentemente realizados pelas personagens Oryx, Jimmy/Homem das Neves, e Glenn/Crake, examinando o que essas realizações explicitam sobre sua representação. Compusemos nosso corpus de estudo com porções textuais semi-aleatórias do texto-fonte (TF) e de suas porções correspondentes do texto-alvo (TA). Para a anotação manual dos "participantes", "processos" e "circunstâncias", utilizamos o CROSF-15, proposto por Feitosa (2006), e os rótulos foram quantificados no *WordSmith Tools 4.0* (SCOTT, 2007). No corpus, os "processos" mais frequentes são os materiais, os mentais e os relacionais, os "participantes" mais frequentes são os "atores", os "experenciadores" e os "portadores", e as "circunstâncias" mais frequentes são as de localização, de modo e de acompanhamento. Em relação às três personagens mencionadas, tanto no TF quanto no TA, Oryx realizou mais "experenciadores" e "portadores", Jimmy/Homem das Neves realizou mais "atores" e "experenciadores", e Glenn/Crake realizou mais "dizentes" e "experenciadores". É possível constatar que as mudanças transitivas das personagens foram mínimas, que Oryx parece ter uma natureza mais perceptiva no TF e uma natureza mais pensante no TA, que Jimmy/Homem das Neves parece ter uma estrutura descritiva mais "acional" em ambos os textos, e que Glenn/Crake parece mostrar-se uma personagem falante e eloquente no TF e no TA.

**Palavras-chave:** Estudos da Tradução. Linguística Sistêmico-Funcional. Metafunção Ideacional. *Oryx e Crake*.

## Abstract

Neves, Johann Bonow. **Processes, participants and circumstances in *Oryx and Crake* and in its translation into Brazilian portuguese.** Supervisor: Dr. Roberta Rego Rodrigues. 2022. 166 f. Thesis (Master's Degree in Languages and Literatures) – Graduate Program in Languages and Literatures, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

This thesis addresses the interface between Translation Studies (TS) and Systemic-Functional Linguistics (SFL) (Halliday, 1994; Thompson, 2014) with a view to analyse a corpus of literary texts. We aimed to investigate the transitivity in *Oryx and Crake* (Atwood, 2003) and in its translation into Brazilian portuguese, *Oryx e Crake* (Atwood, 2018), performed by Léa Viveiros de Castro, by carrying out quantitative and qualitative analyses of the categories “processes”, “participants” and “circumstances”. We also aimed to verify the “processes” and “participants” most frequently realized by the characters Oryx, Jimmy/Snowman, and Glenn/Crake, and to examine what these realizations indicate about their representation. We composed our study corpus by compiling semi-random textual portions of the source text (ST) and its corresponding portions of the target text (TT). For the manual annotation of the “processes”, “participants” and “circumstances”, we used CROSF-15, proposed by Feitosa (2006), and the labels were quantified in the software *WordSmith Tools 4.0* (Scott, 2007). The most frequent “processes” in the corpus are the material, the mental and the relational ones, the most frequent “participants” are “actors”, “sensors”, and “carriers”, and the most frequent “circumstances” are those of location, manner and accompaniment. Oryx realized “sensors” and “carriers”, Jimmy/Snowman realized “actors” and “sensors”, and Glenn/Crake realized “sayers” and “sensors” when it comes to the highest frequency of “participants” related to these characters in the ST and in the TT. It is possible to ascertain that the transitivity shifts of the characters were minimal. Moreover, Oryx seems to bear a more perceptive nature in the ST and a more thinking nature in the TT, Jimmy/Snowman seems to bear a more “actional” descriptive structure in both texts, and Glenn/Crake seems to be a talkative and eloquent character also in the ST and in the TT.

**Keywords:** Translation Studies. Systemic-Functional Linguistics. Ideational Metafunction. *Oryx and Crake*.

## Lista de Figuras

Figura 1	Quadro com a categorização de uma oração do ponto de vista ideacional .....	29
Figura 2	Quadro com a categorização de uma oração do ponto de vista interpessoal .....	30
Figura 3	Quadro com a categorização de uma oração do ponto de vista textual .....	28
Figura 4	Quadro com os "processos" e "participantes" da metafunção ideacional .....	38
Figura 5	Quadro com as "circunstâncias" da metafunção ideacional e seus subtipos .....	43
Figura 6	Quadro com os rótulos dos "processos" e "participantes" .....	66
Figura 7	Quadro com os rótulos das "circunstâncias" .....	67
Figura 8	Quadro com um exemplo de anotação de um trecho do corpus no TF e no TA .....	69
Figura 9	Captura de tela das linhas de concordância referentes à quantidade de "processos" materiais no TF .....	71
Figura 10	Captura de tela das linhas de concordância referentes aos verbos implícitos materiais no TA .....	72
Figura 11	Captura de tela das linhas de concordância referentes às "metas" elípticas no TA .....	73
Figura 12	Captura de tela das linhas de concordância referentes às "circunstâncias" de acompanhamento no TF .....	73
Figura 13	Captura de tela das linhas de concordância referentes aos "dizentes" realizados por Glenn/Crake no TA .....	74
Figura 14	Captura de tela das linhas de concordância referentes aos "atores" elípticos realizados por Oryx no TA .....	75

## Lista de Tabelas

Tabela 1	"Processos" no TF e no TA .....	76
Tabela 2	Verbos implícitos no TF e no TA .....	82
Tabela 3	"Participantes" no TF e no TA (expressos, elípticos e implícitos) .	88
Tabela 4	"Participantes" no TF e no TA (expressos) .....	92
Tabela 5	"Participantes" no TF e no TA (elípticos) .....	99
Tabela 6	"Participantes" no TF e no TA (implícitos) .....	106
Tabela 7	"Alcances" no âmbito de "processos" no TF e no TA .....	111
Tabela 8	Personagens no TF e no TA (expressas, elípticas e implícitas) ...	114
Tabela 9	Personagens no TF e no TA (expressas) .....	115
Tabela 10	Personagens no TF e no TA (elípticas) .....	117
Tabela 11	Personagens no TF e no TA (implícitas) .....	120
Tabela 12	"Participantes" realizados pela personagem Oryx no TF e no TA	122
Tabela 13	"Participantes" realizados pela personagem Jimmy/Homem das Neves no TF e no TA .....	131
Tabela 14	"Participantes" realizados pela personagem Glenn/Crake no TF e no TA .....	140
Tabela 15	"Circunstâncias" no TF e no TA .....	148

## **Lista de abreviaturas e siglas**

ET	Estudos da Tradução
IO	Inglês original
IT	Inglês traduzido
LA	Língua-alvo
LF	Língua-fonte
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
PO	Português original
PT	Português traduzido
TA	Texto-alvo
TF	Texto-fonte

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	11
<b>1 Referencial Teórico</b> .....	17
1.1 Aspectos da interface entre os ET e a LSF .....	17
1.1.1 Sobre Catford: equivalência tradutória, correspondência formal e <i>translation shifts</i> .....	21
1.1.2 Práticas atuais dos Estudos da Tradução com base na LSF .....	24
1.2 LSF .....	26
1.2.1 “Processos” e “participantes” .....	30
1.2.2 “Circunstâncias” .....	39
1.2.3 Braga (2016) e seu estudo sobre “circunstâncias” .....	43
1.3 Estudos de textos literários baseados na LSF .....	46
1.4 Mais trabalhos baseados nos ET e na LSF .....	53
<b>2 Corpus e Metodologia</b> .....	58
2.1 A autora e a tradutora de <i>Oryx and Crake</i> .....	58
2.2 O corpus .....	58
2.3 Procedimentos de análise .....	62
2.3.1 Recorte do corpus .....	62
2.3.2 Anotação do corpus .....	64
<b>3 Resultados e Discussão</b> .....	76
3.1 “Processos” e verbos implícitos .....	76
3.2 “Participantes” (expressos, elípticos e implícitos) .....	87
3.3 Personagens e seus “participantes” .....	113
3.4 “Circunstâncias” .....	148
<b>4 Considerações Finais</b> .....	158
<b>5 Referências</b> .....	163

## Introdução

Holmes (1988) expõe que os Estudos da Tradução (ET), geralmente, são chamados de “teorias da tradução”, mais ou menos como se fossem sinônimos. No entanto, conforme o autor, pesquisadores(as) tendem a restringir o termo “teorias da tradução”, muito mais frequentemente, a apenas uma parte da disciplina. O autor ainda explica que o termo atual parece ser o mais adequado para o campo de estudos como um todo pois evita confusão e mal-entendidos. Ademais, Frota (2007) expõe que o termo atual abrange mais áreas de conhecimento, ou seja, representa um campo interdisciplinar, conforme aponta Rodrigues-Júnior (2006). Não há “uma teoria da tradução”, mas, sim, várias, inclusive descritivas (STOLZE, 2011), como a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday, que vem discutindo questões tradutórias desde os anos 1950 (KUNZ; TEICH, 2017).

Consoante Stolze (2011), a tradução deveria funcionar de modo semelhante à interpretação, devendo-se entender e formular. Entender o contexto e a situação é essencial, além de saber qual a audiência do texto e qual a mensagem do(a) autor(a) (STOLZE, 2011). A autora também declara que a tradução lembra o texto-fonte (TF), porém o contexto cultural de partida e o de chegada são diferentes, o que pode levar o(a) tradutor(a) a representar criticamente para si mesmo(a) o ambiente cognitivo compartilhado pelo(a) comunicador(a) e pela audiência original do texto. Por isso, a LSF é importante para os ET, pois possibilita ao(à) tradutor(a) o pensamento crítico sobre as funções realizadas no TF, e, a partir disso, pode traduzi-lo para a língua-alvo (LA) tendo em mente as possíveis mudanças acarretadas por escolhas lexicais e gramaticais em ambos os textos.

Conforme Malmkjaer (2005), Catford (1965/1978) baseou sua teoria da tradução em um estágio inicial da gramática sistêmica de Halliday (1961), e diversas de suas ideias são relevantes atualmente nos ET, como os conceitos de equivalência tradutória, correspondência formal e mudanças de tradução (*translation shifts*). Para Catford (1965/1978), a equivalência tradutória, no nível da sentença<sup>1</sup>, ocorre quando é possível permutar textos ou porções de textos da LF para a LA em situações específicas. A correspondência formal, segundo o autor, ocorre na

---

<sup>1</sup> Catford (1965/1978) considera a sentença como o nível mais alto na escala de ordens e utiliza tal conceito em sua teoria; por mais que utilizemos o termo “sentença” ao discorrermos sobre a teoria de Catford, nós lançamos mão da oração em nosso trabalho, assim como Halliday (1994).

condição de qualquer categoria de uma LA ter um papel nessa LA de forma semelhante a uma categoria de uma LF que tem um certo papel em tal LF. Conforme Catford (1965/1978), as mudanças tradutórias ocorrem quando há desvios na correspondência formal de certos itens entre a LF e LA, podendo ser de nível (*level shifts*), quando um item da LF tem seu equivalente da LA em outro nível (ocorrendo apenas da gramática para o léxico e vice-versa), e de categoria (*category shifts*), quando há mudanças de estrutura (*structure-shifts*), de classe (*class-shifts*) ou de unidade (*unit-shifts*), ou dentro do próprio sistema (*intra-system shift*).

A LSF é uma teoria geral criada a partir de uma abordagem descritiva baseada no uso da língua, isto é, baseia-se no funcionamento da linguagem humana. Essa teoria descreve gramaticalmente as línguas ao elucidar os motivos e os meios pelos quais as línguas variam em questão de funções e contextos de uso de seus/suas falantes. Além de ser uma teoria descritiva, ela oferece ferramentas e metalinguagem para a execução da análise textual (GOUVEIA, 2009).

A análise funcional de uma língua, para Halliday (1994), é um meio de interpretar sua estrutura gramatical, e envolve a identificação das diversas funções incorporadas na gramática e de todas as possíveis estruturas que são utilizadas pelos(as) falantes de determinada língua para expressar algum significado. Para a LSF, de acordo com o autor, uma língua é interpretada como uma rede de opções interligadas e o significado é considerado como escolha. Ademais, Thompson (2014) informa que o significado é essencialmente igualado à função nas abordagens gramático-funcionais. Ou seja, para desempenhar certas funções ao usar uma língua, pressupõe-se que o(a) falante saiba quais escolhas deva fazer.

Halliday (1994) defende haver três tipos particularmente relevantes de significado, os quais são a base para explorar como ele é criado e compreendido. Segundo o autor, a linguagem é utilizada para falar sobre as experiências de mundo, para interagir com outras pessoas, e para organizar nossas mensagens de forma a indicar que elas fazem parte de um contexto abrangente. Assim, ainda consoante o autor, temos as metafunções da linguagem, respectivamente, a metafunção ideacional, a metafunção interpessoal e a metafunção textual. Thompson (2014) atesta que cada metafunção consiste em um componente, cada componente tem seu próprio sistema de escolhas, e o resultado dessas escolhas se relaciona a uma estrutura.

Os três tipos de significado supramencionados formam o conceito de “registro”, referente à variação conforme o uso da linguagem (THOMPSON, 2014). Um dos motivos pelo qual esse conceito tem relevância nos ET é porque torna possível para o(a) tradutor(a) analisar em detalhes o contexto sociocultural de um texto ao realizar sua interpretação (KUNZ; TEICH, 2017). Segundo Kunz e Teich (2017), tal conceito é utilizado por estudiosos(as) para descrever a variação entre TFs e TAs, havendo estudos baseados em corpus que o utilizam para verificar o contraste de escolhas linguísticas em TAs, por exemplo.

No componente experiencial da metafunção ideacional, a oração é utilizada para representar padrões de experiências através de “processos” (HALLIDAY, 1994), os quais são constituídos de três componentes, a saber, os “processos”, os “participantes” e as “circunstâncias”. Consoante o autor, as experiências são constituídas de acontecimentos (*goings-on*), e esses são distribuídos na gramática da oração. Para Halliday (1994), é possível, através da transitividade, refletir e ordenar a interminável variação e fluxo de eventos, além de ser possível descrever ações, e dar e receber informações, dentre outras funções. O autor ainda explica que, através do sistema de transitividade, constroem-se as experiências de mundo a partir de diferentes tipos de “processos”.

Com os ET e a LSF em mente, neste trabalho, leva-se em conta a análise da representação (como personagens e acontecimentos, por exemplo, são representados) na obra *Oryx and Crake*, de Margaret Atwood (2003), e em sua tradução para o português brasileiro, *Oryx e Crake* (ATWOOD, 2018), executada por Léa Viveiros de Castro, considerando os “processos”, os “participantes” e as “circunstâncias” referentes à metafunção ideacional de Halliday. Tais constituintes recebem tratamento delicado (específico), isto é, são classificados, quantificados e analisados qualitativamente, levando em consideração de que forma e em que frequência se manifestam os integrantes, os eventos presentes nas obras e as contingências no TF e no TA. Ao que parece, esse corpus não foi analisado pelo viés da metafunção ideacional de Halliday, e é essa nossa motivação para investigá-lo.

Segundo Assis (2004, p. 42), “a análise da transitividade tem tido diversas aplicações em diversas áreas, como a análise estilística, a construção literária de personagens, a análise crítica do discurso, a análise do discurso e os ET, dentre outras”. Assim sendo, é importante ressaltar que a metafunção ideacional é de

grande importância em narrativas literárias, pois é através dessa metafunção que os papéis e identidades são desenvolvidos, conforme apontado por Rodrigues-Júnior (2006).

As pesquisas e publicações de cunho linguístico no campo dos ET tendem a ser escassas no Brasil, principalmente pelo viés da LSF hallidayana. O autor desta dissertação realizou um levantamento para confirmar tal afirmação ao averiguar a revista *Cadernos de Tradução*, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O autor verificou artigos das edições de 2017 a 2021, e, para isso, leu os resumos dos 247 artigos relacionados aos ET que pôde encontrar. O autor criou uma lista na qual atribuiu os termos “linguístico” e “não linguístico” para cada um dos artigos, e, após ler todos os resumos, contabilizou quantos eram de cunho linguístico e quantos eram especificamente voltados à LSF. De todos os artigos verificados, em torno de 24, 9.7% do total, são publicações de cunho linguístico, sendo apenas 2, 0.81% do total, relacionados à LSF.

Determinados(as) autores(as) já abordaram a questão da representação em obras literárias e em suas traduções pelo viés da metafunção ideacional da LSF. Entretanto, alguns(mas) desses(as) autores(as) não deram ênfase nas “circunstâncias”, apenas enfatizando os “processos” e/ou os “participantes”. Santos (2013) analisou detalhadamente o romance *Jane Eyre* (1847), de Charlotte Brontë, e *Joanna Eyre* (1926), sua primeira tradução para o português brasileiro, cujo(a) tradutor(a) não é informado(a), ao investigar o perfil ideacional da personagem Jane/Joanna Eyre expresso por “participantes” vinculados a “processos”, a presença discursiva do(a) tradutor(a) no TA, e o padrão das omissões de informações na retextualização decorrentes da censura da época. D’Ávila e Rodrigues (2014) analisaram a representação da protagonista do conto *The Young Girl* (2001), de Katherine Mansfield, como “participante” em “processos”, assim como o fizeram na tradução para o português brasileiro, *A Jovem* (2013), executada pela tradutora em formação Bruna Albornoz D’Ávila. Rodrigues (2014) analisou os “participantes” “você” e “you” e a variação de suas realizações no conto *Dias de vinho e rosas* (2000), de Silviano Santiago, e em sua tradução para o inglês, *Days of wine and roses* (2011), executada por Mabel Nunes Zonta, uma tradutora em formação. Assis (2017) investigou as representações de Amaro em *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha (1895), e em sua tradução para o inglês, *The Black Man and the Cabin Boy* (1982), executada por Edward Lacey, ao identificar e classificar os

"processos" e os "participantes", e, diferentemente de alguns(mas) autores(as), trabalhou com as "circunstâncias" também.

Geralmente, a obra *Oryx and Crake* é abordada a partir de temas como literatura distópica, pós-humanismo e transumanismo. Marks de Marques (2013) discute sobre tais ideias, sobre capitalismo tardio e sobre cultura consumista, tratando sobre como o pensamento teológico do mito de criação dos crakers (hominídeos modificados por bioengenharia) é construído, e também explora como são desconstruídos o pós-humanismo e o transumanismo do projeto de criação de tais seres na obra de Atwood. Marks de Marques (2015) investiga a terceira virada distópica e como ela evidenciou os debates sobre pós-humanismo e transumanismo, e discorre sobre como essas filosofias sofrem uma reviravolta irônica na trilogia *MaddAddam*, além de explicar as narrativas presentes em *Oryx and Crake*.

Com o intuito de guiar este trabalho, propomos as perguntas a seguir em relação à análise da transitividade em *Oryx and Crake* (ATWOOD, 2003) e *Oryx e Crake* (ATWOOD, 2018):

- (i) Do ponto de vista quantitativo e qualitativo, como se realizam os "processos", os "participantes" e as "circunstâncias" em *Oryx and Crake* e em sua tradução para o português brasileiro?
- (ii) Quais são os "processos" e "participantes" mais frequentes em relação a *Oryx*, Jimmy/Homem das Neves, e Glenn/Crake, personagens principais do romance, em tal corpus?
- (iii) O que a frequência dos "processos" e dos "participantes" indica sobre a representação dessas personagens?

A partir dessas perguntas, tivemos como objetivo geral investigar a transitividade em *Oryx and Crake* (ATWOOD, 2003) e *Oryx e Crake* (ATWOOD, 2018). Tivemos como objetivos específicos analisar quantitativa e qualitativamente as categorias "processos", "participantes" e "circunstâncias" em *Oryx and Crake* e em sua tradução para o português brasileiro; verificar os "processos" e "participantes" mais frequentemente realizados pelas personagens *Oryx*, Jimmy/Homem das Neves, e Glenn/Crake; e examinar o que essas realizações explicitam no que concerne à representação das personagens acima mencionadas.

No capítulo 1, referente ao referencial teórico, discorreremos sobre os aspectos da interface entre os ET e a LSF; nos aprofundamos nas ideias de Catford; comentamos sobre práticas atuais dos ET com base na LSF e trabalhos baseados nessa teoria e naquele campo disciplinar; explicamos em detalhes os componentes "processos", "participantes" e "circunstâncias" da LSF de Halliday; e expomos alguns estudos de textos literários, em relação de tradução ou não, baseados na LSF. No capítulo 2, referente à metodologia, versamos sobre a autora e a tradutora de *Oryx and Crake*; tratamos sobre o corpus de estudo; e explicitamos os procedimentos de análise da nossa investigação. No capítulo 3, apresentamos os resultados das quantificações feitas utilizando o corpus de estudo desta dissertação; e tecemos a discussão quanto a eles. No capítulo 4, tecemos nossas considerações finais sobre o nosso trabalho.

Com esta pesquisa, esperamos contribuir com os ET, com a teoria sistêmico-funcional e com os estudos sobre *Oryx and Crake*. Para os ET, esta pesquisa trará aporte aos estudos que envolvam a equivalência tradutória entre textos em inglês e suas traduções em português brasileiro, além de evidenciar teóricos desse campo disciplinar. Para a LSF, a presente pesquisa ajudará a evidenciar essa teoria, contribuirá para a compreensão sobre as "circunstâncias", que não são tão abordadas como os "processos" e os "participantes", e poderá, potencialmente, subsidiar a formação de tradutores literários numa perspectiva dos Estudos da Tradução Aplicados. Para os estudos sobre *Oryx and Crake*, esta pesquisa contribuirá sob um viés linguístico sistêmico-funcional, além de fomentar o interesse em relação a essa obra de Atwood.

## 1. Referencial Teórico

### 1.1. Aspectos da interface entre os ET e a LSF

Stolze (2011) expõe que, diferentemente de como era no passado, atualmente os ET se tornaram uma interdisciplina, pois, com o passar do tempo, o número de publicações na área aumentou. Além disso, para a autora, tais estudos têm como foco a tradução de textos escritos ou a interpretação de mensagens faladas. E, em relação à metodologia utilizada nos estudos em questão, a autora cita os estudos lexicológicos, os estudos empíricos, os estudos processuais, os estudos voltados para a análise descritiva, dentre outros.

De acordo com Catford, “uma tarefa central da teoria da tradução é definir a natureza e as condições de equivalência tradutória” (CATFORD, 1965/1978, p. 21, tradução nossa)<sup>2</sup>. Por isso, do ponto de vista da Linguística Aplicada, o autor define a equivalência de tradução como uma relação estabelecida entre TF e TA, e como uma relação primária a nível situacional. Kunz e Teich (2017) declaram, assim, que a unidade básica da equivalência de tradução é a sentença e que tal equivalência ocorre quando as características situacionais das sentenças entre TF e TA são similares.

Para Catford (1965/1978), a descrição das relações de equivalência entre as línguas é uma das principais tarefas da ciência linguística da tradução. A tradução vista como uma transferência interlinguística é um tipo específico de processamento de informações baseado na alternância de código (*code-switching*), ou seja, é caracterizada como a interação entre um(a) autor(a) da LF, um(a) tradutor(a) e um(a) leitor(a) da LA (WILSS, 1996 *apud* STOLZE, 2011). Stolze (2011) explica que o problema da transferência entre duas línguas guiou a disciplina de Estilística Comparada a descrever tal transferência entre pares de línguas.

Malmkjaer (2005) aponta que, diferentemente de Catford, o qual baseou sua teoria da tradução em uma versão inicial da gramática sistêmica de Halliday (1961), Nida baseou sua teoria na visão gerativa da linguagem, de Chomsky. Nida, vendo que apenas a análise linguística não era suficiente para a tradução, desenvolveu a “Ciência da Tradução” voltada para a funcionalidade (STOLZE, 2011), pois, para o

---

<sup>2</sup> No original: “A central task of translation theory is that of defining the nature and conditions of translation equivalence.”

autor, o mais importante era que a mensagem fosse entendida. De acordo com o método de Nida, uma análise do TF deveria ser feita, depois a transferência da mensagem, e, por fim, sua reconstrução na LA, considerando-se aspectos estilísticos (STOLZE, 2011). Desde Nida, na concepção de Stolze (2011), a análise textual passou a ser considerada essencial para a tradução.

Os ET têm sido influenciados pela LSF, principalmente em pesquisas que visam analisar a representação através do sistema de transitividade da metafunção ideacional (FIGUEREDO, 2011). Por isso, a seguir, discorreremos sobre aspectos da interface entre os ET e a LSF.

Apesar de haver uma interface entre os ET e a LSF, o conceito de teoria tradutória tem significados diferentes para linguistas e para tradutores(as), como aponta Halliday (1992). O autor explica que, para um(a) tradutor(a), uma teoria tradutória se relaciona com a melhor forma de se alcançar uma tradução boa e efetiva, além de ser normativa e avaliativa. Já em uma teoria linguística da tradução, se explana o que acontece quando se traduz, ou seja, é explicativa e descritiva, porque se estudam as relações existentes entre as línguas envolvidas na tradução e os processos envolvidos nessas relações.

Ao se analisar um texto linguisticamente, existem duas metas possíveis. Pode-se explicar a razão por que um texto é entendido do jeito que é por qualquer pessoa, ou pode-se explicar se um texto, em seu contexto, é mais ou menos efetivo, e essa meta depende daquela, pois se deve explicar o entendimento que se tem sobre o significado do texto. Na teoria da tradução, ao se considerar dois textos em línguas diferentes, deve-se perguntar se um texto é a tradução de outro ou não, e se a tradução é efetiva ou não (HALLIDAY, 2001).

A perspectiva do(a) linguista sobre a tradução é sistêmica, pois, a partir dela, pensa-se na língua como sistema. Na perspectiva do(a) tradutor(a), assume-se que se deve engajar com a língua em forma de texto para melhorar a tradução. De qualquer maneira, para descobrir se uma tradução é boa ou não, deve-se focar no conceito de “equivalência” (HALLIDAY, 2001).

Ao traduzir, o(a) profissional da tradução toma decisões continuamente sobre qual é o contexto relevante dentro da equivalência funcional estabelecida, e Halliday (1992) explicita os passos tomados nesse processo. Em primeiro lugar, o(a) tradutor(a) tem consciência sobre a potencial equivalência que um item da língua-fonte (LF) tem com determinados itens da LA. Em segundo lugar, o(a)

profissional da tradução também tem consciência de que tais variantes são condicionadas pelo contexto em que se encontram, isto é, não são livres. Em terceiro lugar, tal profissional, ao decidir qual é o contexto relevante dentro do qual ele(a) está fazendo as escolhas, deve estar consciente da gama de itens equivalentes e dos efeitos condicionantes do contexto.

Para Halliday e Hasan (1989), conforme Assis (2017), os textos produzidos pelos falantes das línguas estão inseridos em contextos prévios, assim como as situações nas quais discursos são produzidos vêm antes de tais discursos. Malinowski (1935 *apud* HALLIDAY, 1992) aponta que é necessário estender a noção de contexto além das sentenças e palavras do texto para se entender um texto, e incluir na análise o ambiente não-linguístico, chamado de “contexto de situação”. Esse contexto de situação é formado pelo campo, pelas relações e pelo modo, ou seja, a natureza da atividade da qual o texto é uma parte, as relações dos interagentes do texto, e qual a forma que a linguagem está tomando (HALLIDAY, 1992). Ainda, o texto se torna instância da linguagem, a qual produz significados influenciados pelos contextos culturais e sociais em que acontecem as trocas de informações (HALLIDAY; HASAN, 1989 *apud* ASSIS, 2017). E, segundo Assis (2017), baseada em Halliday e Hasan (1989), o contexto de cultura se refere às práticas sociais associadas a diferentes países e grupos étnicos em conjunto com práticas sociais institucionalizadas que têm como aspectos o texto e o contexto.

O princípio fundamental que determina a língua, para Catford, é o contexto, conforme os pressupostos da LSF, e para visualizar as condições de equivalência de tradução, deve-se refletir sobre as variedades linguísticas e a probabilidade de possíveis equivalências na LA (KUNZ; TEICH, 2017). Catford (1965/1978) explica que a equivalência tradutória se dá quase sempre no nível da sentença, porque a sentença é a unidade gramatical que está intimamente ligada às funções do discurso dentro das situações. Em vista disso, é possível perceber a influência da LSF de Halliday nas ideias de Catford, já que Halliday analisa e descreve a gramática no nível da oração.

Há três vetores principais relevantes na teoria sistêmico-funcional quando se pensa em equivalência tradutória, a saber, “estratificação”, “metafunção” e “ordem” (HALLIDAY, 2001). Segundo Halliday (2001), a estratificação se refere à organização da língua em estratos hierárquicos, ou seja, fonética, fonologia, léxico-gramática e semântica; a metafunção se refere à organização dos estratos de

conteúdo, isto é, da léxico-gramática e da semântica, nos componentes funcionais ideacionais, interpessoais e textuais; a ordem se refere à organização dos estratos formais, em outros termos, fonologia e léxico-gramática, em uma hierarquia composicional. De acordo com o autor, esses três vetores são utilizados nos ET.

Para Catford (1965/1978), a equivalência tradutória abrange os três estratos supracitados, não apenas o estrato semântico, visão similar à de Halliday (1992). No entanto, a equivalência tradutória em diferentes estratos possui diferentes valores, isto é, a equivalência contextual pode ter mais valor que as equivalências semânticas e léxico-gramaticais (HALLIDAY, 2001), por exemplo. Apesar disso, Halliday (2001) esclarece que, mesmo que a equivalência em ordens diferentes tenha valores diferentes, tais valores podem sofrer mudanças, as quais dependem da época e da região do mundo.

Halliday (2001) explica que, se entre os elementos da estratificação e do sistema de ordens há uma hierarquia, entre os itens do sistema de metafunções não há, pois cada metafunção tem um valor diferente (HALLIDAY, 2001). Para o autor, de forma geral, a equivalência tradutória é definida em termos ideacionais, e é justamente a metafunção ideacional que recebe foco no presente trabalho, porque, a partir dela, é possível analisar as experiências de mundo e a representação de personagens em textos literários e em suas traduções. Assim sendo, se não houver equivalência no âmbito da metafunção ideacional, um determinado texto não é uma tradução de outro (HALLIDAY, 2001). Segundo Halliday (2001), por conta disso, as outras duas metafunções, podem, de certa forma, ser “preteridas”, o que pode significar, em termos de registro, que os textos traduzidos podem não ser equivalentes no que se refere às relações e ao modo, mas em relação ao campo.

Em suma, a questão do valor da equivalência tradutória varia de acordo com os estratos e os valores postos sobre eles (HALLIDAY, 2001). Na estratificação, a equivalência tem mais valor quando o estrato semântico é mais valorizado. Nas metafunções, quando há garantia de equivalência ideacional entre as línguas, os quesitos interpessoais e textuais ditam o valor da equivalência tradutória. No sistema de ordem, as unidades léxico-gramaticais mais altas são mais valorizadas para a equivalência. Para Halliday (2001, p. 17, tradução nossa)<sup>3</sup>, “uma ‘boa’ tradução é um texto cuja tradução é equivalente no tocante às características

---

<sup>3</sup> No original: “A ‘good’ translation is a text which is a translation in respect of those linguistic features which are most valued in the given translation context.”

linguísticas mais valorizadas em determinado contexto de tradução”. Desse modo, essa citação direta rememora a questão do significado como escolha (HALLIDAY, 1992 *apud* RODRIGUES, 2014) já previamente mencionada.

### **1.1.1. Sobre Catford: equivalência tradutória, correspondência formal e *translation shifts*<sup>4</sup>**

A Teoria da Tradução é um ramo da Linguística Comparada e tem como preocupação estudar determinadas relações entre as línguas, atesta Catford (1965/1978). Segundo o autor, como um processo, a Tradução é unidirecional, porque se trata da reposição de um material textual de uma LF por um material textual de uma LA. Além disso, de acordo com Catford (1965/1978), uma das principais tarefas da teoria da tradução é definir a natureza e as condições de equivalência entre as línguas.

Meyer (2016) critica respeitosamente a obra *A Linguistic Theory of Translation*, de Catford (1965/1978), pelo fato de Catford focar mais em questões linguísticas do que em questões tradutórias em alguns momentos, e pelo fato de o autor trazer à tona alguns problemas sem solucioná-los. Apesar disso, Meyer (2016) aponta que ainda é uma obra válida aos estudos da tradução, porque pode-se retornar às suas lacunas e preenchê-las, porque é importante pelo que representa historicamente, e porque determinadas ideias são úteis até a atualidade.

Para Catford (1965/1978, p. 50, tradução nossa)<sup>5</sup>, “a equivalência tradutória ocorre quando um texto ou item na LF e na LA são relacionáveis no tocante às mesmas ou a algumas características de substâncias”. Conforme o autor, “substância” se refere ao meio através do qual a linguagem se manifesta, podendo ser fônica, gráfica, lexical ou gramatical, e uma das condições necessárias para a equivalência tradutória na teoria de Catford é haver um nível de igualdade entre as substâncias do TF e do TA. Em outras palavras, segundo Catford (1965/1978), a equivalência tradutória acontece quando textos ou itens da LF e da LA são permutáveis em determinadas situações, e, quase sempre, essa equivalência

---

<sup>4</sup> Escolhemos utilizar o termo “translation shifts” em inglês no subtítulo desta seção porque, na opinião do autor desta dissertação, o termo em inglês parece exprimir de forma mais adequada a ideia do conceito em questão do que o termo em português.

<sup>5</sup> No original: “Translation equivalence occurs when an SL and a TL text or item are relatable to (at least some of) the same features of substance.”

acontece no nível da sentença, como exposto anteriormente, pois essa é a unidade gramatical mais intimamente ligada às funções discursivas de uma situação. Na tradução total, consoante o autor, não se devem buscar equivalentes com o “mesmo” significado, mas, sim, itens com mais probabilidade de serem trocados uns pelos outros nas situações.

Ao se pensar em equivalência tradutória como fenômeno empírico, devem-se considerar a equivalência textual e a correspondência formal. Para Catford (1965/1978), a equivalência textual acontece quando um texto ou uma parte dele na LA pode ser entendido como o equivalente de um texto ou parte dele na LF. Já a correspondência formal acontece quando qualquer categoria da LA é reconhecida como tendo um dado papel em tal língua da “mesma” forma que acontece na LF com uma categoria que tem um dado papel nessa língua.

Para Catford (1965/1978), qualquer teoria da tradução deveria ter como base uma teoria linguística, e, como base para sua teoria, o autor escolheu a gramática sistêmico-funcional de Halliday. Na visão de Catford (1965/1978) sobre o significado linguístico, o significado (*meaning*) de um item deriva de seu lugar em um sistema, e essa propriedade da linguagem, que é um fator importante na tradução, pode ser definida como uma rede total de relações inerente a qualquer forma linguística, seja ela um texto, uma estrutura ou uma classe, por exemplo. Conforme o autor, tais relações podem ser formais, ou seja, relações entre um item formal e outros itens formais na mesma língua, as quais constituem o significado formal; e podem ser contextuais, isto é, a relação entre itens gramaticais ou lexicais e elementos situacionais linguisticamente relevantes em textos, sendo que tais relações formam o significado contextual.

Uma teoria da tradução não pode trabalhar com transferência de significado entre línguas, segundo Catford (1965/1978), porque cada língua possui certos elementos relevantes para determinados itens, o que torna tal transferência impossível. No entanto, conforme o autor, é possível trabalhar com transferência ao se realizarem operações em que parte do texto na LA, ou sua totalidade, tenham valores da LF, o que se chama de transferência. Assim sendo, na tradução, há substituição de significados da LA pelos significados da LF, e não transferência dos significados da LF para a LA. Na transferência, há a implantação de valores da LF na LA.

Há algumas mudanças (*shifts*) que ocorrem na tradução, as quais podem ser de nível e de categoria, conforme Catford (1965/1978). Na mudança de nível, de acordo com o autor, um item da LF em um nível linguístico tem seu equivalente na LA em outro nível, ocorrendo apenas da gramática para o léxico e vice-versa. Como exemplo, considerando as sentenças “He’d just had a brilliant idea [...]” (p. 155, grifo nosso)<sup>6</sup> e “Ele acabou de ter uma ideia brilhante [...]” (p. 149, grifo nosso), podemos averiguar que “had just had”, uma ação no tempo verbal *past perfect*, ou pretérito mais-que-perfeito (no português brasileiro), à qual soma-se o advérbio “just”, que exprime a ideia de ação recente, foi traduzida como “acabou de ter”, sendo que “acabar de”, no português brasileiro, exprime a ideia de ação recentemente realizada. Assim sendo, houve uma mudança no nível gramatical da LF para o nível lexical da LA.

Na mudança de categoria, de acordo com Catford (1965/1978), um elemento não muda de nível, mas, sim, muda de categoria dentro do mesmo nível, podendo ser uma mudança de estrutura, de classe, de unidade ou dentro do próprio sistema. Como exemplo de mudança de estrutura, podemos constatar que “Did you give him a dollar?” (p. 37, grifo nosso) e “Você deu um dólar para ele?” (p. 43, grifo nosso) têm tal tipo de mudança, porque, ao passo que o verbo “give” é seguido pelo objeto indireto “him” sem uma preposição, o verbo “deu” rege um objeto indireto com preposição. Além disso, no exemplo em inglês, o objeto direto está após o objeto indireto, o contrário do que acontece no exemplo em português brasileiro. Como exemplo de mudança de classe, podemos verificar que nas sentenças “The three of them had coffee in the *Paradice staff cafeteria*” (p. 311, grifo nosso) e “Os três tomaram café na *cafeteria dos funcionários do Paradice*” (p. 292, grifo nosso), a expressão “Paradice staff cafeteria”, a qual tem “Paradice” e “staff” como substantivos com função de adjetivo, é traduzida como “cafeteria dos funcionários do Paradice”, uma locução adjetiva de ideia semelhante. Como exemplo de mudança dentro do próprio sistema, podemos perceber que, nas sentenças “Love was its own transparent bubble-dome” (p. 165, grifo nosso) e “O amor era como uma bolha transparente” (p. 158, grifo nosso), o substantivo “love”, que no exemplo em inglês não é precedido por um artigo, ou melhor, é precedido pelo artigo zero (Ø), é

---

<sup>6</sup> A maioria dos exemplos deste capítulo foi retirada de *Oryx and Crake* (ATWOOD, 2003) - exemplos em inglês - e/ou *Oryx e Crake* (ATWOOD, 2018) - exemplos em português brasileiro. Os exemplos restantes, de outros autores, estão devidamente indicados.

encontrado como “o amor” no exemplo em português brasileiro, ou seja, o substantivo “amor” é precedido pelo artigo definido “o”. Dessa forma, houve uma mudança dentro do sistema de artigos.

### 1.1.2. Práticas atuais dos Estudos da Tradução com base na LSF

Kunz e Teich (2017) descrevem algumas práticas atuais da tradução baseada na LSF e fazem algumas recomendações. Sobre processamento de corpus, anotação e consulta, as etapas de processamento padrão são a segmentação de sentenças, a tokenização e a marcação de classes de palavras, e, no caso de corpora paralelos, alinhamento de texto e tradução (KUNZ; TEICH, 2017). Em relação a corpora de tradução, as autoras consideram que o material é multilíngue, exceto nos corpora comparáveis, e tal material deve ser alinhado, no caso dos corpora paralelos. As autoras ainda apontam que construir um corpus é uma tarefa árdua, especialmente no que se refere a corpora de tradução. Dessa forma, antes de se iniciar trabalhos, é recomendado que se verifique se já existem materiais de pesquisa disponíveis, como o EUROPARL (de línguas europeias) e o TEC (da língua inglesa) (KUNZ; TEICH, 2017).

O conceito de registro é relevante nos ET (KUNZ; TEICH, 2017). Para Halliday e Hasan (1989), conforme Thompson (2014), “registro” é a variação de uma língua de acordo com o seu uso, isto é, o registro leva em consideração o que é dito em dado momento, dependendo da finalidade e da natureza de funcionamento. Outrossim, há três diferentes dimensões que caracterizam qualquer registro: o campo (*field*), sobre o que está se falando; as relações (*tenor*), que estão vinculadas às interações dos envolvidos na comunicação; e o modo (*mode*), relacionado ao fato de como a interação acontece através da linguagem, como já mencionado anteriormente (THOMPSON, 2014). Essas dimensões correspondem, respectivamente, à metafunção ideacional, à metafunção interpessoal e à metafunção textual.

Para Kunz e Teich (2017), as duas razões que explicam o sucesso da noção de registro nos ET são o fato de ela prover uma estrutura que possibilita ao(a) tradutor(a) combinar a interpretação do contexto sociocultural com microanálise, e o fato de ela desfazer as barreiras entre estudos teóricos, descritivos e aplicados da tradução. Kunz e Teich (2017) ressaltam que a noção de registro da LSF proveu

inúmeros conhecimentos para a tradução como produto, mas que há poucos trabalhos sobre a tradução como processo, apesar de atualmente pesquisadores(as) combinarem perspectivas orientadas da tradução como produto e processo. Em termos teóricos, segundo Malmkjaer (2005), uma das propostas de teoria da tradução direcionada para a Linguística Aplicada é a de Catford (1965/1978).

Estudiosos(as) da tradução, com diferentes objetivos, utilizam o modelo de registro da LSF ao descrever a variação entre textos originais e suas traduções (KUNZ; TEICH, 2017). Quanto a isso, Kunz e Teich (2017) citam trabalhos como House (1997, 2001), Steiner (2001), Teich (2003), Hansen-Schirra *et al.* (2012) e Neumann (2013). Os três últimos são estudos baseados em corpus, e utilizam o modelo de registro para medir o contraste de escolhas linguísticas em TAs, permitindo, assim, identificar preferências léxico-gramaticais e interpretar coocorrências como indicadores de variação de registro (KUNZ; TEICH, 2017). Essa abordagem é valiosa porque os ET são informados pela identificação da variação intralingual; porque a identificação da variação interlingual demonstra que funções equivalentes podem ser instanciadas em línguas diferentes; e porque abordagens empíricas que combinam o modelo abstrato de LSF com métodos quantitativos provêm entendimento sobre a relação entre registro e tradutês (*translationese*) (KUNZ; TEICH, 2017).

Assis (2017), ao investigar a representação de Amaro em *Bom Crioulo* e em sua tradução para o inglês, *The Black Man and the Cabin Boy*, executa sua análise comparando o sistema de transitividade referente à metafunção ideacional da LSF de Halliday. A autora explica que essa abordagem é favorável em contextos tradutórios pois é eficaz ao demonstrar como ocorre a representação por meio dos "participantes" presentes nos textos literários. Além disso, segundo Assis (2017), essa abordagem também é favorável porque sua aplicação incide sobre suas relações (*tenor*) com o contexto social no qual a linguagem está inserida, e porque o campo (*field*) é refletido pela metafunção ideacional.

Conforme Kunz e Teich (2017), os corpora comparáveis, corpora de tradução e corpora paralelos são normalmente utilizados nos ET para análises indicativas e imperativas. As autoras explicam que os corpora comparáveis são acervos de textos monolíngues formados por um sub-corpus de textos originais em determinada língua e um sub-corpus de traduções para a mesma língua da LF, e são utilizados

em estudos léxico-gramaticais e de coesão. Os corpora de tradução, os quais são vastamente empregados em estudos de equivalência de tradução, são bilíngues e dividem-se em dois sub-corpora, os quais são textos originais em determinada língua, e suas traduções em outra (KUNZ; TEICH, 2017). Os corpora paralelos são uma combinação dos outros dois tipos de corpora, pois são bidirecionais, em outras palavras, contêm textos originais em dois idiomas e suas traduções em outro idioma, e, através deles, é possível contrastar textos originais em duas línguas e, também, contrastar textos originais e suas traduções na mesma língua (KUNZ; TEICH, 2017).

A tradução, cujos registros mais antigos datam do terceiro milênio antes de Cristo, com propósitos religiosos e políticos, respectivamente, na Babilônia e no Egito, agora é uma disciplina com caráter interdisciplinar (STOLZE, 2011), como já mencionado. Além disso, os ET têm promovido um diálogo profícuo com a LSF, como é possível perceber ao se averiguar trabalhos como Braga (2016), o qual será abordado no subcapítulo 1.2.3, e Santos (2013), D'Ávila e Rodrigues (2014), Rodrigues (2014), e Assis (2017), os quais serão abordados no subcapítulo 1.4.

## **1.2. LSF**

O significado é essencialmente igualado à função nas abordagens gramaticais funcionais (THOMPSON, 2014). Halliday (1994) defende haver três tipos particularmente relevantes de significado, os quais são a base para explorar como os significados são criados e compreendidos ao usar a linguagem. De acordo com Thompson (2014), a linguagem é utilizada para a interação entre pessoas, para os mais diversos propósitos, como influenciar, opinar, pedir, e assim por diante. O autor ainda declara que se usa a linguagem para falar sobre as experiências de mundo, podendo esse ser interno ou externo para os indivíduos. Outrossim, ela é usada para organizar mensagens de forma a indicar que elas fazem parte de um contexto abrangente de fala ou escrita. Assim, de acordo com Halliday (1994), temos as metafunções da linguagem, respectivamente, a ideacional (foco desta pesquisa), a interpessoal e a textual. Cada metafunção consiste em um componente, cada componente tem seu próprio sistema de escolhas, e o resultado dessas escolhas é uma estrutura (THOMPSON, 2014), como já mencionado. Ravelli (2000) ressalta que

as três metafunções, ou tipos de significado, se revelam simultaneamente em um texto; enquanto cada uma contribui com diferentes estruturas para o texto, elas estão sempre presentes. Às vezes, o que é dito pela perspectiva de uma análise parecerá se sobrepor ou reiterar uma descoberta de outra análise. (RAVELLI, 2000, p. 58, tradução nossa)<sup>7</sup>

Na metafunção ideacional, em seu componente lógico, trata-se de unidades complexas da oração, ou complexos oracionais, formadas por uma oração núcleo que é influenciada por orações que a modificam (HALLIDAY, 1994). Thompson (2014) explica que é necessário explorar os tipos de relações estabelecidas entre as orações, e, assim, o que para Halliday e Matthiessen (2014) corresponde ao componente lógico da metafunção ideacional, para Thompson, é uma quarta metafunção, a metafunção lógica. O autor explica que, enquanto as outras três metafunções lidam com os significados expressos pelas mensagens, a metafunção lógica trabalha com os tipos de conexões estabelecidas entre as mensagens que produzimos. Thompson (2014), em consonância com Halliday (1994), esclarece que tal metafunção, diferente das outras, vai além da sentença, pois lida com complexos oracionais. De acordo com Thompson (2014), há duas dimensões no que se refere às relações entre orações, a saber, relações de dependência lógica, e relações lógico-semânticas. Aquelas se dividem em “hipotaxe” (dependência) e “parataxe” (igualdade); as outras se dividem em “expansão” e “projeção”.

Já no componente experiencial da metafunção ideacional, a oração é utilizada para representar padrões de experiências através de "processos" (HALLIDAY, 1994), e esses são constituídos de três componentes, os quais são os "processos" propriamente ditos, os "participantes" e as “circunstâncias”. Segundo Halliday (1994), as experiências são constituídas de acontecimentos (*goings-on*), e eles são distribuídos na gramática da oração. Através do sistema de transitividade da gramática, é possível refletir e ordenar a infinita variação e fluxo de eventos, além de ser possível descrever ações, dar e receber informações, dentre outras funções (HALLIDAY, 1994). Há três principais tipos de "processos" construídos por tal sistema, de acordo com a LSF de Halliday. Os "processos" materiais dão cabo das experiências externas ao indivíduo, do que acontece no mundo externo. Os "processos" mentais dão cabo das experiências internas dos indivíduos, isto é, são relacionados à consciência. Os "processos" relacionais, os quais utilizamos para

---

<sup>7</sup> No original: “The three metafunctions, or types of meaning, unfold simultaneously in a text; while each contributes different structures to the text, they are always copresent. Sometimes, what is said from the perspective of one analysis will seem to overlap with or reiterate a finding from another analysis.”

classificar e identificar, dão cabo de relacionar um fragmento de experiência com outro.

Na metafunção interpessoal, as relações são construídas através das relações pessoais existentes entre os interagentes das situações, as opiniões e atitudes expressas, o grau de formalidade, e assim por diante (RAVELLI, 2000). De acordo com Thompson (2014, p. 47, tradução nossa, grifo do autor)<sup>8</sup>, “os propósitos mais fundamentais em qualquer troca são, claro, **fornecer** (e receber) ou **demandar** um bem de algum tipo (e ser atendido)”. Essa mercadoria pode tanto ser relacionada a bens-e-serviços quanto a informações, e, quando se fornecem ou demandam bens-e-serviços ou informações, têm-se as quatro funções primárias do discurso, a saber, oferta, comando, declaração e pergunta (HALLIDAY, 1994). Nessa metafunção, há dois principais componentes, os quais são o Sujeito (*Subject*), “que é o grupo nominal” (HALLIDAY, 1994, p. 72, tradução nossa)<sup>9</sup> e o Finito (*Finite*), que é “a parte do grupo verbal que indica o tempo verbal ou a modalidade” (RAVELLI, 2000, p. 45, tradução nossa)<sup>10</sup>. Sujeito e Finito, quando combinados, formam o Modo Oracional (*Mood*) do discurso, como explica Halliday (1994).

Na metafunção textual, escolhas são feitas para que a organização da linguagem possa produzir mensagens (RAVELLI, 2000). Segundo Ravelli (2000), um texto desorganizado é deficiente em significado, o que torna palavras e sentenças ininteligíveis. Segundo Halliday (1994), além do sistema de informação (Dado e Novo), essa metafunção leva em conta dois componentes, a saber, o Tema (*Theme*) e o Rema (*Rheme*). O Tema é o primeiro constituinte da oração (THOMPSON, 2014), e funciona como o ponto de partida (HALLIDAY, 1994), ou seja, é sobre o que se desenvolve a mensagem (RAVELLI, 2000), e o Rema é o remanescente da oração. De forma breve, quando o Tema de uma oração também é o Sujeito, significa que a oração tem Tema não marcado, caso o Tema seja composto por outro elemento, como um “elemento circunstancial”, significa que o Tema é marcado (THOMPSON, 2014).

Antes de partirmos para as seções em que detalhamos os elementos da metafunção ideacional, ou seja, “participantes”, “processos” e “circunstâncias”, iremos demonstrar como os elementos de uma oração podem ser categorizados do

<sup>8</sup> No original: “The most fundamental purposes in any exchange are, of course, **giving** (and taking) or **demanding** (and being given) a commodity of some kind.”

<sup>9</sup> No original: “[...] which is the nominal group.”

<sup>10</sup> No original: “[...] is the part of the verbal group which indicates tense or modality.”

ponto de vista de cada uma das três metafunções acima mencionadas. Para isso, nos baseamos na análise feita por Thompson (2014, p. 32), o qual utiliza a oração “Did you take her calculator just now?”; nós analisamos a oração “Did you ever scrub floors?” (p. 115), que, na voz passiva, ocorre como “Were floors ever scrubbed by you?”. Para cada uma de nossas demonstrações, há uma figura contendo as categorizações para facilitar a compreensão do(a) leitor(a).

(i) Do ponto de vista ideacional, “you” é “ator”, “Did + scrub” é “processo”, “floors” é “meta”, e “ever” é “circunstância”. Por essa perspectiva, vê-se como as entidades e os eventos são referidos. Na voz passiva, o “ator” permanece o mesmo.

**Figura 1** - Quadro com a categorização de uma oração do ponto de vista ideacional

<b>Did</b>	<b>you</b>	<b>ever</b>	<b>scrub</b>	<b>floors?</b>
Processo	Ator	Circunstância	Processo	Meta
<b>Were</b>	<b>floors</b>	<b>ever</b>	<b>scrubbed</b>	<b>by you?</b>
Processo	Meta	Circunstância	Processo	Ator

Fonte: Baseado em Thompson (2014, p. 32)

(ii) Do ponto de vista interpessoal, “did” é o Finito, “you” é o Sujeito, “ever” é o Adjunto, “scrub” é o Predicador, e “floors” é o Complemento. “Did” e “you” formam o Modo Oracional (*Mood*), e “scrub”, “floors” e “ever” formam o Resíduo (*Residue*) da oração. Tendo “you” como Sujeito, vê-se a oração pela perspectiva interpessoal de como o sentido é negociado pelo(a) falante (*speaker*) com o(a) ouvinte. Na voz passiva, “floors” torna-se Sujeito, e “you” passa a ser acompanhado pela preposição “by” e se torna um Adjunto.

**Figura 2** - Quadro com a categorização de uma oração do ponto de vista interpessoal

<b>Did</b>	<b>you</b>	<b>ever</b>	<b>scrub</b>	<b>floors?</b>
Finito	Sujeito	Adjunto	Predicador	Complemento
Modo Oracional		Resíduo		

<b>Were</b>	<b>floors</b>	<b>ever</b>	<b>scrubbed</b>	<b>by you?</b>
Finito	Sujeito	Adjunto	Predicador	Adjunto
Modo Oracional		Resíduo		

Fonte: Baseado em Thompson (2014, p. 33)

Cabe destacar que, de acordo com Halliday (1994), consideramos “ever” como um Adjunto Modal nesta dissertação. Portanto, na anotação do corpus, esse constituinte não foi considerado um Adjunto Circunstancial.

(iii) Pela perspectiva textual, “Did you” é o Tema e “ever scrub floors?” é o Rema. O(a) falante (*speaker*) ordena os grupos e locuções com o Tema, e, mesmo na voz passiva, isto é, “Were floors [Tema] ever scrubbed by you? [Rema]”, a sinalização sintática de interrogação permanece no Tema.

**Figura 3** - Quadro com a categorização de uma oração do ponto de vista textual

<b>Did</b>	<b>you</b>	<b>ever</b>	<b>scrub</b>	<b>floors?</b>
Tema		Rema		

<b>Were</b>	<b>floors</b>	<b>ever</b>	<b>scrubbed</b>	<b>by you?</b>
Tema		Rema		

Fonte: Baseado em Thompson (2014, p. 33)

### 1.2.1. “Processos” e “participantes”

Os "processos" materiais relacionam-se com o “fazer”, e expressam a noção de que uma entidade faz algo, que pode ser feito para uma outra entidade (HALLIDAY, 1994). De acordo com Halliday (1994), esses "participantes" são chamados de “ator” (*actor*), ou seja, aquele que desempenha a ação (concreta ou

abstrata) e que tem presença obrigatória na oração; e “meta” (*goal*), a entidade à qual a ação é direcionada, e que tem presença opcional, similar ao que acontece nos “processos” mentais com o “fenômeno” (*phenomenon*). Conforme Thompson (2014), os “processos” materiais envolvem ações físicas, como correr, arremessar, cozinhar, dentre outras, e formam a maior e mais diversa categoria do sistema de transitividade.

Os “processos” mentais, cujos “participantes” são o “experienciador” (*senser*) e o “fenômeno”, abrangem orações sobre “sentir”, “pensar” e “perceber”, e se distinguem dos “processos” materiais ao se considerar cinco critérios estabelecidos por Halliday (1994). (1) Em orações de “processo” mental, há sempre um “participante” com características humanas, em outras palavras, há sempre um ser no qual se investe consciência, e esse é quem sente, pensa ou percebe. (2) O outro “participante” principal desse “processo”, ou seja, aquilo que é sentido, pensado ou percebido, além de ser um “algo”, pode ser um “fato” (metafenômeno), que nada mais é do que um “participante” projetado através de um discurso indireto. (3) Nesse “processo”, o tempo verbal não-marcado é o presente simples, porque normalmente não são presos no tempo, diferente do tempo verbal não-marcado dos “processos” materiais, que é o “presente no presente” (presente contínuo), pois tais “processos” possuem começos e fins bem definidos. (4) Nos “processos” mentais, o “experienciador” pode funcionar como Sujeito, e o mesmo vale para o “fenômeno” sendo experienciado em uma oração; mesmo com essa bidirecionalidade (não presente nos “processos” materiais), a oração pode se manter na voz ativa, isto é, um “fenômeno” pode funcionar como Sujeito e a oração estar na voz ativa, assim como um “experienciador” pode funcionar como Sujeito e a oração também estar na voz ativa. (5) Por serem “processos” sobre “pensar”, esses “processos” não podem ser testados com uma pergunta contendo o verbo “fazer”, teste que pode ser feito nos “processos” materiais.

Os “processos” relacionais podem ser descritos como aqueles sobre “ser”, isto é, uma relação é estabelecida entre dois conceitos, e a função do “processo” serve para sinalizar a existência da relação (THOMPSON, 2014). Para Halliday (1994), a construção sistemática dos “processos” relacionais é dividida em três tipos principais:

(1) intensivo, do tipo “x é a”; (2) circunstancial, do tipo “x está em a”; e (3) possessivo, do tipo “x tem a”. Cada um desses tipos é apresentado de dois modos distintos: (a) atributivo, do tipo “a é um atributo de x”; e (b)

identificativo, do tipo “a é a identidade de x”. (HALLIDAY, 1994, p. 119, tradução nossa)<sup>11</sup>

É importante ressaltar que os modos identificativos são reversíveis, sendo possível trocar “a” e “x” de posições, o que não é possível fazer com os modos atributivos (HALLIDAY, 1994).

Nos "processos" intensivos atributivos, de acordo com Thompson (2014), um "participante", que é o “portador” (*carrier*), tem uma qualidade, que é o “atributo” (*attribute*), atribuída a ele, como em “[...] ele estava abalado” (p. 66), sendo “ele” o “portador” e “abalado” o “atributo”. Segundo Halliday (1994), há quatro características das orações dos "processos" intensivos atributivos que as distinguem dos identificativos, e que também se aplicam aos "processos" relacionais circunstanciais e possessivos em seus modos atributivos. (1) O grupo nominal funcionando como “atributo” é tipicamente indefinido, ou seja, possui um adjetivo ou um substantivo comum como núcleo, também podendo possuir um artigo indefinido. (2) O verbo que realiza o “processo” faz parte da classe dos verbos “atribuíveis”. (3) Para testar tais orações, fazem-se perguntas do tipo “o quê?”, “como?”, “como o quê?”. (4) Como já elucidado antes, essas orações não são reversíveis, em outras palavras, não aceitam forma passiva.

Já nos "processos" intensivos identificativos, ainda de acordo com Halliday (1994), algo tem uma identidade designada a si, ou seja, uma entidade é utilizada para identificar outra. O autor exemplifica essa relação com os exemplos “x é identificado por a” ou “a serve para definir a identidade de x”, sendo “x” chamado de “identificado” (*identified*) e “a” chamado de “identificador” (*identifier*). Consoante ao autor, há quatro características das orações dos "processos" intensivos identificativos que contrastam com os atributivos, e que também se aplicam aos "processos" relacionais circunstanciais e possessivos em seus modos identificativos. (1) O grupo nominal funcionando como “identificador” é tipicamente definido, isto é, possui um substantivo comum como núcleo, antecedido pelo artigo definido “o” ou “a”, ou qualquer outro determinante. (2) O verbo que realiza o “processo” faz parte da classe dos verbos “equativos”. (3) Para testar essas orações, fazem-se perguntas do tipo “qual?”, “quem?”, “como qual/quem?” (ou “o

---

<sup>11</sup> No original: “(1) Intensive, of the “x is a” type; (2) circumstantial, of the “x is at a” type; and (3) possessive, of the “x has a” type. Each of these types comes in two distinct modes: (a) attributive, like “a is an attribute of x”, and (b) identifying, like “a is the identity of x”.

quê?”, se a escolha for aberta). (4) Como informado anteriormente, essas orações são reversíveis, ou seja, aceitam forma passiva.

Como nesse modo identificativo cada "participante" pode ser utilizado para identificar o outro, assim como explicita Halliday (1994), ambos podem ser “identificado” e “identificador”, dependendo da pergunta sendo feita. No exemplo “Este aqui é o mais recente” (p. 191), se a pergunta “Qual é este aqui?” for feita, “Este aqui” é “identificado” e “o mais recente” é “identificador”. Se a pergunta “Qual é o mais recente?” for feita, “Este aqui” é “identificador” e “o mais recente” é “identificado”. Assim, a diferenciação pode ser realizada, no modo supramencionado, pela entonação, conforme o autor esclarece. O padrão típico é que o “identificador” carregue a proeminência tônica (HALLIDAY, 1994).

Em orações intensivas identificativas, os dois "participantes" se referem ao mesmo objeto, mas a oração não é tautológica, isto é, a oração não expressa a mesma coisa de formas diferentes, por isso deve haver alguma diferença entre elas (HALLIDAY, 1994). Segundo o autor, chama-se de “característica” (*token*) o "participante" que representa, e de “valor” (*value*) o "participante" que é representado. Thompson (2014, p. 103, tradução nossa, grifo do autor)<sup>12</sup> informa que “a categoria mais geral é chamada de **valor**, enquanto a mais específica é a **característica**”, como em “Camisas xadrez eram sua roupa mais elegante” (p. 193), na qual “camisas xadrez” é a “característica” e “sua roupa mais elegante” é o “valor”. Ao considerarmos a visão de Halliday (1994) sobre qual elemento representa e qual é representado, e a visão de Thompson (2014) sobre qual elemento é o mais geral e qual é o mais específico, escolhemos sempre trabalhar com as classificações “identificador”/“característica” e “identificado”/“valor”, o que, segundo aquele autor, representa uma oração com foco de informação marcado (*marked information focus*).

Halliday (1994) explica que a voz da oração em orações com o verbo “ser” pode ser reconhecida através da estrutura de “característica” e “valor”. A voz é ativa quando o Sujeito e a “característica” são a mesma entidade, o que pode ser melhor entendido se o verbo “ser” for trocado por “representar”, por exemplo, pois com outros verbos torna-se mais fácil de perceber a voz da oração (HALLIDAY, 1994). Na oração “*Eu sou o seu passado*” (p. 103, grifo da autora), ao se trocar o verbo

---

<sup>12</sup> No original: “The more general category in both examples is called the **Value**, while the specific embodiment is the **Token**.”

“ser” por “representar”, tem-se “Eu represento o seu passado”, ou seja, é ativa, porque “eu” é “característica” e Sujeito, e “seu passado” é “valor”. Já na oração “O seu passado é eu”, ao se trocar o verbo “ser” por “representar”, tem-se “O seu passado é representado por mim”, ou seja, é passiva, porque “o seu passado” é Sujeito e “valor”, e “por mim” é a “característica”.

Nos "processos" circunstanciais atributivos, o elemento circunstancial (tempo, lugar, modo, causa, acompanhamento, papel, assunto e ângulo) é um “atributo” atribuído a uma entidade, de acordo com Halliday (1994). Esse modo pode ser expresso através da “circunstância” como “atributo”, ou da “circunstância” como “processo” (HALLIDAY, 1994), como em “Jimmy [...] estava *com a loura LyndaLee*” (p. 75, grifo nosso) e “O papel de parede *durava* pouco em dias úmidos [...]” (p. 191, grifo nosso), na mesma ordem. Tendo a “circunstância” como “atributo”, a relação é expressa através de alguma preposição, como “sobre”, “em”, “com”, por exemplo, conforme o autor. E tendo a “circunstância” como “processo”, o “atributo” é um grupo nominal expresso por um verbo, como “durar”, “pesar”, “custar”.

Nos "processos" circunstanciais identificativos, a “circunstância” é estabelecida através de uma relação entre duas entidades, essa caracterizando tempo, lugar, modo, dentre outras, e pode ser expressa por "participantes" e por “processos” (HALLIDAY, 1994), como em “O *mês* poderia ser *outubro ou novembro*” (p. 25, grifo nosso) e “[...] AnooYoo, um complexo secundário [que está] *situado* tão próximo a uma das mais dilapidadas plebelândias [...]” (p. 232, grifo nosso), respectivamente. Tendo a “circunstância” como "participante", ambos “identificador” e “identificado” são elementos do mesmo tipo circunstancial; a relação aqui é intensiva, mas os "participantes" estão disfarçados de “elementos circunstanciais”, como Halliday (1994) alerta. Por exemplo, em “Aqui é o ginásio” (p. 74), “aqui” e “o ginásio” são elementos de localização. E tendo a “circunstância” como “processo”, não são os "participantes" que expressam a “circunstância”, mas, sim, o “processo” em si. Por exemplo, em “Jimmy *acompanhou-os* até a porta da câmara de compressão [...]” (p. 307, grifo nosso), o “processo” expressa “circunstância” de acompanhamento, e em “[Esses homens] *parecem* uma fonte barroca” (p. 149, grifo nosso), o “processo” expressa “circunstância” de papel.

Uma relação de posse é estabelecida entre duas entidades nos "processos" possessivos, isto é, uma entidade possui a outra (HALLIDAY, 1994). No modo “possessivo atributivo”, a relação de posse surge como “atributo” ou como

“processo”. Na relação de posse codificada como “atributo”, a entidade possuída é “portador” e a entidade possuidora é “atributo”, de acordo com Halliday (1994), como em “Paradice era *uma criação dele*” (p. 281, grifo nosso), sendo “Paradice” o “portador” e “uma criação dele” o “atributo”. Na relação atributiva possessiva através de “processo”, o possuidor pode ser “portador” e o possuído pode ser “atributo”, como em “Ele *tem* um mapa do Complexo” (p. 333, grifo nosso), porque a posse do “mapa do Complexo” é atribuída a “Ele”; ou o possuidor pode ser “atributo” e o possuído pode ser “portador”, como em “[...] ele *pertencia* a uma espécie diferente” (p. 99, grifo nosso), porque a posse de “ele” é atribuída a “uma espécie diferente” (HALLIDAY, 1994).

Já nos “processos” possessivos identificativos, a posse acontece através de uma relação entre duas entidades, tanto caracterizada por “participantes” como por “processos” (HALLIDAY, 1994). Na posse caracterizada por “participantes”, como no exemplo “A culpa é dele mesmo” (p. 93), as entidades incorporam a noção de posse, uma delas sendo a expressão de posse do possuidor, “dele mesmo”, e a outra sendo o objeto possuído, “a culpa”. Nesse caso, “a culpa” é “característica” e “dele mesmo” é “valor” (HALLIDAY, 1994). Na posse caracterizada por “processo”, o verbo normalmente utilizado é “possuir”, como em “[eles] não possuíam os conjuntos neurais” (p. 287), sendo que “eles” é possuidor e “característica”, e “os conjuntos neurais” é o possuído e “valor” (HALLIDAY, 1994). Nessa categoria, conforme o autor, outros verbos podem ser considerados, como “incluir”, “envolver”, “conter”, “abranger”, e assim por diante.

Além dos três “processos” principais já mencionados, há três tipos de “processos” subsidiários, a saber, “processos” verbais, comportamentais e existenciais (HALLIDAY, 1994). É importante ressaltar que Thompson (2014) não considera os “processos” verbais como subsidiários, mas, sim, como principais. Para Halliday (1994), os verbais compartilham características dos “processos” mentais e relacionais; os comportamentais compartilham características dos “processos” materiais e mentais; e os existenciais compartilham características dos “processos” relacionais e materiais.

Ao passo que Halliday (1994) afirma que os “processos” verbais possuem características mentais e relacionais, Thompson (2014) considera que os “processos” verbais compartilham características dos “processos” mentais e materiais, em outras palavras, “dizer algo é uma ação física que reflete operações

mentais” (THOMPSON, 2014, p. 106, tradução nossa)<sup>13</sup>. Já Halliday e Matthiessen (2014) defendem que os "processos" verbais, dependendo da estrutura das orações, ora possuem características mentais, ora possuem características materiais, e ora possuem características relacionais, visão também diferente da de Halliday (1994). Conforme Halliday (1994), tais "processos" têm relação com o dizer, compreendendo, de forma ampla, qualquer tipo de troca simbólica de significado, e os "participantes" das orações verbais são chamados de “dizente” (*sayer*), “receptor” (*receiver*), “verbiagem” (*verbiage*) e “alvo” (*target*). De acordo com o autor, o “dizente” não exige um "participante" consciente, podendo ser qualquer coisa que emita um sinal ou mensagem (uma pessoa, uma placa, um semáforo, um manual, por exemplo). O “receptor” é aquele para quem a mensagem é direcionada. A “verbiagem” é o que está sendo dito, podendo ser o conteúdo do que foi dito, como em “Ele descrevia a *dieta de botulismo* [...]” (p. 183, grifo nosso), ou o nome da declaração, como em “Você não respondeu a *minha pergunta*” (p. 297, grifo nosso). Ademais, o que é dito pelo “dizente” pode ser uma oração secundária dentro de um complexo oracional, e pode ser citado diretamente, como em “[...] exceto quando *seu pai dizia ‘fica frio’*” (p. 26, grifo nosso), ou reportado indiretamente, como em “*Ele disse que eles tinham que andar muito depressa* [...]” (p. 119, grifo nosso). Como explica Halliday (1994), o “alvo” é a entidade sobre a qual está sendo declarado algo no “processo”, como em “Você não deve culpar a *si mesmo*, filho” (p. 67, grifo nosso).

Halliday (1994) elucida que os "processos" comportamentais, os quais são "processos" de comportamentos fisiológicos e psicológicos (tipicamente humanos), compartilham características dos materiais e mentais, pois são "processos" que têm início no domínio cognitivo e são expressos materialmente. Seu “participante” é chamado de “comportante” (*behave*), o qual é tipicamente um ser consciente, como o “experienciador”, mas o “processo” se relaciona mais ao tipo “fazer”. Halliday (1994) expressa que o comportamento realizado pelo “comportante” não é considerado um “participante” na estrutura comportamental, mas, sim, é considerado um “alcance” (*range*), destoando da concepção mais atual de Halliday e Matthiessen (2014), os quais não consideram somente o comportamento como um “alcance”, mas também como um “participante” chamado de “comportamento”

---

<sup>13</sup> No original: “[...] saying something is a physical action that reflects mental operations.”

(*behaviour*). Como nossa base teórica principal é Halliday (1994), iremos classificar os comportamentos do corpus de estudo como “alcances”. Assim como o autor elucida, o padrão mais comum de oração para o “processo” comportamental é um “comportante” e um “processo”, como em “Você está sonhando!” (p. 197).

E os “processos” existenciais compartilham características dos relacionais e dos materiais, sendo seu “participante” chamado de “existente” (*existent*) (HALLIDAY, 1994). Tais “processos” representam o existir ou o acontecer de algo, e os verbos mais comumente utilizados (há outros verbos, como “permanecer” e “ocorrer”), no português brasileiro, são “ter”, como em “*Tem* uma lagarta descendo por um fio [...]” (p. 47, grifo nosso) e “haver”, como em “*Havia* uma barra lateral com botões [...]” (p. 79, grifo nosso), e frequentemente são acompanhados de “elementos circunstanciais” de local e tempo (HALLIDAY, 1994).

Há outros dois tipos de “participantes” cujas funções podem ser vistas em uma variedade de tipos de “processos”. “Beneficiário” (*beneficiary*) e “alcance” (*range*) não são semanticamente inerentes aos “processos”, porque são opcionais (HALLIDAY, 1994).

O beneficiário, aquele para quem ou por quem o “processo” existe, aparece em “processos” materiais e verbais, e pode ser manifestado, fortuitamente, em “processos” relacionais na língua inglesa, conforme Halliday (1994). Em “processos” materiais, o beneficiário ora é “recebedor” (*recipient*), pois recebe bens, ora é “cliente” (*client*), pois serviços são feitos a ele, como é possível notar em “Adão deu nome *aos animais vivos* [...]” (p. 80, grifo nosso) e “[...] ela esquentava o jantar só *para ela e Jimmy*” (p. 69, grifo nosso), respectivamente. Segundo o autor, o “recebedor” ocorre praticamente apenas em orações que contém uma “meta”, a qual representa o bem recebido pelo “recebedor”, e esse bem nem sempre é algo benéfico. Em “processos” verbais, o “alcance” funciona como “receptor”, como em “Ele vai ter que contar *aos filhos de Crake* que está indo” (p. 146, grifo nosso).

O “alcance”, de acordo com Halliday (1994), pode ocorrer em “processos” materiais, comportamentais, mentais e verbais, como será esclarecido a seguir, ao passo que, para Halliday e Matthiessen (2014), o “alcance” também ocorre em “processos” relacionais. Nos materiais e nos comportamentais, o “alcance” revela o domínio sobre o qual o “processo” acontece, como em “Eles não podem subir a *escada*” (p. 255, grifo nosso), sendo que “a escada” expressa o “alcance” da subida de “eles”, e esse “alcance” é rotulado como “Alcance: entidade”; e revela o

“processo” por si só, em termos gerais ou específicos, como em “Ela dá *um sorriso amargo*” (p. 111, grifo nosso), em que o ato de dar está sendo especificado pelo “alcance” “um sorriso amargo”, e é rotulado como “Alcance: process”. Em “processos” mentais, o “alcance” é o elemento que delimita as fronteiras do “processo”, como no exemplo “Ele passou algum tempo contemplando *a vista da janela*” (p. 275, grifo nosso), no qual “a vista da janela” é o “alcance” de “contemplar”, de maneira semelhante ao que acontece ao “alcance” em “processos” materiais, como explicitado anteriormente. Em “processos” verbais, o “alcance” trabalha como “verbiagem” de conteúdo e de “processo”, como em “Ela em geral tentava explicar *coisas* para ele” (p. 30, grifo nosso) e “Será que ele contou *uma fábula* sobre a origem de Crake?” (p. 337, grifo nosso), respectivamente. Há outras interpretações para a categoria “alcance”, porém, em nosso trabalho, nos atemos a Halliday (1994).

A seguir, na FIGURA 4, apresentamos todos os “processos” e seus principais “participantes” de acordo com Halliday (1994) para facilitar a compreensão do(a) leitor(a).

**Figura 4** - Quadro com os “processos” e “participantes” da metafunção ideacional

Processos	Participantes					
Processos materiais	Ator	Meta	Recebedor			Cliente
Processos mentais	Experienciador			Fenômeno		
Processos relacionais	Portador	Atributo	Identificado	Identificador	Característica	Valor
Processos verbais	Dizente	Receptor		Verbiagem		Alvo
Processos comportamentais	Comportante					
Processos existenciais	Existente					

Fonte: Baseado em Halliday (1994)

Além dos “processos” e “participantes” da LSF, trazemos aqui alguns conceitos importantes sobre ocorrências particulares de “processos” e “participantes” com as quais nos deparamos durante os procedimentos com o

corpus de estudo desta dissertação. Para explicar o que são "participantes" expressos, tomamos emprestada uma definição de Cunha e Cintra (2017), os quais explicam que, para a Gramática Tradicional, o sujeito e o predicado são termos essenciais da oração e que, muitas vezes, ocorrem materialmente expressos na oração. Adequando tal definição para dar conta de outros elementos da oração pelo viés da LSF, propomos que "participantes" expressos são aqueles "participantes" que ocorrem de forma explícita nas orações, ou seja, não sofrem nenhum tipo de apagamento (elipse, por exemplo) e podem ser claramente percebidos nas orações.

“Participantes” elípticos são aqueles "participantes" elididos com o intuito de realizar coesão anafórica, isto é, os elementos que realizam tais "participantes" são previamente utilizados de forma expressa e, posteriormente, são omitidos (HALLIDAY, 1994). Já os "participantes" implícitos são aqueles "participantes" que têm seus elementos realizadores omitidos nas orações, embora possam ser produzidos de forma explícita (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), porém, diferentemente dos "participantes" elípticos, podem não apresentar realização prévia, ou seja, podem não fazer referência a um elemento anterior, como é o caso do pronome “you” (no inglês) ou do pronome “você” (no português brasileiro), por exemplo, os quais são usualmente implicitados em orações imperativas. De forma similar, verbos implícitos são grupos verbais inteiros, ou verbos auxiliares, ou Finitos, que são implicitados ao realizarem a função de “processo”, e que podem ou não ter realização prévia.

### **1.2.2. “Circunstâncias”**

Os “elementos circunstanciais”, de acordo com Halliday (1994), ocorrem de forma livre em todos os tipos de "processos", e normalmente não destoam de significado se usados em "processos" distintos, apesar de que, em alguns deles, certas “circunstâncias” soam incomuns. Outrossim, as “circunstâncias” estão ligadas a perguntas do tipo “quando?”, “onde?”, “como?” e “por quê?”, ou seja, expressam noções de localização no tempo ou espaço, de modo e de causa, por exemplo. Por conta disso, tais elementos aparecem na gramática como Adjuntos, significando, segundo o autor, que eles não têm potencial de se tornar Sujeitos, diferentemente do que ocorre com os "participantes", que funcionam como Sujeito e Complemento na gramática.

Assim, são normalmente expressos por grupos adverbiais ou frases preposicionais, o que nos permite chamá-los de “participantes indiretos”, pois são tipicamente conectados aos “processos” por alguma preposição, ou “participantes diretos”, quando não fazem parte de uma frase preposicional (HALLIDAY, 1994). Segundo o autor, há nove tipos de “elementos circunstanciais”, a saber, “localização”, “extensão”, “modo”, “causa”, “contingência”, “acompanhamento”, “papal”, “assunto” e “ângulo”, ou “ponto de vista”, como também apresentado por Figueredo (2011). Cada um deles possui, pelo menos, dois subtipos, exceto os tipos “assunto” e “ângulo”, que não são subdivididos. Através de tais elementos, consoante Thompson (2014), é possível codificar o pano de fundo por trás da ocorrência dos “processos”.

Tanto “localização” como “extensão” ocorrem de forma espacial e temporal, de acordo com Thompson (2014). O autor ressalta que a localização denota um ponto tanto no espaço como no tempo, e que a extensão denota uma linha. Para Halliday (1994), “localização” e “extensão” são intimamente paralelas porque ambas incorporam noções de espaço e tempo.

“Circunstâncias” de localização espacial expressam “lugar”, como em “Crake já estava *no Instituto Watson-Crick*” (p. 158, grifo nosso) e “circunstâncias” de localização temporal expressam “tempo”, como em “O primeiro boletim chegou às *nove e quarenta e cinco*” (p. 304, grifo nosso), de acordo com Halliday (1994). Ainda conforme o autor, as “circunstâncias” de localização, tanto espaciais como temporais, podem ser definidas ou indefinidas, e podem ser absolutas ou relativas, essas dividindo-se em “próximas” e “remotas”, e “de repouso” e “de movimento”, a última podendo ser movimento “para um lugar” ou “de um lugar”. Conforme Halliday (1994), as “perguntas de teste” das “circunstâncias” de localização são “onde?” e “quando?”.

“Circunstâncias” de extensão espacial expressam “distância”, como em “O capim já está alto *ao longo do meio-fio*” (p. 216, grifo nosso) e “circunstâncias” de extensão temporal expressam “duração” e “frequência”, como em “Eles devem ter viajado *por muito tempo*” (p. 121, grifo nosso) e “*Três vezes por dia* Jimmy observava os crackers” (p. 316, grifo nosso), nessa ordem, como expõe Halliday (1993). O autor ainda esclarece que as “circunstâncias” de extensão, tanto espaciais como temporais, podem ser mensuradas com unidades de medida como “quilômetros” ou “segundos”, e podem ser definidas ou indefinidas. Segundo

Halliday (1994), as “perguntas de teste” das “circunstâncias” de extensão são “quão longe?”, “quanto tempo?”, “quão frequentemente?”, “quantas vezes?” e “quantas [unidades de medida]?”.

“Circunstâncias” de modo, conforme Halliday (1994), são divididas nas subcategorias “meio”, “qualidade” e “comparação”. Referente a “meio”, pergunta-se “como?” e “com o que?”, como em “Geralmente ele chegava *de carro*” (p. 114, grifo nosso) e “Seu cabelo escuro estava trançado *com uma fita cor-de-rosa [...]*” (p. 299, grifo nosso), respectivamente. Referente a “qualidade”, pergunta-se “como?”, porém se utiliza um advérbio ou uma locução adverbial, como em “[Os porcos eram] *fortemente* guardados” (p. 34, grifo nosso). E referente a “comparação”, pergunta-se “como o quê?”, como em “[...] usando o pequeno Jimmy *como um escudo humano*” (p. 69, grifo nosso). Thompson (2014) menciona uma quarta subcategoria, “grau”, tendo “quanto?” como “pergunta de teste”, para uma afirmação como “Ele sente necessidade de ouvir uma voz [...] *demasiadamente* humana” (p. 21, grifo nosso).

“Circunstâncias” de causa, segundo Halliday (1994), são subcategorizadas em “razão”, “propósito” e “benefício”. Em relação à “razão”, representa-se a causa de algo, como em “Ele fora transferido *como resultado de alguma caça de talentos [...]*” (p. 72, grifo nosso). Em relação a “propósito”, representa-se o propósito pelo qual algo aconteceu, a intenção, como em “[...] a empresa estava agindo *pelo bem comum*” (p. 201, grifo nosso). E em relação a “benefício”, representa-se a entidade que está sendo beneficiada, como em “[...] enviado na forma de um pássaro para velar *por ela*” (p. 120, grifo nosso). As “perguntas de teste” das três subcategorias são, respectivamente, “por quê?”, “para quê?” e “para quem?” (THOMPSON, 2014).

“Circunstâncias” de contingência são subcategorizadas em “condição”, “concessão” e “falta” (HALLIDAY, 1994). Braga (2016, p. 40) esclarece que essas “circunstâncias” “aproximam-se dos elementos de ‘causa’, porém, a ‘contingência’ é uma condição da qual o “processo” depende para acontecer, sendo, portanto, associada à noção de ‘se algo x acontecer, y acontece’”. Para Halliday (1994), elementos de “condição” são expressos por “em caso de” ou “no evento de”, como em “O retorno financeiro *em caso de sucesso* seria enorme” (p. 58, grifo nosso). Elementos de “concessão” são expressos por “apesar de”, como em “*Apesar de suas qualidades irritantes [...]*, ele deseja protegê-los” (p. 146, grifo nosso). E elementos de “falta” são representados por “na ausência de” ou “por falta de”, como

em “É horrível como as pessoas ficam desleixadas *na ausência de espelhos*” (p. 19, grifo nosso).

Halliday (1994) subcategoriza as “circunstâncias” de “acompanhamento” em “comitativas” e “aditivas” e cada uma tem aspectos positivos e negativos. As comitativas representam um “processo” que envolve mais de uma entidade. As aditivas representam um “processo” em que as duas entidades possuem a mesma função como “participantes”, mas ambas são contrastadas. Como exemplos das “comitativas”, tem-se a “positiva”, como em “Ele costumava jogar xadrez *com Crake*” (p. 46, grifo nosso), e tem-se a “negativa”, como em “Ele não gostava de ser visto *sem o seu lençol*” (p. 48, grifo nosso). Como exemplos das “aditivas”, tem-se a “positiva”, como em “Havia porcões na NooSkins, *assim como nas Fazendas OrganInc*” (p. 58, grifo nosso), e tem-se a “negativa”, como em “Ele tinha dois shoppings *em vez de um*” (p. 57, grifo nosso).

As “circunstâncias” de “papel” dividem-se em “guisa”, a qual constrói o significado de “ser” (atributo ou identidade) em forma de “circunstância”, e “produto”, a qual constrói o significado de “tornar-se” (atributo ou identidade) em forma de “circunstância”, e as perguntas para testá-las são “como o quê?” e “no quê?” (HALLIDAY, 1994). Como exemplos, respectivamente, têm-se “A aula era tratada *como um período de recreio*” (p. 48, grifo nosso) e “Ele se transformou *em planta*” (p. 337, grifo nosso).

Por fim, as “circunstâncias” de “assunto” e “ângulo” associam-se aos “processos” verbais, respectivamente à “verbiagem” e ao “dizente” (HALLIDAY, 1994). Como exemplos, temos “Você precisa contar a ele *sobre os minilinces*” (p. 153, grifo nosso) e “Qualquer tipo de pensamento simbólico seria sinal de decadência, *na opinião de Crake*” (p. 336, grifo nosso), na mesma ordem. As “perguntas de teste” das duas subcategorias são, respectivamente, “sobre o quê?” e “de qual ponto de vista?” (THOMPSON, 2014).

A seguir, na FIGURA 5, apresentamos todas as “circunstâncias” e seus subtipos de acordo com Halliday (1994) e Thompson (2014) para facilitar a compreensão do(a) leitor(a).

**Figura 5** - Quadro com as “circunstâncias” da metafunção ideacional e seus subtipos

Circunstâncias	Subtipos			
Localização	Lugar		Tempo	
Extensão	Distância		Duração	Frequência
Modo	Meio	Qualidade	Comparação	Grau*
Causa	Razão	Propósito	Benefício	
Contingência	Condição	Concessão	Falta	
Acompanhamento	Comitativas		Aditivas	
Papel	Guisa		Produto	
Assunto	-			
Ângulo	-			

Fonte: Baseado em Halliday (1994) e Thompson (2014)\*

### 1.2.3. Braga (2016) e seu estudo sobre “circunstâncias”

Em sua dissertação, Braga (2016) expande o conhecimento acerca das “circunstâncias” ao analisar a tradução de orações com tais elementos, estando elas presentes em textos originalmente em inglês e em suas traduções para o português (IO → PT), e originalmente em português e em suas traduções para o inglês (PO → IT). Em tal estudo, a autora visou investigar quatro tópicos: quais os tipos de “circunstâncias” com uso mais frequente nas categorias de textos escolhidas (artigo acadêmico, discurso político, divulgação científica, ficção, manual de instrução, propaganda turística, resenha e website educacional); quais as mudanças (*shifts*) (se houve) na tradução das “circunstâncias” em ambos os sentidos; quais tipos de oração possuíam “circunstâncias”, quais frases ou grupos as realizaram, e qual a posição temática dos “elementos circunstanciais”; e quais padrões tradutórios existem (se existem) nas categorias de textos analisadas.

Como referencial teórico de sua pesquisa, Braga (2016) lançou mão dos ET e da LSF, campo disciplinar e teoria tidos como base para sua análise, assim como para nossa dissertação. Quanto aos ET, a autora se apoia em Malmkjaer (2005), Catford (1965), Matthiessen (2001), dentre outros. Quanto à LSF, a autora se apoia,

principalmente, em Matthiessen (1995), Halliday e Matthiessen (2014), e Figueredo (2007; 2011).

Halliday e Matthiessen (2014), a partir de Braga (2016), expressam que as “circunstâncias”, na língua inglesa, podem ser levadas em conta a partir de três perspectivas. (1) As “circunstâncias” estão associadas a um “processo” na estrutura transitiva e os “participantes” estão envolvidos nos “processos”. (2) Na estrutura modal, as “circunstâncias” são identificadas como Adjuntos e não têm papel ativo na modalidade. (3) É comum que as “circunstâncias” sejam realizadas por frases preposicionais e por advérbios.

Braga (2016) ressalta, baseada em Halliday e Matthiessen (2014), que os Adjuntos não têm papel ativo na modalidade das orações, em outros termos, não podem ser considerados Sujeitos. Ademais, os Adjuntos podem ser circunstanciais, pois funcionam como “circunstâncias” na estrutura transitiva - esses recebem foco na pesquisa de Braga (2016), e na nossa pesquisa também, junto com “participantes” e “processos”; podem ser modais, pois expressam as opiniões dos(as) interlocutores(as) sobre a mensagem da oração; e podem ser conjuntivos, pois estabelecem relações de coesão entre as orações. Quanto à posição temática, as “circunstâncias” podem ocupar tanto a posição marcada quanto a não marcada. Quanto à estrutura transitiva, podem ocorrer associadas a qualquer tipo de “processo”, e são divididas em nove tipos, os quais já foram mencionados e detalhados em 1.2.2.

Sobre a descrição das “circunstâncias” no português, Braga (2016) aponta uma informação importante. Não há descrição detalhada desses elementos sob a perspectiva da LSF no português, porém trabalhos como Figueredo (2007; 2011) corroboram com a ideia de que o funcionamento das “circunstâncias” acontece no português de forma análoga ao inglês (BRAGA, 2016). A autora ainda esclarece que, no português, além das “circunstâncias” serem realizadas por frases preposicionais e grupos adverbiais, também são realizadas por grupos nominais, diferentemente de como ocorre no inglês, no qual a maioria das “circunstâncias” são realizadas por frases preposicionais e grupos adverbiais, como explicitam Halliday e Matthiessen (2014), nas palavras de Braga (2016).

Quanto aos passos metodológicos da pesquisa de Braga (2016), a autora discorre sobre o corpus, seu recorte e a classificação das “circunstâncias”. Os textos foram extraídos do Corpus da Língua Portuguesa em Tradução, também conhecido

como Klappt!, que é um corpus paralelo bilíngue combinado e bidirecional. Após, eles foram segmentados em orações, e a anotação manual em planilhas eletrônicas foi realizada com o intuito de verificar a presença ou a ausência de “circunstâncias”. De cada categoria de texto, tanto da direção IO → PT quanto na direção PO → IT, foram escolhidas vinte orações. Feito isso, de modo a identificar padrões de ocorrência em cada categoria de texto e investigar as mudanças de tradução, as orações com presença de “circunstâncias”, dentre as vinte previamente escolhidas, foram alinhadas em outras planilhas e anotadas de acordo com os seguintes critérios: o tipo de “circunstância”; a realização da “circunstância” em frases ou grupos; o tipo de oração, ou seja, em qual tipo de “processo” estava envolvida a “circunstância”; e a posição temática do elemento. Por fim, para computar a frequência das categorias de análise e mudanças tradutórias dos “elementos circunstanciais”, realizou-se a análise das planilhas acima mencionadas no ambiente de programação R.

Os resultados da pesquisa de Braga (2016) apontam que as “circunstâncias” mais utilizadas em todas as categorias de texto foram as de localização espacial e temporal (*cf.* subcapítulo 1.3 desta dissertação), e ocorreram em maior número em orações materiais e relacionais, através de frases preposicionais e grupos adverbiais, em maior quantidade do que grupos nominais. Consequentemente, foram as “circunstâncias” que sofreram mais mudanças. A tendência do português foi de realizar “circunstâncias” em posição temática, ao contrário do que aconteceu no inglês. Na direção IO → PT, a “ficção” e o “manual de instrução” apresentaram maior número de “circunstâncias”, e na direção PO → IT foram o “artigo acadêmico” e a “propaganda turística”.

Discorreremos mais detalhadamente sobre os resultados da categoria de texto “ficção” encontrados em Braga (2016) porque analisamos, em nossa pesquisa, o corpus *Oryx and Crake/Oryx e Crake*, o qual se encaixa na categoria supramencionada. Dos tipos de “circunstâncias” encontradas em IO (inglês original), PT (português traduzido), PO (português original) e IT (inglês traduzido), as mais numerosas foram as de localização espacial e temporal. Sobre a realização das “circunstâncias”, tanto em IO, quanto em PT e em PO, essas foram realizadas por frases preposicionais, grupos adverbiais e grupos nominais; em IT, não foram realizadas por grupos nominais. Em relação aos tipos de oração, tanto em IO como PT, as “circunstâncias” ocorreram em orações materiais, isto é, não houve

mudanças; em PO, as “circunstâncias” ocorreram em orações materiais, relacionais e mentais, e em IT, ocorreram nos mesmos tipos, exceto duas “circunstâncias” que estavam presentes em uma oração mental e, na tradução, passaram a estar presentes em uma oração comportamental. Por fim, sobre as posições temáticas das “circunstâncias”, a grande maioria ocorreu, tanto em IO quanto em PT, em posição não temática; já em PO e em IT, mesmo que a maioria tenha ocorrido em posição não temática, as porcentagens foram mais equilibradas, ou seja, houve mais “circunstâncias” em posição temática na direcionalidade PO → IT.

Braga (2016) é de grande importância para guiarmos nosso trabalho no tocante às “circunstâncias”. Como já explicitado anteriormente, a autora, ao lançar mão dos ET e da LSF, como nós, investigou uma série de questões concernentes aos “elementos circunstanciais” em diversos tipos de textos, sendo uma delas a ficção, na qual se encaixa a obra que analisamos no presente trabalho. Ademais, o trabalho dessa autora nos amparou para que pudéssemos entender melhor os “elementos circunstanciais”. Sendo assim, seu trabalho colabora com o cumprimento do nosso objetivo de analisar quantitativa e qualitativamente as “circunstâncias” em *Oryx and Crake* e em sua tradução para o português brasileiro.

### **1.3. Estudos de textos literários baseados na LSF**

Simpson (1993/2005) expõe que dois ramos da Linguística, a saber, a Estilística e a Linguística Crítica, vêm crescendo. A Estilística se refere à prática de se usar a Linguística para estudar Literatura, considerando que a linguagem literária é como qualquer outra, sem privilégios. A Estilística trata textos como construtos linguísticos, e, para alguns teóricos, tal disciplina se trata de uma análise textual objetiva, porém que considera o contexto. Além disso, conforme o autor, os teóricos estilísticos se reinventam metodologicamente e tornam-se mais preparados conforme a Linguística se torna mais sofisticada. De acordo com Simpson (1993/2005), um dos conceitos que vem sendo revisitado na Estilística é o de “ponto de vista”, que, no contexto de narração ficcional, pode se referir à perspectiva psicológica através da qual histórias são contadas, englobando sua estrutura narrativa.

A Linguística Crítica, de acordo com Simpson (1993/2005), busca interpretar textos fundamentando-se na análise linguística também. O princípio motivador por

trás de tal análise é explorar os sistemas de valor e crenças presentes no texto, isto é, as ideologias reproduzidas pela linguagem. Pela perspectiva da Linguística Crítica, “ideologia” é um termo que normalmente descreve as maneiras pelas quais o que dizemos e pensamos interage com a sociedade, ou seja, deriva das crenças e valores compartilhados socialmente pelo coletivo. O autor esclarece que ideologias dominantes operam como mecanismos mantenedores de relações assimétricas de poder, e que tais ideologias estão enraizadas nos discursos diários da sociedade. Portanto, segundo o autor, a linguagem nunca é neutra.

Em consonância com Simpson (1993/2005), há quatro categorias de ponto de vista, a saber, categorias “espacial”, “temporal”, “psicológica” e “ideológica”. O autor explica que o ponto de vista espacial se refere à posição assumida pelo(a) narrador(a) da história, ou o “ângulo da câmera” adotado no texto. O ponto de vista temporal se refere à dimensão de tempo da história, isto é, se os eventos acontecem de forma rápida ou devagar, de forma contínua, de forma segmentada, e assim por diante (FOWLER, 1986 *apud* SIMPSON, 1993/2005). O ponto de vista psicológico, consoante Simpson (1993/2005), concerne às diversas maneiras pelas quais os eventos de uma história são intervindos por quem conta uma história, ou seja, esse ponto de vista está relacionado ao modo como o(a) narrador(a) constrói linguisticamente o mundo ficcional por meio do seu ponto de vista. E o ponto de vista ideológico, conforme o autor, é atribuído aos sistemas de valores e crenças presentes nos textos.

Na construção dos pontos de vista espaço-temporais, de acordo com Simpson (1993/2005), o sistema dêitico é bastante empregado, e se caracteriza pela utilização de recursos orientacionais da linguagem, como “aqui”, “lá”, “antes”, “agora”, dentre outros, o que auxilia o(a) leitor(a) a construir a realidade ficcional das histórias. A título de exemplificação dos dêiticos acima citados, temos as orações “*Aqui* estão os controles” (p. 254, grifo nosso), “É para *lá* que estão indo todos os pássaros” (p. 141, grifo nosso), “Ele já fez viagens *antes*” (p. 153, grifo nosso), e “Mas *agora* junho era a estação das chuvas” (p. 165, grifo nosso), respectivamente. Referente ao estudo desses pontos de vista, a LSF pode ser utilizada para a análise dos elementos orientacionais utilizados nas narrativas, porque são relacionados aos “elementos circunstanciais” da metafunção ideacional de Halliday. A pesquisa de Braga (2016) corrobora essa ideia, porque, ao analisar o uso de “circunstâncias” em diversos gêneros textuais, a autora constatou que as “circunstâncias”

espaço-temporais são as mais utilizadas dentre todos os tipos de “circunstâncias” sistêmico-funcionais.

Nos estudos sobre ponto de vista, o sistema de modalidade tem um papel importante. Segundo Simpson (1993/2005), a modalidade se refere à atitude do(a) falante, ou sua opinião, em relação à verdade que se expressa pelas sentenças, e é um grande expoente da metafunção interpessoal da linguagem. Igualmente, sobre essa metafunção, Thompson (2014) expressa que os significados interpessoais se relacionam com a atitude do(a) falante e sua avaliação das probabilidades, o que explicita a negociação existente entre ele(a) e seu/sua interlocutor(a), ou seja, essa metafunção trata da troca de significados entre duas partes, e a modalidade é uma das formas de se realizar isso. De acordo com Simpson (1993/2005), há, na língua inglesa, quatro sistemas de modalidade, a saber, sistemas deôntico, bulomaico, epistêmico e perceptivo, que é um subsistema do epistêmico.

A modalidade deôntica, conforme Simpson (1993/2005)<sup>14</sup>, trata da atitude do(a) falante quanto ao grau de obrigação de determinadas ações, e pode ser dividida em “permissão”, “obrigação” e “exigência”, como em “You may leave” (p. 43), “You should leave” (p. 43) e “You must leave” (p. 43), respectivamente. O autor explica que, na modalidade bulomaica, verbos modais que indicam desejos e vontades são centrais, como pode ser depreendido de “I hope that you will leave” (p. 44). A modalidade epistêmica, que, segundo o autor, é possivelmente a mais importante na análise do ponto de vista na ficção, concerne a confiança (ou a falta dela) do(a) falante sobre a verdade em uma afirmação, como em “You could be right” (p. 44), variando de um grau alto de comprometimento (grau categórico), até um grau baixo. A modalidade perceptiva leva em conta o grau de comprometimento com a verdade expressa em uma afirmação, normalmente com referência à percepção humana, como a visão, assim como pode ser percebido em “You’re clearly right” (p. 46).

Um outro sistema bastante utilizado nos estudos sobre ponto de vista é o de “transitividade”. Conforme aponta Simpson (1993/2005), a transitividade geralmente se refere à representação do significado na oração, demonstrando como os(as) falantes codificam suas visões da realidade na linguagem e como dão conta das experiências de mundo. Esse sistema, segundo o autor, faz parte da metafunção

---

<sup>14</sup> Os exemplos “You may leave”, “You should leave”, “You must leave”, “I hope that you will leave”, “You could be right”, e “You’re clearly right” estão presentes em Simpson (1993/2005).

ideacional da linguagem, e é expresso através de “processos”. Esses “processos” possuem três componentes, a saber, os “processos” em si, os “participantes” e as “circunstâncias”, como já mencionado. Os “processos”, de acordo com Simpson (1993/2005), são divididos em materiais, de verbalização, mentais e relacionais, categorias similares às encontradas em Thompson (2014).

O sistema de transitividade é importante nos estudos estilísticos e de ponto de vista porque, conforme os tipos de “processos” mudam e as vozes das orações (voz ativa ou voz passiva) alternam, as representações das personagens sofrem mudanças. Por exemplo, Simpson (1993/2005) aponta que uma das consequências estilísticas da presença dominante de “processos” materiais e da supressão dos outros “processos” é o fato de que isso cria um esquema de descrição mais “acional”.

Para a Linguística Crítica, o sistema de transitividade também tem sido utilizado como ferramenta analítica. Simpson (1993/2005) explica que tal sistema tem provido meios de investigar a percepção do significado de um texto por parte de leitores(as) e ouvintes, ou seja, que direções tais percepções tomam e quais estruturas linguísticas são efetivas ao se codificar a visão de mundo (de quem produziu um texto). Fowler (1986), citado por Simpson (1993/2005), afirma que não há neutralidade nos códigos linguísticos, pois interpretam, organizam e classificam os sujeitos do discurso à medida que dão forma às visões de mundo e às ideologias.

Halliday (1971 *apud* SIMPSON, 1993/2005) publicou um artigo de grande influência, intitulado *Linguistic function and literary style: an inquiry into the language of William Golding's The Inheritors*. De acordo com Simpson (1993/2005), tal artigo se tornou a base da estilística moderna, a qual tem como propósito revelar padrões de significado a partir da análise sistemática da linguagem.

Simpson (1993/2005) explica que Halliday (1971) se preocupou em ilustrar que a análise da transitividade poderia contribuir para o entendimento de um “estilo mental” projetado em um texto. Halliday (1971 *apud* SIMPSON, 1993/2005) demonstra que há diferenças linguísticas marcadas que distinguem os dois pontos de vista narrativos presentes na obra de Golding, aquele dos neandertais e aquele da tribo evoluída que os substituí. A perspectiva do novo povo é similar à da nossa sociedade atual, porém, a dos neandertais é repleta de, por exemplo, “processos” materiais sem metas e de ações sendo desempenhadas por partes do corpo, e não

por indivíduos. Simpson (1993/2005) menciona isso ao citar ações em *The Inheritors* desempenhadas por agentes humanos e que não aparecem como “atores”, o que aponta a falta de conhecimento por parte dos neandertais de como um agente humano seria responsável por elas.

Para Simpson (1993/2005), o padrão de transitividade mencionado acima constrói um mundo fictício que está em constante atividade, mas que não faz distinção entre movimentos humanos e movimentos de seres inanimados. O autor comenta que a conclusão de Halliday (1971) é de que *The Inheritors* seria um resumo justo da vida dos neandertais. Simpson (1993/2005) expõe que o artifício de igualar uma estrutura gramatical de um texto com a visão de mundo que esse retrata é comum em análises estilísticas, todavia, segundo o autor, a interpretação de Halliday (1971) foi ridicularizada por Fish (1981), que criticou seu positivismo interpretativo. Em todo caso, a análise de transitividade se mantém relevante para os estudos estilísticos de textos, assim como a LSF de Halliday em geral.

Segundo Montgomery (1993/2004), a narrativa, em definições básicas, é entendida como uma sequência de dois eventos completos na qual se pode encontrar uma relação de consequência. Propp (1927/1968), conforme Montgomery (1993/2004), argumentou que deveria ser posta em segundo lugar a questão de quem executa os eventos em uma narrativa, e em primeiro lugar a questão dos eventos e a ordem dos acontecimentos. Assim sendo, o autor reitera que a ênfase nos eventos é um critério de definição da narrativa.

Apesar de os eventos serem reconhecidos como mais relevantes nas narrativas, há uma lacuna paradoxal em seus tratamentos estruturais, conforme Montgomery (1993/2004). De acordo com Montgomery (1993/2004),

os próprios tipos de narrativa que foram tratados com mais sucesso analiticamente em termos de esquema fixo de eventos são justamente aqueles em que o foco do(a) leitor(a) está mais sobre quem está realizando os eventos do que sobre os próprios eventos, simplesmente porque o esquema fixo torna esses eventos previsíveis. (MONTGOMERY, 1993/2004, p. 129, tradução nossa)<sup>15</sup>

Radway (1987 *apud* MONTGOMERY, 1993/2004) declara que, no que se refere a romances populares, uma quantidade considerável de leitores(as) verifica o final dos romances para se certificar de que o herói ou heroína conseguiu o que queria, ou

---

<sup>15</sup> No original: “the very types of narrative which have been most successfully treated analytically in terms of fixed schema of events are precisely those in which the reader’s focus is arguably more upon who is performing the events than upon the events themselves, simply because the fixed schema makes those events predictable.”

seja, o importante não são os eventos no decorrer da história, mas sim, como as personagens respondem aos eventos.

Mesmo que o conceito de “personagem” seja negligenciado em teorias estruturais da narrativa, Montgomery (1993/2004) explica que o trabalho de Greimas (1983) é uma exceção. Para Greimas (1983), como considera Montgomery (1993/2004), há sete esferas de ação nas histórias populares, identificadas nas linhas de eventos, desempenhadas por personas, a saber, “vilão”, “objeto procurado”, “mandatário”, “doador”, “ajudante”, “falso herói” e “herói”. Montgomery (1993/2004) explicita que quase todas essas categorias, ou todas, estão presentes na maioria das narrativas, e mais de uma categoria pode ser atribuída a uma mesma personagem ao longo da narrativa.

Uma forma sugestiva de responder como as personagens são instanciadas nos textos é oferecida por Fowler (1977), como relata Montgomery (1993/2004). Segundo Fowler (1977), “uma personagem é, então: (a) um(a) ‘actante’ - ele/ela desempenha um papel ou papéis na estrutura da trama; (b) um conjunto de semes; (c) um nome próprio - utilizado como motivo para se falar dos atributos (a) e (b)” (FOWLER, 1977, p. 36 *apud* MONTGOMERY, 1993/2004, tradução nossa)<sup>16</sup>. “Semes”, conforme Montgomery (1993/2004), são características linguísticas semânticas ou distintivas que constituem uma personagem. Para exemplificar o conceito de “semes”, podemos conjecturar que o Homem das Neves, personagem principal de *Oryx e Crake*, já em sua fase adulta, é moldado por características/semes como [+CONCRETO; +ANIMADO; +HUMANO; +ADULTO; +SOLITÁRIO; +IMAGINATIVO; -MENTALMENTE SADIO].

Segundo Montgomery (1993/2004), as relações de transitividade na oração podem ser entendidas em termos de relações entre os tipos de “processos” codificados pelos verbos e os “participantes” que os acompanham. De acordo com o autor, há quatro tipos fundamentais de “processos”, a saber, “processos” materiais, mentais, verbais e relacionais, cada um com seus devidos “participantes”. Ademais, a ideia de transitividade de Halliday, a qual reúne considerações sobre papéis e eventos dentro de uma única estrutura de análise, já foi adotada inúmeras vezes para análises estilísticas de textos literários, consoante Montgomery (1993/2004).

---

<sup>16</sup> No original: “A character is, then: (a) an ‘actant’ - s/he performs a role or roles in the structure of plot; (b) an assemblage of semes; (c) a proper name - which is sort of a peg on which the attributes (a) and (b) are hung.”

No entanto, segundo o autor, tal conceito foi superficialmente ligado à construção literária de personagens de maneira teórica, com exceção de Toolan (1988/1990).

Para Montgomery (1993/2004), uma fonte importante de pistas textuais para a construção de personagens reside nas escolhas de transitividade referentes a tais personagens. O autor ainda informa que as sucessões de escolhas de transitividade auxiliam a guiar os(as) leitores(as) sobre a distribuição dos papéis actanciais básicos das narrativas. Inclusive, podemos concluir, a partir de Montgomery (1993/2004), que os atributos, ou semes, referentes às personagens, são construídos, de fato, pelas escolhas supracitadas, por exemplo, através de "processos" relacionais.

Fazemos a afirmação anterior porque, primeiramente, Montgomery (1993/2004) reconhece tal fato nas conclusões de seu texto, ao entender que há homologia entre as escolhas no nível de oração e a estrutura subjacente de papel actancial. Além do mais, ao analisar um excerto de *The Revolutionist* (HEMINGWAY, 1925), constatou que os atributos “timidez” e “mocidade” foram relacionados ao protagonista do conto por orações relacionais. Ademais, Montgomery (1993/2004) constatou que a maioria dos "processos" associados ao revolucionário são do tipo material, porém ele aparece como “meta” em um terço desses "processos", e quando aparece como “ator”, os "processos" normalmente não têm entidades afetadas. Ainda, o autor constatou que em "processos" mentais e verbais, a personagem aparece como “experenciador” e “dizente” praticamente na mesma quantidade de vezes que aparece como “ator”. Em suma, Montgomery (1993/2004) acredita haver incongruência entre a construção da personagem e o fato de ser chamada de “revolucionária”.

Quanto à narrativa e às personagens de *Oryx and Crake/Oryx e Crake*, corpus que recebe foco na nossa análise, temos algumas considerações a tecer. Realizamos a análise de transitividade de três personagens (cf. capítulo de metodologia: procedimentos de análise), a saber, Oryx, Jimmy/Homem das Neves e Glenn/Crake, que são as personagens principais e de maior importância, sendo que a segunda mencionada é a protagonista da narrativa. Sobre a narrativa, é importante ressaltar que há uma linha do tempo lógica, porém não-linear, de acordo com Sá (2014). Ademais, a autora comenta que a obra é estruturada em capítulos divididos em seções, sendo que os capítulos referentes à narrativa presente do Homem das Neves acontecem no tempo verbal do presente e os capítulos

referentes à narrativa passada de Jimmy ocorrem no tempo verbal do passado. Segundo Sá (2014), há um desenrolar intermitente e, ao mesmo tempo, complementar entre a narrativa do presente e a narrativa do passado, no qual essa explica aquela.

O fato de nosso corpus de estudo ser literário coaduna com Simpson (1993/2005) e Montgomery (1993/2004), pois ambos tratam abordam temas literários. O primeiro discorre sobre questões de ponto de vista na narrativa e de construção de personagens, abordando os sistemas de transitividade e de modalidade sistêmico-funcionais, por exemplo. O segundo aborda questões de narrativa e personagem, além de trazer à tona a relação de tais conceitos com a transitividade hallidayana. Como investigamos os "processos" e os "participantes", importantes para a construção de narrativas e personagens, e as "circunstâncias", que têm influência na narrativa, os autores acima mencionados são relevantes para que possamos realizar análises bem embasadas.

#### **1.4. Mais trabalhos baseados nos ET e na LSF**

Como já exposto anteriormente, as pesquisas e publicações de cunho linguístico no campo dos ET tendem a ser escassas no Brasil, através do levantamento feito pelo autor desta dissertação, principalmente pelo viés da LSF hallidayana. Neste subcapítulo, iremos discorrer de forma breve sobre algumas dessas pesquisas. Rodrigues (2014) e Assis (2017) trabalham com o português e o inglês, sendo que essa é a LA e aquela é a LF. Santos (2013) e D'Ávila e Rodrigues (2014) trabalham com as mesmas línguas, no entanto, a LF é o inglês e a LA é o português. Esses quatro trabalhos exploram categorias da metafunção ideacional em corpora de textos literários, cada um analisando a relação de tradução entre um par de textos, o que vai ao encontro dos objetivos expostos no presente trabalho, já que nosso trabalho segue um viés similar.

Santos (2013) executa uma análise detalhada sobre o romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, publicado em 1847, e sua primeira tradução para o português brasileiro, intitulada *Joanna Eyre*, mais especificamente a sua 2ª edição, publicada em 1926, cuja autoria da tradução não é informada. Para guiar seu trabalho, Santos (2013) propôs três questionamentos; a autora investigou qual o perfil ideacional da personagem Jane/Joanna Eyre expresso pelas categorias sistêmico-funcionais

"participantes" e "processos"; também investigou de que forma a presença discursiva do(a) tradutor(a) se fez presente no TA; e investigou o padrão das omissões na retextualização decorrentes da (auto-)censura da época. Como referencial teórico de sua pesquisa, Santos (2013) utilizou como alicerce o sistema de transitividade e o sistema de coesão, referentes às metafunções ideacional e textual da LSF de Halliday; bem como abordou concepções teóricas envolvendo o Contexto de Cultura (CC), manifestado pelos conceitos de patronato, de Lefevre (1992), (auto-)censura, e voz do(a) tradutor(a), de Coracini (2008); se apoiou nos ET e nos Estudos da Tradução baseados em Corpus (ETC); e utilizou o CROSF-13 para a anotação do corpus. Santos (2013) aponta que, na tradução, a personagem principal realiza mais "processos" materiais do que relacionais, ao contrário da textualização. Ademais, a quantidade de "processos" de todos os tipos é menor no TA do que no TF, o que explicita os cortes realizados por causa da censura. A autora atesta que o(a) tradutor(a) de *Jane Eyre*, ao expor a censura sofrida pelo livro, por parte do patronato (a Igreja Católica), e ao combater essa prática, acaba por alterar o perfil ideacional da protagonista, transformando-a em uma Joanna mais transgressora do que ela já é no TF.

D'Ávila e Rodrigues (2014) realizam uma análise segundo a LSF de como a protagonista do conto *The Young Girl* (MANSFIELD, 2001) é representada como "participante", assim como em sua tradução, *A Jovem* (MANSFIELD, 2013), executada por Bruna D'Ávila, uma tradutora em formação à época em que o trabalho das autoras foi publicado. Em tal estudo, as autoras investigam como a representação da protagonista é realizada de forma léxico-gramatical pelo elemento "participante" no TF e no TA, quais alterações léxico-gramaticais da representação da personagem principal ocorrem entre os textos, e quais os tipos de alteração ocorrem devido a escolhas tradutórias. Além disso, as autoras investigam se os "participantes" mais frequentes correspondem aos "processos" primários propostos por Halliday e Matthiessen (2004). D'Ávila e Rodrigues (2014) explicam que, para a anotação manual dos "participantes", o modelo CROSF-15, proposto por Feitosa (2006), foi utilizado. Outrossim, além de anotarem os "participantes" quando referências diretas são feitas à Jovem, também o fizeram quando referências a partes do seu corpo ou a seus pertences são mencionadas com uso de pronomes possessivos, por exemplo. A anotação foi realizada no programa *Microsoft Word*, e os arquivos, já em formato .txt, foram importados para o *software AntConc*, no qual

os "participantes" e as menções diretas e indiretas foram contabilizados. Dentre os resultados, as autoras perceberam que os "participantes" mais frequentes no TF e no TA são "ator", "experenciador", "comportante" e "dizente", e não identificaram grandes alterações na representação da protagonista entre os dois textos.

Rodrigues (2014), em seu artigo intitulado *Participants 'you' and 'you' in Translation*, analisa os "participantes" "você" e "you" no conto *Days of wine and roses (Dias de vinho e rosas)*, originalmente escrito em português brasileiro por Silviano Santiago e traduzido para o inglês por Mabel Nunes Zonta, à época em formação. A obra, explica Rodrigues (2014), apresenta conversações entre um casal *gay*, e um dos indivíduos que compõe o casal raramente interage com o outro, porém, as conversas indicam interação presencial entre eles, o que explica a realização exacerbada do pronome "você" ("you"). A autora investiga como os "participantes" acima mencionados são realizados no corpus paralelo em questão, considerando o componente experiencial da metafunção ideacional, e o quão variáveis são suas realizações. Sua investigação se baseia na LSF de Halliday e Matthiessen (2004), abordando a metafunção ideacional e os seus seis tipos de "processos". Além disso, a metodologia do estudo de caso utiliza a Linguística de Corpus na anotação dos "participantes", e para a quantificação dos dados foi utilizado o programa *AntConc*. Segundo Rodrigues (2014), os "participantes" em questão são realizados em cinco tipos de "processos" da metafunção ideacional, apenas não ocorrendo em orações existenciais, e tais "participantes" são realizados com frequência como Sujeitos Lógicos.

Assis (2017) investiga as representações de Amaro em *Bom Crioulo*, obra escrita por Adolfo Caminha e publicada em 1895, e em sua tradução para o inglês, *The Black Man and the Cabin Boy*, executada por Edward Lacey, em 1982. Essa análise é feita através da comparação do sistema de transitividade de Halliday em ambas as obras, que é um componente da metafunção ideacional. De acordo com Foster (1991 *apud* ASSIS, 2017), a obra *Bom Crioulo*, de Caminha, além de retratar um arco de tempo que representa a vida dos marinheiros, também examina um relacionamento homoafetivo interracial, entre dois homens, um negro e o outro branco, chamados Amaro e Aleixo. Como procedimentos metodológicos, foi feito um mapeamento de todas as orações nas quais Amaro estava situado, depois uma seleção foi realizada com o intuito de observar quais orações apresentavam mudanças léxico-gramaticais. Os "processos", os "participantes" e as

“circunstâncias” foram identificados e classificados, e, para Assis (2017), as “circunstâncias” dão sentido ao campo semântico no entorno dos “processos”. A autora conclui que houve divergências na representação de Amaro na tradução de *Bom Crioulo*, as inserções encontradas em forma de “circunstâncias” e de “expansões” (orações secundárias que expandem orações primárias) mostraram as experiências de Amaro de forma diferente das encontradas no original, apresentando ênfase no corpo, na força e nos desejos do protagonista. Entretanto, houve níveis de equivalência no que se refere à construção linguística de Amaro, por mais que em alguns momentos os “processos” tenham sofrido alterações.

Cabe salientar que, dentre os quatro trabalhos citados neste subcapítulo, somente Assis (2017) investigou as “circunstâncias”. É importante incluir as “circunstâncias” em uma análise de transitividade porque, através delas, podemos responder perguntas como “quando?”, “onde?”, “como?” e “por quê?”, ou seja, é possível especificar o tempo, o espaço, o modo e a causa envolvidos em um “processo” (HALLIDAY, 1994), possibilitando retratar como as experiências e a representação dos “participantes” e dos “processos” são modeladas. Braga (2016), baseada em Halliday e Matthiessen (2014), atesta que os nove tipos de “circunstâncias”, mencionadas no subcapítulo 1.2.2, se enquadram em quatro categorias principais, a saber: “circunstâncias” de intensificação (extensão, localização, modo, causa, contingência) - ligadas aos “processos”; de extensão (acompanhamento) - ligadas aos “participantes”; de elaboração (papel) - ligadas à especificação do papel de algum participante; e de projeção (assunto, ângulo) - equivalentes circunstanciais da “verbiagem”, do “dizente” ou do “experenciador”. Dessa forma, mesmo sendo uma tarefa trabalhosa, incluir as “circunstâncias” à análise de transitividade a torna mais completa, caso sejam relevantes para determinados estudos.

No capítulo seguinte, enfocamos o corpus e a metodologia adotada para a execução da nossa análise. Primeiro, discorremos sobre a autora e a tradutora de *Oryx and Crake* (ATWOOD, 2003). Após, tratamos do corpus do presente estudo. Então, abordamos os procedimentos de análise, mais especificamente como foram realizados o recorte e a anotação do corpus.

Ao longo das nossas análises, lançamos mão das ideias de Halliday (1994), majoritariamente, e, a nível de comparação com outros trabalhos, lançamos mão de Santos (2003), D’Ávila e Rodrigues (2014), Rodrigues (2014) e Assis (2017). Para

as análises das personagens e dos “participantes” realizados por elas, nos baseamos em Fowler (1977), a partir de Montgomery (1993/2004), e Simpson (1993/2005). Para as análises das “circunstâncias”, nos baseamos em Simpson (1993/2005) também, e em Braga (2016).

## 2. Corpus e Metodologia

### 2.1. A autora e a tradutora de *Oryx and Crake*

A canadense Margaret Atwood, de acordo com informações na segunda orelha do livro físico de Atwood (2018), é uma das maiores escritoras de língua inglesa e tem livros publicados em mais de trinta idiomas. Além de escrever romances, também escreve contos, poemas e ensaios, se destacando na área da ficção especulativa (denominação criada por ela), com romances distópicos como *O Conto da Aia* e a trilogia *MaddAddão*, publicados pela editora Rocco (ATWOOD, 2018). Ademais, Atwood recebeu importantes prêmios internacionais, como o *Man Booker Prize*, por *O Assassino Cego* (2000), e o Príncipe de Astúrias, em 2008, pelo conjunto de suas obras (ATWOOD, 2018).

Matos (2018) revela que Léa Viveiros de Castro, tradutora de *Oryx and Crake* para o português brasileiro (ATWOOD, 2018), tem obras traduzidas desde a metade da década de 1980, quando teve publicada a sua tradução de *The End Of The Affair*, de Graham Greene (1951), para o português brasileiro (*Fim de Caso*), pela editora Record. Desde então, conforme Matos (2018), ela teve suas traduções publicadas pela editora citada, assim como pelas editoras Rocco, Editorial Presença, Edições Asa, Letras, e Leya, e teve duas traduções em parceria com outros dois tradutores, a saber, André Pereira da Costa e Rita Sússekind.

Ademais, Matos (2018) contabilizou quarenta e oito obras traduzidas por Léa Viveiros de Castro, e, por conta disso, afirma que “a quantidade de traduções nos leva a conjecturar que é uma tradutora de carreira, atuante no mercado há mais de três décadas” (MATOS, 2018, p. 68). A tradutora ainda traduziu outra obra de Atwood, *The Blind Assassin* (2000), com título *O Assassino Cego* em português brasileiro, publicada em 2001 pela editora Rocco. Pesquisamos se Léa Viveiros de Castro teve mais alguma tradução publicada após 2018, e, conforme Odelli (2018), descobrimos que ela traduziu *The Only Story*, de Julian Barnes (2018), conhecida como *A Única História* em português brasileiro, também publicada em 2018 pela editora Rocco.

### 2.2. O corpus

*Oryx and Crake* (2003) faz parte da trilogia chamada *MaddAddam*, em conjunto com *The Year of the Flood* (2009) e *MaddAddam* (2013). A primeira obra da trilogia, analisada nesta dissertação, conta a história de Jimmy, um impetuoso garoto que morava em um Complexo, e que tinha como melhor amigo o inteligente Glenn, mais conhecido como Crake. Ambos crescem e vão para a faculdade; Jimmy segue o caminho das artes, Crake segue o caminho das biológicas. Na fase adulta, Crake decide dar um recomeço à humanidade, e cria o Projeto Paradice, em conjunto com a pílula BlyssPluss, a fim de dizimar a população mundial e recomeçá-la com os crakers, seres humanóides biologicamente melhorados, criados para substituir os humanos. Ele contrata Jimmy para ser seu ajudante, e Oryx, uma bela mulher, para ser sua assistente; tanto Jimmy quanto Crake já conheciam Oryx desde a infância, quando tiveram contato com ela através da Internet. Jimmy consegue se salvar da dizimação da humanidade, e, após isso, se autointitula “Homem das Neves”, e é, aparentemente, o único ser humano restante.

Dentre os tópicos abordados na trilogia *MaddAddam*, pode-se conjecturar que a relação entre os humanos, a ciência e os pós-humanos, e a relação entre a preservação e a destruição do mundo são dois dos principais tópicos (MARKS DE MARQUES, 2015). Segundo o autor, as obras dessa trilogia

retratam um mundo pós-apocalíptico, dizimado pelo que grupos religiosos chamam de Dilúvio Seco, e uma narrativa retrospectiva da organização prévia do mundo, onde os estados-nação foram substituídos por complexos gerenciados por corporações tecnológicas, permitidos apenas para as famílias dos que trabalham para elas, e por plebelândias, espaços de abandono social e econômico fora dos complexos. O mundo pré-apocalíptico vinha sofrendo os efeitos das mudanças climáticas e da extinção biológica por muitos anos, mas a evolução da ciência - aqui apresentada como parte do projeto capitalista tecnológico - conseguiu criar muitas espécies transgênicas. (MARKS DE MARQUES, 2015, p. 136, tradução nossa)<sup>17</sup>

O Dilúvio Seco (*Waterless Flood*) é parte do Projeto Paradice, executado por Glenn, e visa extinguir a raça humana e substituí-la por hominídeos desenvolvidos por bioengenharia desprovidos de cultura e pensamento simbólico e biologicamente aprimorados (MARKS DE MARQUES, 2015). De acordo com Marks de Marques

---

<sup>17</sup> No original: “The novels depict a post-apocalyptic world, decimated by what religious groups refer to as the Waterless Flood, and a retrospective narrative of the previous organisation of that world, where nation-states had been replaced by compounds driven by technological corporations, allowed only to the families of those working for them, and the pleeblands, spaces of social and economic abandonment outside the compounds. The pre-apocalyptic world had been suffering from the effects of climate change and biological extinction for many years, but the evolution of science - here presented as part of the technological capitalist project - has managed to create many transgenic species.”

(2015), é possível verificar tal aprimoramento no vegetarianismo dos crakers e em seu processo de acasalamento.

Os fatos acima mencionados caracterizam uma reviravolta irônica das noções de pós-humanismo e transumanismo, consoante Marks de Marques (2015). Tais campos filosóficos advogam que a tecnologia e a ciência devem melhorar a existência humana, mas, no projeto de Crake, o intuito é destruir os humanos revertendo-os a pré-humanos, e, para o autor, os crakers são pós-humanos por causa disso. Já Marks de Marques (2013) esclarece que os crakers são pós-humanos pois existem, em questão de tempo e espaço, após a humanidade; todavia, se trata de um pós-humanismo distante da tecnologia e do corpo cultural. Segundo o autor, apesar disso, tais seres apenas existem como pós-humanos no projeto de Crake porque ignoram elementos culturais e tecnológicos que definem os humanos atuais e têm foco na biologia animal.

Marks de Marques (2015) questiona se a trilogia *MaddAddão* pode ser vista como ficção pós-apocalíptica, e ressalta que as questões ambientais são centrais na distopia de Atwood. Além disso, o autor constata que, a partir das descrições do mundo pré-apocalíptico nas obras da trilogia, a divisão socioeconômica entre os Complexos e as plebelândias possibilita o entendimento de que os Complexos representam a utopia e as plebelândias representam a distopia, ao mesmo tempo. Ainda, conforme o autor, se for entendido como utópico o projeto de Crake de “reiniciar” (*reboot*) a humanidade, então o mundo cultural pré-Dilúvio Seco é distópico e o mundo natural pós-Dilúvio Seco é utópico, situação causada pelo capitalismo tecnológico, e não por Crake apenas.

Os crakers foram criados por Crake para sobreviverem ao apocalipse, e são seres melhorados, que não possuem o “ponto G” no cérebro (G = *God* [Deus]), isto é, para Crake, “Deus é um conjunto de neurônios” (ATWOOD, 2018, p. 151). Para Marks de Marques (2013), o projeto pós-humano de Crake tinha uma ideia distorcida de salvação do mundo, porque

ao apagar o ponto G, a criação dos crakers como pós-humanos segue alguns dos princípios básicos do transumanismo. Por outro lado, no entanto, tal projeto é anti-pós-humano em essência, pois o pós-humanismo, sem dúvidas, é fortemente dependente das conexões entre o corpo

orgânico, o corpo cultural e a tecnologia. (MARKS DE MARQUES, 2013, p. 159, tradução nossa)<sup>18</sup>

Há duas narrativas em *Oryx e Crake*, de acordo com Marks de Marques (2015). Uma é referente às lembranças de Jimmy sobre sua infância, adolescência e início da vida adulta, e sobre sua relação com Crake, seu melhor amigo, e Oryx, garota por quem ele e seu amigo eram apaixonados. A outra é referente à vida de Jimmy como Homem das Neves e sua relação com o grupo de crakers no mundo pós-Dilúvio Seco. Conforme Marks de Marques (2015),

Jimmy cria os mitos de origem dos crakers e age como profeta (e apóstolo de Oryx e Crake) principalmente para sua própria sobrevivência no mundo pós-apocalíptico (ou neo-prelapsariano). Isso significa que Jimmy permite a entrada dos crakers no mundo simbólico da cultura e, assim, um retorno à humanidade (ou humanismo), traços que Crake tentou apagar de sua criação. A linguagem é, então, restaurativa e criativa, à medida que cria os mitos de origem dos crakers e, fazendo isso, restaura a posição deles como humanos. (MARKS DE MARQUES, 2015, p. 140, tradução nossa)<sup>19</sup>

A linguagem é utilizada para criar duas cosmogonias na obra *O Ano do Dilúvio* (os fatos presentes nessa obra acontecem em paralelo com os fatos em *Oryx e Crake*, ou seja, uma não é sequência da outra), uma referente ao grupo eco-religioso chamado “Jardineiros de Deus”, através de sermões dados pelo líder Adão Um; outra criada por Jimmy e por Toby, mais uma sobrevivente do Dilúvio Seco e ex-participante do grupo supramencionado, que se torna profetisa do mito de origem dos crakers (MARKS DE MARQUES, 2015).

Analisamos a transitividade dessa obra levando em conta os eventos nela expostos, com base nas declarações de Simpson (1993/2005), e a construção das personagens principais, com base nas afirmações de Montgomery (1993/2004). Ademais, as personagens Oryx, Jimmy/Homem das Neves e Glenn/Crake se revelam complexas e profundas com o decorrer das narrativas do passado e do presente, o que nos instigou a realizar a análise de transitividade e descobrir o que suas realizações como "participantes" revelam sobre elas.

---

<sup>18</sup> No original: “[...] by erasing ‘the G-spot’, the creation of the crakers as posthumans follows some of the basic principles of transhumanism. On the other hand, however, such a project is anti-posthuman in essence as posthumanism, of course, is heavily dependent on the connections between the organic body, the cultural body, and technology.”

<sup>19</sup> No original: “Jimmy creates the crakers’ myths of origin and acts as their prophet (and as Oryx and Crake’s apostle) mainly for his survival in this post apocalyptic (or neo-prelapsarian) world. This means that Jimmy allows the crakers’ entry into the symbolic world of culture and, thus, a return to humanity (or humanism), the very traces of which Crake tried to erase in his creation. Language is, thus, both restorative and creative, as it creates the crakers’ myths of origin and, by doing that, restores their human position.”

## 2.3. Procedimentos de análise

Para Berber-Sardinha (2004), um corpus é um conjunto criteriosamente coletado de dados linguísticos textuais, que sejam naturais e autênticos, e que tem o propósito de ser utilizado para a pesquisa de uma língua ou de uma variedade linguística. De acordo com o autor, atualmente, o termo “corpus” vem sendo utilizado para designar materiais linguísticos em formato eletrônico que não tenham sido produzidos com o propósito de serem alvo de pesquisa linguística, como é o caso da linguagem de programação. A seguir, explicamos detalhadamente os procedimentos de análise do corpus de estudo desta dissertação, que consistem em recorte e anotação.

### 2.3.1. Recorte do corpus

Baseamos nosso método de recorte de corpus em Domingos e Silva (2015). Tais autores, por sua vez, basearam-se em Nunes (2010) e em Lima (2013) ao utilizarem a função “*randbetween*” do programa *Microsoft Office Excel* para a seleção aleatória de dez porções textuais. Domingos e Silva (2015) estipularam 1.000 *tokens* (1.000 palavras consecutivas) para cada porção textual pelo fato de haver capítulos de tamanhos desproporcionais nas obras analisadas por eles, que são *The Picture of Dorian Gray*, de Oscar Wilde (1891) e algumas de suas retraduições e tradução.

Domingos e Silva (2015) se fundamentaram em Dastjerdi e Mohammadi (2013) no quesito “*tokens*”, porém os últimos autores selecionaram capítulos aleatórios sem levar em conta o tamanho de cada um dos capítulos em sua pesquisa. Para a etiquetagem do corpus, Domingos e Silva (2015) também se basearam em Dastjerdi e Mohammadi (2013), apesar de terem utilizado categorias de apresentação do discurso em versão mais atualizada. Ademais, as análises e contagens foram realizadas com o apoio computacional, diferentemente de Dastjerdi e Mohammadi (2013), que realizaram tais tarefas de forma manual.

O corpus do nosso estudo, em formato eletrônico, foi composto por porções textuais semi-aleatórias retiradas do TF, *Oryx and Crake* (ATWOOD, 2003), e de suas porções correspondentes na tradução para o português brasileiro, *Oryx e Crake* (ATWOOD, 2018). Tais porções do TF estavam previstas para totalizar em

torno de 4.000 palavras, de modo que abrangessem a obra de Atwood (2003) do início ao fim, para que a análise abarcasse as narrativas uniformemente. Pelo que percebemos, cada página do TF tem, geralmente, entre 300 e 400 palavras, e, ao dividirmos “4.000” pelo número “350”, que é a média de palavras, obtivemos o número “11,4”, o qual arredondamos para “12”, isto é, dividimos a obra em 12 seções.

Baseando-nos na metodologia adotada por Domingos e Silva (2015), sorteamos 12 números por meio da função “*randbetween*” do programa *Microsoft Office Excel*, cada sorteio ocorrendo dentro de cada uma das 12 seções de texto, totalizando 31 páginas por seção<sup>20</sup>, sendo que o texto de *Oryx and Crake* (ATWOOD, 2003) se inicia na página “1” e termina na página “374”. Dessa forma, as porções textuais podem ser consideradas semi-aleatórias, e não aleatórias, como na análise de Domingos e Silva (2015), porque primeiro dividimos a obra em 12 seções pré-determinadas, e, dentro de cada uma dessas seções, houve uma seleção aleatória de páginas para escolha de cada porção de texto. Por exemplo: a primeira seção de texto se iniciou na página “1” e terminou na página “31”, e, se o número “5” fosse sorteado dentro desse intervalo, a quinta página do intervalo mencionado comporia a primeira porção de texto do corpus. Por fim, tanto as porções na LF quanto suas porções correspondentes na LA acabaram totalizando mais de 4.000 palavras, a saber, 4.192 e 4.330, respectivamente, afinal, realizamos os cálculos considerando a média de palavras das páginas, e não o número exato de palavras por página.

Após feito o recorte do corpus, transpomos os trechos escolhidos do TF e do TA para arquivos .doc a fim de realizarmos a anotação. Posteriormente, tais trechos em formato .doc foram transpostos para arquivos distintos em formato .txt para que pudessem ser processados pelo programa *WordSmith Tools 4.0*. É importante ressaltar que todo o trabalho foi feito manualmente, e o corpus é considerado de pequenas dimensões, isto é, teve menos de 80.000 palavras, de acordo com Berber-Sardinha (2004).

O programa *Oxford WordSmith Tools 4.0*, desenvolvido pelo linguista britânico Mike Scott em conjunto com a *Oxford University Press*, tem a função de possibilitar a investigação do comportamento das palavras em textos através de

---

<sup>20</sup> Por causa do arredondamento 11,4 → 12,0, a última seção de texto teve duas páginas a mais. Entretanto, essa diferença entre as porções pode ser considerada irrelevante.

determinadas ferramentas, sendo as principais chamadas de *WordList*, *Concord*, e *KeyWords* (SCOTT, 2007). Segundo Scott (2007),

a ferramenta **WordList** permite que você veja uma lista de todas as palavras ou grupos de palavras em um texto, dispostas em ordem alfabética ou de frequência. O concordanciador, **Concord**, dá a você a chance de ver qualquer palavra ou frase em contexto - para que você possa ver quais tipos de elementos a acompanham. Com o **KeyWords** você pode encontrar as palavras-chave de um texto. (SCOTT, 2007, p. 2, grifo do autor)<sup>21</sup>.

Das três ferramentas supracitadas, a de maior utilidade para os procedimentos de análise do nosso trabalho foi a ferramenta *Concord*, porque fizemos linhas de concordância com os rótulos referentes aos "processos", "participantes" e "circunstâncias", e com os rótulos das personagens analisadas, para que tivéssemos os contextos e os cotextos de tais elementos em nível de oração, além de termos utilizado as linhas de concordância para a quantificação dos rótulos.

### 2.3.2. Anotação do corpus

A anotação de corpus, segundo Hovy e Lavid (2010), pode ser largamente conceituada como o processo de enriquecimento de um corpus pela adição de informações linguísticas e de outros tipos, as quais podem ser incorporadas por humanos, por máquinas ou por ambos em conjunto, para fins teóricos ou práticos. Os autores ainda esclarecem que a anotação de corpus tem um impacto prático no campo da Tradução e que, pela perspectiva do Processamento de Linguagem Natural (PLN), pode ser vista como o processo de transformação de um texto puro em um texto interpretado, extraído ou marcado. Ademais, de acordo com Hovy e Lavid (2010), a anotação de corpus, para a Linguística de Corpus, é percebida como uma atividade que adiciona valor a um corpus, já que acrescenta informações que podem ser utilizadas para investigações teóricas, para a criação de bases de dados lexicais e para outros propósitos que exijam a reutilização do corpus anotado.

Assim como Santos (2013) e D'Ávila e Rodrigues (2014), utilizamos o CROSF, mais especificamente, o CROSF-15 (Código de Rotulação Sistemico-Funcional, versão 15) para realizar a anotação manual dos "processos",

---

<sup>21</sup> No original: "The **WordList** tool lets you see a list of all the words or word-clusters in a text, set out in alphabetical or frequency order. The concordancer, **Concord**, gives you a chance to see any word or phrase in context - so that you can see what sort of company it keeps. With **KeyWords** you can find the key words in a text."

"participantes" e "circunstâncias" do corpus do presente estudo, ou seja, as porções do TF e do TA. Proposto por Feitosa (2006), o CROSF-15 é composto por um número de sete dígitos representado por letras, no formato *ab cdefg*, as quais representam algum aspecto da LSF. As primeiras letras, *ab*, têm relação entre si, e as outras cinco letras, *cdefg*, também possuem uma relação própria. Isso significa que *b* é interpretado de forma diferente dependendo do que for atribuído à letra *a*, e *g* é interpretado de forma diferente dependendo do que for atribuído a *f*, e assim por diante. Excepcionalmente, nenhum valor depende do que é atribuído a *d*.

De acordo com Feitosa (2006), a posição *a* se refere ao fato de o elemento ser um Tema (simples ou múltiplo) ou um Rema (simples ou múltiplo), e a posição *b* se refere à posição do elemento analisado na oração. No presente trabalho, desconsideramos e atribuímos valor "0" a ambas as posições porque não foram classificações relevantes para a nossa análise. Conforme o autor, a posição *c* é utilizada para indicar qual das metafunções é relevante para a análise, tendo "1", "2" e "3" como valores atribuíveis, e representam a metafunção ideacional, a metafunção interpessoal e a metafunção textual, na mesma ordem. Assim sendo, atribuímos "1" a essa posição, porquanto analisamos somente a metafunção ideacional. Feitosa (2006) explica que a posição *d* é utilizada em relação à metafunção textual para indicar se o Tema é "marcado" ou "não-marcado" e, como esta classificação também não nos foi pertinente, atribuímos "0" a ela. Utiliza-se a posição *e* para classificar o item como "processo", "participante" ou "circunstância", e as posições *f* e *g* correspondem a uma análise mais delicada do elemento analisado, dependendo da atribuição feita à posição *e* (FEITOSA, 2006), podendo indicar, por exemplo, se o "processo" é mental, ou se o "participante" é um "experenciador", ou, ainda, se a "circunstância" é de acompanhamento.

Abaixo, na FIGURA 6<sup>22</sup>, apresentamos os rótulos CROSF atribuídos aos "processos" e "participantes" para o presente trabalho.

---

<sup>22</sup> Todas as categorias presentes na FIGURA 6 são de Halliday (1994).

**Figura 6** - Quadro com os rótulos dos "processos" e "participantes"

Categorias	Rótulos
PROCESSOS MATERIAIS	<0010310>
Ator	<0010111>
Meta	<0010112>
Recebedor	<0010113>
Cliente	<0010114>
Alcance	<0010119>
PROCESSOS MENTAIS	<0010320>
Experienciador	<0010121>
Fenômeno	<0010122>
Alcance	<0010129>
PROCESSOS RELACIONAIS	<0010330>
Portador	<0010131>
Atributo	<0010132>
Identificado	<0010133>
Identificador	<0010134>
Característica	<0010135>
Valor	<0010136>
PROCESSOS VERBAIS	<0010340>
Dizente	<0010141>
Receptor	<0010142>
Verbiagem	<0010143>
Alvo	<0010144>
Alcance	<0010149>
PROCESSOS COMPORTAMENTAIS	<0010350>
Comportante	<0010151>
Alcance	<0010159>
PROCESSOS EXISTENCIAIS	<0010360>
Existente	<0010161>

Fonte: Baseado em D'Ávila e Rodrigues (2014, p. 38) com base em Halliday e Matthiessen (2014)

A seguir, na FIGURA 7<sup>23</sup>, apresentamos os rótulos CROSF atribuídos às “circunstâncias” para o presente trabalho.

**Figura 7** - Quadro com os rótulos das “circunstâncias”

Categorias	Rótulos
CIRCUNSTÂNCIAS	<0010500>
Localização	<0010510>
Extensão	<0010520>
Modo	<0010530>
Causa	<0010540>
Contingência	<0010550>
Acompanhamento	<0010560>
Papel	<0010570>
Assunto	<0010580>
Ângulo	<0010590>

Fonte: Baseado em Feitosa (2006, p. 1147)

Dispomos os códigos rotulares entre colchetes angulares, e os anotamos logo após os elementos analisados. Para exemplificar, demonstraremos como o código é apresentado ao anotarmos um “processo” (i), um “participante” (ii) e uma “circunstância” (iii) com o CROSF.

(i) O código <0010320>, referente ao elemento “pensou”, presente em “No início, Jimmy pensou que se tratava de rotina [...]” (ATWOOD, 2018, p. 304), é lido da seguinte forma: ideacional (posição *c*); “processo” (posição *e*); “processo” mental (posição *f*).

(ii) O código <0010111>, referente ao elemento “ele”, presente em “Ele atravessa o portão externo [...]” (ATWOOD, 2018, p. 215), é lido da seguinte forma: ideacional (posição *c*); “participante” (posição *e*); “processo” material (posição *f*); “ator” (posição *g*).

<sup>23</sup> Todas as categorias presentes na FIGURA 7 são de Halliday (1994).

(iii) O código <0010510>, referente ao elemento “ontem”, presente em “Ele não devia ter bebido aquela água ontem [...]” (ATWOOD, 2018, p. 261), é lido da seguinte forma: ideacional (posição c); “circunstância” (posição e); “circunstância” de localização (posição f).

Para as personagens<sup>24</sup> Oryx, Jimmy/Homem das Neves e Glenn/Crake, criamos rótulos com o intuito de verificar quais são seus perfis experienciais conforme os “processos” e os “participantes” realizados nas orações em que estão presentes. À personagem Oryx, atribuímos o rótulo <1>; à personagem Jimmy/Homem das Neves, atribuímos o rótulo <2>; à personagem Glenn/Crake, atribuímos o rótulo <3>.

Além dos rótulos das personagens principais, atribuímos o rótulo <0> para o que chamamos de “participantes elípticos”. No decorrer do corpus, com proeminência na porção na LA, ocorre a elipse de “participantes” em determinadas orações, ora Sujeitos, ora Objetos, os quais ocorrem em orações anteriores e que não são repetidos, por exemplo. Por esses motivos, decidimos criar tal rótulo para possibilitar-nos a quantificação e qualificação adequada dos “participantes” do corpus e tornar nossa análise mais delicada.

E, além dos rótulos propostos por Feitosa (2006), atribuímos o rótulo <4> para o que chamamos de “verbos implícitos”. Tanto no TF quanto no TA, há a ocorrência da implicitação em grupos verbais que compõem determinados “processos” no decorrer do corpus, ora estando implicitada(s) apenas alguma(s) parte(s), ora estando todo o grupo verbal implicitado. Primeiramente, nomeamos tais ocorrências como “processos implícitos”, então reconsideramos e as nomeamos “verbos implícitos” porque, em algumas ocasiões, apenas verbos auxiliares ou Finitos estão implicitados, em outras, os Predicadores.

Outrossim, atribuímos o rótulo <5> para o que chamamos de “participantes implícitos”. Baseando-nos em Halliday e Matthiessen (2014), propomos esse rótulo para dar cabo dos “participantes” que têm potencial para serem explicitados nas orações, mas que estão implícitos. A necessidade desse rótulo surgiu quando nos deparamos com orações materiais em que não havia o “participante” “ator”

---

<sup>24</sup> Para fins de sistematização, consideramos apenas as personagens principais individualmente, sem acréscimo das outras personagens (tanto as outras principais como as secundárias) nos grupos nominais.

realizando a ação, o que não condiz com Halliday (1994) ao tratar de orações materiais, pois o autor afirma que a presença do “ator” é obrigatória. Acabamos, posteriormente, nos deparando com “participantes” implícitos, também, em orações mentais, relacionais e verbais, embora em números significativamente menores.

Como exemplo, pode-se verificar, na FIGURA 8, a anotação de um trecho do TF em comparação com a anotação de um trecho do TA. Nele, há os rótulos CROSF, os rótulos das personagens e o rótulo referente à categoria “participantes elípticos”.

**Figura 8** - Quadro com um exemplo de anotação de um trecho do corpus no TF e no TA

TF (ATWOOD, 2003, p. 3)	TA (ATWOOD, 2018, p. 15) Tradução de Léa Viveiros de Castro
Snowman <2>-<0010151> wakes <0010350> before dawn <0010510>. He <2>-<0010151> lies <0010350> unmoving, listening to the tide coming in, wave after wave sloshing over the various barricades, wish-wash, wish-wash, the rhythm of heartbeat. He <2>-<0010121> would so like to believe <0010320> he <2>-<0010131> is <0010330> still asleep <0010132>.	O Homem das Neves <2>-<0010151> acorda <0010350> antes do amanhecer <0010510>. Ele <2>-<0010151> fica deitado <0010350>, imóvel, ouvindo a maré encher, uma onda atrás da outra derramando-se sobre as diversas barricadas, wish-wash, wish-wash, no ritmo do coração. Ele <2>-<0010121> gostaria tanto de acreditar <0010320> que [e/e] <0>-<2>-<0010151> ainda estava dormindo <0010350>.

Fonte: Elaboração própria

Na oração “Snowman wakes before dawn” e em sua tradução “O Homem das Neves acorda antes do amanhecer”, temos o rótulo <0010151>, que indica o “participante” “comportante” referente a “Snowman” e a “Homem das Neves”, indicados pelo rótulo <2>; <0010350>, que indica um “processo” comportamental, referente aos verbos “wakes” e “acorda”; e <0010510>, “circunstância” de “localização”, mais especificamente, “localização de tempo”, referente aos elementos “before dawn” e “antes do amanhecer”. Tanto no TF quanto no TA, a análise transitiva é similar, o que indica que as duas orações são equivalentes ideacionalmente.

Na oração “He lies unmoving” e em sua tradução “Ele fica deitado, imóvel”, temos o rótulo <0010151>, que indica o “participante” “comportante” referente a “He” e a “Ele”, indicados pelo rótulo <2>; e <0010350>, que indica um “processo” comportamental, referente aos grupos verbais “lies” e “fica deitado”. Novamente,

tanto no TF quanto no TA, a análise transitiva é semelhante, o que indica que as duas orações são equivalentes do ponto de vista ideacional.

Na oração “He would so like to believe” e em sua tradução “Ele gostaria tanto de acreditar”, temos o rótulo <0010121>, que indica o “participante” “experenciador” referente a “He” e a “Ele”, indicados pelo rótulo <2>; e <0010320>, que indica um “processo” mental, referente aos grupos verbais “would [...] like to believe” e “gostaria [...] de acreditar”. Dessa forma, a análise transitiva do TF e do TA indica que as duas orações são equivalentes sob a perspectiva ideacional.

Por fim, na oração “[...] he is still asleep” temos o rótulo <0010131>, que indica o “participante” “portador” referente a “he”, sinalizado pelo rótulo <2>; <0010330>, que indica um “processo” relacional, representado pelo verbo “is”; e <0010132>, que indica um “atributo”, representado pelo adjetivo “asleep”. Na tradução “[ele] ainda estava acordado”, temos o rótulo <0010151>, que indica o “participante” “comportante”, referente ao Sujeito Elíptico “ele”, indicado pelo rótulo <0>-<2>; e <0010350>, que indica um “processo” comportamental, referente a “estava dormindo”. Nesse caso, o perfil ideacional da oração sofre uma leve mudança, pois o “processo” passa de “relacional” para “comportamental”. Apesar disso, pode-se conjecturar que o significado da ação não sofre grande alteração, pois há ainda a ideia de estar dormindo em ambos os trechos do TF e do TA.

Alguns fatores consideráveis fizeram parte da anotação. Analisamos frases com verbos conjugados (bem como os implícitos), além dos “participantes” expressos, juntamente com os “participantes” elípticos, os “participantes” implícitos e os “elementos circunstanciais”. Em orações relacionais circunstanciais, desconsideramos a dupla classificação “participante”/“circunstância” enfocando somente os “participantes” dessas orações. Anotamos o corpus, primeiramente, com os rótulos das personagens, depois com os rótulos das “circunstâncias”, após com os dos “processos” e, por fim, com os dos “participantes”, nessa ordem. Posteriormente, utilizando a ferramenta *Concord* do programa *WordSmith Tools 4.0*, os rótulos de “processos”, “participantes” e “circunstâncias” foram buscados nas linhas de concordância, de uma maneira geral, a fim de verificar a frequência dessas categorias no TF e no TA.

Após, foram feitas e salvas linhas de concordância com os rótulos <0>, <1>, <2>, <3>, <4>, <5>, <0>-<1>, <0>-<2>, <0>-<3>, <5>-<1>, <5>-<2> e <5>-<3>, individualmente, a fim de averiguar quais são os “participantes” elípticos do corpus e

quais personagens sofrem eclipse; quais são os "processos", os "participantes" e as "circunstâncias" do corpus; quais tipos de "participantes" cada personagem realiza; quais são os verbos implícitos e os "processos" dos quais fazem parte; e quais são os "participantes" implícitos do corpus e quais personagens são implicitadas. Quando um "participante" elíptico se refere a uma personagem, acrescentamos o rótulo relativo a ela, e o mesmo se fez com os "participantes" implícitos. A título de exemplificação, se a personagem Oryx estivesse funcionando como um "ator" elíptico, o rótulo completo seria <0>-<1>-<0010111>, e se a personagem estivesse funcionando como um "ator" implícito, o rótulo completo seria <5>-<1>-<0010111>. Feito isso, realizamos a interpretação dos dados e do que eles implicam em termos de representação no TF e no TA da presente investigação.

Para contabilizar as linhas de concordância utilizando a ferramenta *Concord* do programa *WordSmith Tools 4.0*, bastou apenas verificar o número de linhas de concordância que a própria ferramenta dispõe após feita a busca por um rótulo. Na FIGURA 9, a seguir, a qual se trata da quantidade de "processos" materiais no TF, pode-se averiguar as duas maneiras como a ferramenta *Concord* expõe o número de ocorrências de um rótulo.

**Figura 9** - Captura de tela das linhas de concordância referentes à quantidade de "processos" materiais no TF

The screenshot shows the Concord software interface with a concordance table. The table has columns for 'Set', 'Tag', 'Word #', 't.', '# os.', '# os.', '# os.', 't.', '# os.', 'File', and '%'. The first column is circled in red. The table lists various concordance lines with their corresponding statistics and file names. At the bottom, there are tabs for 'concordance', 'collocates', 'plot', 'patterns', 'clusters', 'filenames', 'source text', and 'notes'. The 'concordance' tab is selected, and a red circle highlights the 'Set' tag in the first column of the table.

Set	Tag	Word #	t.	# os.	# os.	# os.	t.	# os.	File	%
1	Concordance									
1	killing yourself was something you did	<0010310>	for an audience , as on	6.178 291 4%	0 8%	0 8%	0 8%	x and crake.txt	98%	
2	Once in a while he - considered killing	<0010310>	himself - æ	6.143 290 1%	0 8%	0 8%	x and crake.txt	98%		
3	some people wonæ	<0010310>	do to get	6.067 285 6%	0 6%	0 6%	x and crake.txt	96%		
4	anchors , news jocks to the end , set	<0010310>	the cameras to film their own	6.031 283 4%	0 6%	0 6%	x and crake.txt	96%		
5	Sometimes he -æ	<0010310>	the sound , [he -æ	5.981 275 7%	0 5%	0 5%	x and crake.txt	95%		
6	the end of a species was taking	<0010310>	place before his very eyes .	5.929 270 1%	0 4%	0 4%	x and crake.txt	94%		
7	until he - could blank himself - out	<0010310>	. Meanwhile, the end of a	5.919 269 0%	0 4%	0 4%	x and crake.txt	94%		
8	first occasion it took his breath away	<0010310>	. æ	5.849 268 0%	0 3%	0 3%	x and crake.txt	93%		
9	, she - marched right in , she - had	<0010310>	him - out of his shell in two	5.794 266 6%	0 2%	0 2%	x and crake.txt	92%		
10	to his suite on purpose , she - marched	<0010310>	right in , she - had him -	5.787 266 6%	0 2%	0 2%	x and crake.txt	92%		
11	him - . What else to call it? She - came	<0010310>	to his suite on purpose , she	5.776 266 4%	0 2%	0 2%	x and crake.txt	92%		
12	Then a threesome. He - could churn out	<0010310>	this crap in his sleep .	5.720 255 0%	0 1%	0 1%	x and crake.txt	91%		
13	though for that one they didnæ	<0010310>	the condom line . Then a	5.707 253 1%	0 1%	0 1%	x and crake.txt	91%		
14	- Donæ	<0010310>	a Lot ! Simulations of a man	5.668 250 1%	0 0%	0 0%	x and crake.txt	90%		
15	Body Experience! [You] - Donæ	<0010310>	a Little , [you] - Live a Lot	5.661 250 8%	0 0%	0 0%	x and crake.txt	90%		
16	catchy slogans: [You] - Throw Away	<0010310>	Your Condoms ! BlyssPlus,	5.647 248 2%	0 0%	0 0%	x and crake.txt	90%		
17	closer , so he - had his staff turn out	<0010310>	some visuals , a few catchy	5.635 248 8%	0 0%	0 0%	x and crake.txt	90%		
18	- But the official launch was looming	<0010310>	closer , so he - had his staff	5.623 248 5%	0 9%	0 9%	x and crake.txt	89%		
19	there . The BlyssPlus Pill would sell	<0010310>	itself , it didnæ	5.603 247 0%	0 9%	0 9%	x and crake.txt	89%		
20	antidote to Oryx . He - fiddled around	<0010310>	at his job : not much of a	5.585 246 5%	0 9%	0 9%	x and crake.txt	89%		
21	on offer . He -æ	<0010310>	with Crakeæ	5.513 243 5%	0 8%	0 8%	x and crake.txt	88%		
22	tried to show none . He - took to visiting	<0010310>	the pleeblands , paying for	5.480 241 4%	0 7%	0 7%	x and crake.txt	87%		
23	no interest in her . or he - tried to show	<0010310>	none . He - took to visiting	5.472 240 4%	0 7%	0 7%	x and crake.txt	87%		
24	as he - could [behave] - he - showed	<0010310>	no interest in her - , or he -	5.459 240 3%	0 7%	0 7%	x and crake.txt	87%		
25	powder æ	<0010310>	within [by someone] - . Not	5.410 236 3%	0 6%	0 6%	x and crake.txt	86%		
26	past demo limit			imidimit	o limitimidimitimidimitimidimitimidimit	past demo limit	o limit			
27	past demo limit			imidimit	o limitimidimitimidimitimidimitimidimit	past demo limit	o limit			
28	past demo limit			imidimit	o limitimidimitimidimitimidimitimidimit	past demo limit	o limit			
29	past demo limit			imidimit	o limitimidimitimidimitimidimitimidimit	past demo limit	o limit			
30	past demo limit			imidimit	o limitimidimitimidimitimidimitimidimit	past demo limit	o limit			
31	past demo limit			imidimit	o limitimidimitimidimitimidimitimidimit	past demo limit	o limit			
32	past demo limit			imidimit	o limitimidimitimidimitimidimitimidimit	past demo limit	o limit			
33	past demo limit			imidimit	o limitimidimitimidimitimidimitimidimit	past demo limit	o limit			
34	past demo limit			imidimit	o limitimidimitimidimitimidimitimidimit	past demo limit	o limit			
35	past demo limit			imidimit	o limitimidimitimidimitimidimitimidimit	past demo limit	o limit			

Fonte: Compilação do autor

O círculo vermelho no topo da imagem se refere à coluna de nome "N". Nessa coluna, são mostrados os números relacionados a cada uma das linhas de concordância, em ordem crescente, sendo possível verificar a quantidade de linhas ao chegar no final da página. O círculo vermelho na base da imagem aponta o número total de linhas de concordância, sem a necessidade de chegar no fim da página, o que facilita a quantificação.

Para contabilizar os verbos implícitos no corpus, o procedimento foi semelhante ao que foi executado na FIGURA 9. No entanto, além de ser feita a busca pelos rótulos de "processos", adicionou-se o rótulo <4> a eles, separados por hífen. Na FIGURA 10, é possível verificar as linhas de concordância e o número total de verbos implícitos materiais no TA, cujo rótulo é <4>-<0010310>.

**Figura 10** - Captura de tela das linhas de concordância referentes aos verbos implícitos materiais no TA

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t. #	os.	. #	os.	. #	os.	t. #	os.	File	%
1	ria] adorÃq -la -, [ele -- queria] abri <4>-<0010310>-la - como se ela - fosse			5.649	237	1%	0	9%	0	6%			e crake (ta).txt	85%
2	[a pÃ-lula BlyssPlus] - [foi planejada] <4>-<0010310> [por cientistas] - [para]			5.502	232	7%	0	6%	0	3%			e crake (ta).txt	83%
3	Eu - posso ouvir e [eu -- posso] beber <4>-<0010310> ao mesmo tempo. ãe			5.210	222	7%	0	1%	0	9%			e crake (ta).txt	79%
4	ganado - tanto , [ele -- tinha] participado <4>-<0010310> da sua Ãtima viagem			4.453	183	7%	0	8%	0	7%			e crake (ta).txt	67%
5	passo o mais que [ele] -- pode [apertar] <4>-<0010310>. Ele - sabe que [ele] -			4.240	174	0%	0	4%	0	4%			e crake (ta).txt	63%
6	-se - Ã ciÃncia e [ele -- devia] deixar <4>-<0010310> o pobre Byron para			3.036	118	2%	0	3%	0	6%			e crake (ta).txt	45%
7	foram para um lado , outras [foram] <4>-<0010310> para outro . Oryx - foi			2.547	97	8%	0	5%	0	9%			e crake (ta).txt	37%
8	tropeÃsando e [ele - vai] se agarrando <4>-<0010310> no caminho , tentando			1.912	67	5%	0	3%	0	9%			e crake (ta).txt	28%
9	[por alguÃm] - e [ele - foi] trancafiado <4>-<0010310> numa sala de			991	30	0%	0	7%	0	5%			e crake (ta).txt	14%
10	[por alguÃm] - e [ela - foi] colocada <4>-<0010310> num tanque de alvejante			963	30	7%	0	7%	0	5%			e crake (ta).txt	14%

Fonte: Compilação do autor

Para a quantificação de "participantes" elípticos ou implícitos, o procedimento foi similar ao que se explicou acima. Adicionou-se ou o rótulo <0>, para "participantes" elípticos, ou o rótulo <5>, para "participantes" implícitos, aos rótulos de "participantes", separando-os com hífen. Assim, se o intuito era buscar uma "meta" elíptica, buscava-se pelo rótulo <0>-<0010112>, como é possível verificar na FIGURA 11; se o intuito era buscar uma "meta" implícita, buscava-se pelo rótulo <5>-<0010112>.

Figura 11 - Captura de tela das linhas de concordância referentes às “metas” elípticas no TA

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t. #	os. #	os. %	File	%
1	humana, e [a pÃ-lula BlyssPluss] <0>-<0010112> [foi planejada] - [por			5.511	232	2%	0 6%	e crake (ta).txt	83%
2	aquilo tudo fosse armaÃo ? [Aquilo] <0>-<0010112> Poderia ter sido feito			4.748	204	4%	0 3%	e crake (ta).txt	71%
3	com HotBioform [por alguÃm] - e [ele <0>-<0010112> foi] trancafiado - numa			989	30	6%	0 7%	e crake (ta).txt	14%
4	borrifada [por alguÃm] - e [ela <0>-<0010112> foi] colocada - num			961	30	2%	0 7%	e crake (ta).txt	14%
5	do MÃxico e que por isso [elas] <0>-<0010112> nÃo podiam ser			45	0	8%	0 1%	e crake (ta).txt	1%

Fonte: Compilação do autor

Como as “circunstâncias” não ocorrem elididas ou implícitas, bastou apenas buscar pelos rótulos de tais elementos e verificar o número total de ocorrências. A seguir, na FIGURA 12, é possível verificar como se deu a quantificação das “circunstâncias” de acompanhamento no TF.

Figura 12 - Captura de tela das linhas de concordância referentes às “circunstâncias” de acompanhamento no TF

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t. #	os. #	os. %	File	%
1	to watch , except old movies on DVD <0010560> He - watched Humphrey			6.365	298	0%	0 0%	nd crake (tf).txt	100%
2	with frills , with spangles , with lace <0010560> , whatever was on offer . He -			5.586	242	1%	0 8%	nd crake (tf).txt	88%
3	in bars . Girls with frills , with spangles <0010560> , with lace , whatever was on			5.583	242	4%	0 7%	nd crake (tf).txt	88%
4	, paying for girls in bars . Girls with frills <0010560> , with spangles , with lace ,			5.580	242	8%	0 7%	nd crake (tf).txt	87%
5	and polyandrous tendencies <0010560> . Instead it had been			5.385	233	0%	0 4%	nd crake (tf).txt	84%
6	lovers , but he - was moody with them <0010560> , he - failed to be entertaining			4.779	212	0%	0 5%	nd crake (tf).txt	74%
7	on his two fists , weeping with laughter <0010560> . Why did she have to drag			4.502	197	0%	0 1%	nd crake (tf).txt	70%
8	scopers and busted searchlights <0010560> , then the checkpoint booth.			4.395	186	7%	0 9%	nd crake (tf).txt	68%
9	Genie-Gnomes , with the elfin mascot <0010560> popping its pointy-eared			4.288	179	8%	0 7%	nd crake (tf).txt	67%
10	space with no shelter and few verticals <0010560> . He - pulls the sheet up over			4.108	173	0%	0 4%	nd crake (tf).txt	64%
11	, with its plastic jungle-gym colours <0010560> . ÆœNo risks hereÆœ , the			4.033	171	1%	0 3%	nd crake (tf).txt	63%
12	the human , with dark wings <0010560> and eyes that burned like			3.703	153	0%	0 8%	nd crake (tf).txt	58%
13	woman with intriguing vulnerabilities <0010560> would happen along shortly .			3.482	141	0%	0 5%	nd crake (tf).txt	54%
14	they Æ™d lost their tempers with him <0010560> he - Æ™d know it was over			3.442	139	4%	0 4%	nd crake (tf).txt	54%
15	. If they want to play with themselves <0010560> in public , [if they - want to]			3.360	138	0%	0 3%	nd crake (tf).txt	52%
16	it with broken glass and barbed wire <0010560> on the top , and they went in			2.758	109	8%	0 3%	nd crake (tf).txt	42%
17	her - in a car with some other girls <0010560> , three or four, girls she -			2.706	107	3%	0 2%	nd crake (tf).txt	42%
18	f them - that - went with the movie man <0010560> . He told her - she - was			2.570	102	0%	0 0%	nd crake (tf).txt	39%
19	of the room with the grey mattresses <0010560> [by someone] - , and Oryx -			2.481	98	6%	0 9%	nd crake (tf).txt	38%
20	y sight : it was Melons Riley with a man <0010560> , heading towards one of the			1.270	41	5%	0 0%	nd crake (tf).txt	19%
21	with its fountains and plastic ferns <0010560> , through the warm-bathwater			1.207	40	8%	0 9%	nd crake (tf).txt	18%
22	with a hostile bioform concealed <0010560> in a hairspray bottle . Some			898	28	8%	0 4%	nd crake (tf).txt	14%
23	and a lot of glazed earth-tone tiles <0010560> , and the indoor pool was			773	23	6%	0 2%	nd crake (tf).txt	12%
24	even though his lunches with his father <0010560> had become few in number			715	21	1%	0 1%	nd crake (tf).txt	11%
25	from Organinc made the move with him <0010560> ; she was part of the deal			608	19	2%	0 0%	nd crake (tf).txt	9%
26	past demo limit	imit	imit	imit	imit	imit	imit	imit	imit
27	past demo limit	imit	imit	imit	imit	imit	imit	imit	imit
28	past demo limit	imit	imit	imit	imit	imit	imit	imit	imit
29	past demo limit	imit	imit	imit	imit	imit	imit	imit	imit
30	past demo limit	imit	imit	imit	imit	imit	imit	imit	imit

Fonte: Compilação do autor

E, para a quantificação dos "participantes" realizados por Oryx, Jimmy/Homem das Neves, e Glenn/Crake, o procedimento realizado foi similar ao explicado sobre a FIGURA 11. Adicionou-se os rótulos <1>, <2>, e <3> aos rótulos de "participantes", separando-os com hífen. Então, se o intuito era buscar o “participante” “dizente” sendo realizado pela personagem Glenn/Crake, buscava-se

pelo rótulo <3>-<0010141>, como é possível verificar na FIGURA 13, e o mesmo era feito em relação aos outros "participantes" realizados pelas outras personagens.

**Figura 13** - Captura de tela das linhas de concordância referentes aos “dizentes” realizados por Glenn/Crake no TA

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t.	#	os.	#	os.	#	os.	File	%
1	NÃO seja tãO sentimental â€ Crake <3>-<0010141> costumava dizer a ele -			6.418	288	7%	1	8%	0	7%	e crake (ta).txt	97%	
2	] -- leia as instruções â€ ele <3>-<0010141> disse . â€ O que			5.432	229	2%	0	5%	0	2%	e crake (ta).txt	82%	
3	Jimmy -. No Paradiçe , disse Crake <3>-<0010141> â€ e eles iriam visitar o			5.240	223	7%	0	1%	0	9%	e crake (ta).txt	79%	
4	â€ Megamilhões â€ disse Crake <3>-<0010141> . â€ [Eu] -- Posso tomar			5.165	219	0%	0	0%	0	8%	e crake (ta).txt	78%	
5	â€ Arte. â€ Nada â€ Crake <3>-<0010141> disse calmamente. â€			3.398	136	3%	0	9%	0	1%	e crake (ta).txt	51%	
6	tudo o que resta - â€ disse Crake <3>-<0010141> . â€ Os arqueólogos se			3.272	128	5%	0	7%	0	9%	e crake (ta).txt	49%	
7	estar trepando? â€ disse Crake <3>-<0010141> . Ele - não estava			3.108	120	0%	0	4%	0	7%	e crake (ta).txt	46%	
8	- que você quer dizer ? â€ Crake <3>-<0010141> disse , como se [ele] --			3.062	119	1%	0	3%	0	6%	e crake (ta).txt	45%	
9	- pense â€ â€ Arte â€ disse Crake <3>-<0010141> . â€ [Eu] -- Acho que			2.928	112	9%	0	1%	0	4%	e crake (ta).txt	43%	
10	s â€ disse Jimmy -, rindo, mas Crake <3>-<0010141> continuou [falando] :-			1.524	50	7%	0	7%	0	3%	e crake (ta).txt	22%	
11	Use os neurônios â€ disse Crake <3>-<0010141> . â€ Passo um: calcular			1.429	45	7%	0	5%	0	2%	e crake (ta).txt	21%	
12	problema geométrico â€ disse Crake <3>-<0010141> . â€ Você - teria que			1.393	43	3%	0	4%	0	1%	e crake (ta).txt	20%	

Fonte: Compilação do autor

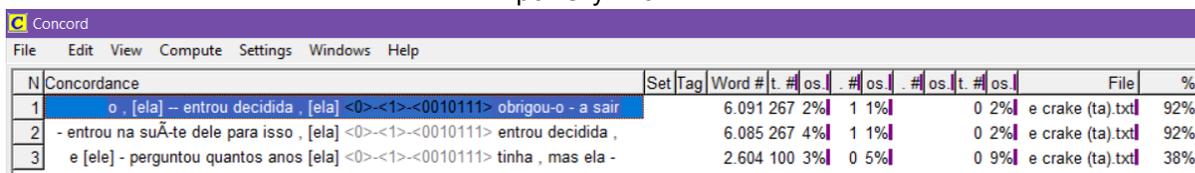
Quando buscamos, por exemplo, um “ator” elíptico, o rótulo utilizado foi <0>-<0010111>. No entanto, essa busca só mostrou as realizações de “atores” elípticos que não eram das três personagens principais. Explicando melhor, para saber a quantidade real de “atores” elípticos, foi necessário buscar por quatro rótulos: primeiro, o rótulo <0>-<0010111>, já mencionado; depois, o rótulo <0>-<1>-<0010111>, para obtermos a quantidade de “atores” elípticos realizados por Oryx; então, o rótulo <0>-<2>-<0010111>, para obtermos a quantidade de “atores” elípticos realizados por Jimmy/Homem das Neves; e, por fim, o rótulo <0>-<3>-<0010111>, para obtermos a quantidade de “atores” elípticos realizados por Glenn/Crake. Tendo as quantidades de ocorrências desses quatro rótulos, bastou somá-las para chegarmos ao número total de “atores” elípticos. Para encontrar o número real de "participantes" implícitos, o procedimento foi o mesmo, mas se usou o rótulo <5>.

Isso foi necessário porque os rótulos de personagens (<1>, <2>, e <3>) dispõem-se entre os rótulos de "participantes" elípticos ou implícitos e os rótulos CROSF, o que impediu o programa *WordSmith Tools 4.0* de mostrar o número total de ocorrências. Por exemplo: ao buscarmos o rótulo de “ator” elíptico (<0>-<0010111>) no TA, encontramos o número “23”, mas esse não é o número total de “atores” elípticos no TA. Por isso, buscamos, também, pelo rótulo <0>-<1>-<0010111> e encontramos o número “3” (três “atores” elípticos realizados

por Oryx); buscamos pelo rótulo <0>-<2>-<0010111> e encontramos o número “23” (vinte e três “atores” elípticos realizados por Jimmy/Homem das Neves); buscamos pelo rótulo <0>-<3>-<0010111> e encontramos o número “3” (três “atores” elípticos realizados por Glenn/Crake). Somando essas quatro quantidades, encontramos, no total, 52 “atores” elípticos no TA. Para todos os outros “participantes” elípticos e implícitos, procedemos de forma similar.

A seguir, na FIGURA 14, é possível verificar como se deu a quantificação de “atores” elípticos realizados por Oryx no TA.

**Figura 14** - Captura de tela das linhas de concordância referentes aos “atores” elípticos realizados por Oryx no TA



N	Concordance	Set	Tag	Word #	t.	#	os.	.	#	os.	t.	#	os.	File	%
1	o , [ela] -- entrou decidida , [ela] <0>-<1>-<0010111> obrigou-o - a sair			6.091	267	2%	1	1%		0	2%			e crake (ta).txt	92%
2	- entrou na suã-te dele para isso , [ela] <0>-<1>-<0010111> entrou decidida ,			6.085	267	4%	1	1%		0	2%			e crake (ta).txt	92%
3	e [ele] - perguntou quantos anos [ela] <0>-<1>-<0010111> tinha , mas ela -			2.604	100	3%	0	5%		0	9%			e crake (ta).txt	38%

Fonte: Compilação do autor

Após explicarmos todos os passos metodológicos realizados nesta dissertação, seguimos para o terceiro capítulo, referente aos resultados e à discussão. Em tal capítulo, expomos quinze tabelas com os dados quantitativos analisados e discutidos, o que nos propicia responder às perguntas de pesquisa deste trabalho.

### 3. Resultados e Discussão

Neste capítulo, discorreremos sobre os resultados das quantificações feitas utilizando o corpus de estudo desta dissertação, composto por doze trechos de *Oryx and Crake* (ATWOOD, 2003) e seus doze trechos correspondentes de *Oryx e Crake* (ATWOOD, 2018). Ao todo, criamos quinze tabelas para dar conta das nossas perguntas de pesquisa, expostas na introdução desta dissertação.

#### 3.1. “Processos” e verbos implícitos

A seguir, na TABELA 1, apresentamos os seis tipos de "processos" de acordo com a LSF e suas quantidades no TF e no TA analisados no presente trabalho.

**Tabela 1** - "Processos" no TF e no TA

Tipos de Processos	TF	TA
Processos Materiais	197	196
Processos Mentais	98	110
Processos Relacionais	175	173
Processos Verbais	68	68
Processos Comportamentais	25	14
Processos Existenciais	18	26
TOTAL	581	587

Fonte: Elaboração própria

Na TABELA 1, se apenas enfocarmos o número total de "processos" no TF e no TA, encontramos apenas 6 "processos" a mais no TA (581 no TF e 587 no TA), o que pode parecer pouco em um primeiro momento. No entanto, é nos dados específicos de cada tipo de “processo” que podemos encontrar diferenças palpáveis. Por isso, em seguida, trataremos das quantidades de "processos" referentes a cada tipo de “processo” da LSF encontradas no corpus de estudo.

Referente aos "processos" materiais, encontramos 197 no TF e 196 no TA, sendo esses "processos" os que ocorreram em maior quantidade no decorrer do

corpus, assim como em D'Ávila e Rodrigues (2014). Tais tipos de "processos" representam 33.91% e 33.39% de todos os "processos", no TF e no TA, na mesma ordem. A princípio, é possível pensar que não há grandes diferenças entre os "processos" materiais encontrados no TF e os encontrados no TA, sendo possível verificar, no EXEMPLO 1, a semelhança entre dois excertos, em que ambos o verbo "to take" (conjugado no *simple past tense*) e o verbo "levar" (conjugado no pretérito perfeito do indicativo) expressam "processos" materiais.

#### EXEMPLO 1

(TF) The next day his father **took** him to a haircut place [...] (p. 17)

(TA) No dia seguinte, o pai **levou-o** a um lugar de cortar cabelo [...] (p. 26)

No entanto, se observarmos mais atentamente as realizações dos "processos" materiais no TF e no TA, encontramos diferenças. Há alguns casos em que uma oração possui um "processo" material no TF e um outro tipo de "processo" no TA, a título de exemplo, um "processo" verbal, como no EXEMPLO 2; e há casos em que uma oração possui algum tipo de "processo" no TF, um "processo" mental, por exemplo, e no TA possui um "processo" material, como no EXEMPLO 3.

#### EXEMPLO 2

(TF) Jimmy's father said she **was making** a big deal about nothing. (p. 53)

(TA) O pai de Jimmy disse que ela **estava reclamando** à toa. (p. 57)

#### EXEMPLO 3

(TF) [...] and Jimmy didn't want that, [...] (p. 17)<sup>25</sup>

(TA) [...] e Jimmy não **queria usar** aquilo, [...] (p. 27)

---

<sup>25</sup> No EXEMPLO 3, na oração do TA, utilizamos o negrito no grupo verbal "queria usar" pois contempla o foco do exemplo, ou seja, estamos discorrendo sobre "processos" materiais e o grupo verbal é classificado como tal. Não utilizamos o negrito no grupo verbal "did [...] want", na oração do TF, pois se trata de um processo "mental", isto é, não contempla o foco do exemplo. Em alguns exemplos posteriores, procedemos de maneira similar, utilizando o negrito apenas nas orações que contemplam focos.

No EXEMPLO 2, a mudança ocorre devido aos verbos utilizados nos "processos": na oração do TF, o "processo" é material devido à presença do verbo "to make" e da "meta" "a big deal"; na oração do TA, o "processo" é verbal devido à presença do verbo "reclamar". No EXEMPLO 3, o contrário ocorre: na oração do TF, o "processo" é mental por conta do verbo "to want" e do "fenômeno" "that"; já na oração do TA, há a presença do verbo "usar" no grupo verbal, em conjunto com o verbo "querer", o que faz de "aquilo" uma "meta", e não um "fenômeno". Assim sendo, por mais que o número total de "processos" materiais no TF e no TA seja semelhante, algumas de suas realizações destoam.

Com relação aos "processos" mentais, encontramos 98 no TF e 110 no TA, ou seja, há 12 realizações a mais no TA do que no TF. Tais tipos de "processos" representam 16.87% e 18.74% de todos os "processos", no TF e no TA, na mesma ordem. No EXEMPLO 4, pode-se verificar a equivalência tradutória entre uma oração na LF e sua correspondente na LA, sendo que ambos o verbo "to like" (conjugado no *simple past tense*) e o verbo "gostar" (conjugado no pretérito imperfeito do indicativo) realizam "processos" mentais.

#### EXEMPLO 4

(TF) He **liked** the money! (p. 136)

(TA) Ele **gostava** do dinheiro! (p. 131)

Como já mencionado, há mais realizações de "processos" mentais no TA do que no TF e é possível evidenciar tal aumento ao se observar o EXEMPLO 5, abaixo.

#### EXEMPLO 5

(TF) That was his father's take on things. (p. 16)

(TA) Esse era o modo como seu pai **via** as coisas. (p. 26)

Na oração do TF, há um "processo" relacional identificativo, realizado pelo verbo "to be", sendo "That" duplamente classificado como "identificador" e "característica", e "his father's take", elemento que representa a visão do pai de

Jimmy sobre as coisas, duplamente classificado como “identificado” e “valor”. No TA, há um complexo oracional e dois “processos”: “era” realiza um “processo” relacional identificativo, sendo “Esse” classificado como “identificador” e “característica”, e a oração hipotática (HALLIDAY, 1994) “como seu pai via as coisas” sendo classificada como “identificado” e “valor”; nessa oração hipotática, há o “processo” mental que não existe no TF, representado por “via”, isto é, a ideia de visão que estava implícita no grupo nominal “his father’s take” se tornou explícita na oração hipotática do TF ao ser realizada por um grupo verbal, aumentando, assim, o número de “processos” mentais no TA.

No que concerne aos “processos” relacionais, encontramos 175 no TF e 173 no TA. Tais tipos de “processos” representam 30.12% e 29.47% de todos os “processos”, no TF e no TA, na mesma ordem. A princípio, assim como com os “processos” materiais, é possível pensar que não há grandes diferenças entre os “processos” relacionais encontrados no TF e os encontrados no TA. Pode-se verificar a semelhança entre duas orações, no EXEMPLO 6, em que ambas são relacionais identificativas, tendo como realização de “processo” relacional, no TF, o verbo “to be” na 3ª pessoa do singular (no *simple present tense*) e, no TA, o verbo “ser”, na 3ª pessoa do singular (no presente do indicativo). Os elementos “That” e “Isso” são ambos duplamente classificados como “identificador” e “característica”, e os elementos nominalizados (HALLIDAY, 1994) “all that’s left over” e “tudo o que resta” são ambos duplamente classificados como “identificado” e “valor”.

#### EXEMPLO 6

(TF) That’s not quite all that’s left over. (p. 167)

(TA) Isso não é tudo o que resta. (p. 160)

Como constatado nas quantificações, há apenas 2 “processos” relacionais a mais no TF em relação ao TA. Entretanto, se observarmos mais atentamente as realizações de tais “processos” no TF e no TA, encontramos diferenças. É possível evidenciar uma dessas diferenças ao observarmos o EXEMPLO 7, abaixo, no qual a oração relacional “that’s why”, presente no TF, é substituída por “só por isso” no TA, apagando o “processo” na tradução, apesar de o significado não ter sofrido uma grande alteração.

## EXEMPLO 7

(TF) So he'd know it was really her, that's why. (p. 258)

(TA) Para que ele soubesse que [aquela pessoa] era mesmo ela, só por isso.  
(p. 245)

Conforme Halliday (1994), os "processos" materiais, mentais e relacionais são prototípicos na língua inglesa, isto é, são os mais recorrentes e primordiais para a representação das experiências. De acordo com a TABELA 1, os "processos" prototípicos são os mais recorrentes no corpus de estudo da presente dissertação, o que corrobora com a observação do autor.

Os "processos" verbais são um caso à parte, porquanto encontramos 68 tanto no TF quanto no TA. Tais tipos de "processos" representam 11.70% e 11.58% de todos os "processos", no TF e no TA, na mesma ordem. E, apesar de serem encontrados em mesmo número, nem todos os "processos" verbais do TF ocorrem nos seus trechos equivalentes no TA, embora tais casos sejam raros.

Dentre todos os tipos de "processos", os verbais são os que mais possuem equivalentes tradutórios no TA do corpus de estudo, sendo um dos motivos o fato de muitas das orações terem alguma "verbiagem" como "participante", tanto em forma direta quanto em forma indireta. Esse cenário é similar ao que se deparou Rodrigues-Júnior (2006), pois encontrou inúmeros "processos" verbais em discursos diretos ou indiretos no corpus *Stud-Garoto* vinculados às personagens que analisou. No corpus do presente estudo, diversos "processos" verbais são utilizados como recurso para reportar discursos diretos.

Pode-se observar, no EXEMPLO 8, a equivalência tradutória entre uma oração verbal do TF e uma oração verbal do TA.

## EXEMPLO 8

(TA) He **wasn't lying** though, [...] (p. 190)

(TF) Mas ele não **estava mentindo**, [...] (p. 181)

Referente aos "processos" comportamentais, encontramos 25 no TF e 14 no TA (há 11 realizações a mais no TF do que no TA) e representam 4.30% e 2.39% de todos os "processos", na mesma ordem. Pelo que pudemos averiguar, alguns dos "processos" comportamentais do TF ocorrem como outros tipos de "processos" no TA, da maneira semelhante ao que ocorre com os "processos" materiais, como explicitamos acima no EXEMPLO 2. Um outro motivo é o fato de que alguns dos "processos" comportamentais do TF não possuem correspondentes no TA, assim como no EXEMPLO 7 referente aos "processos" relacionais.

Pode-se observar, no EXEMPLO 9, a equivalência tradutória entre uma oração comportamental do TF e uma do TA.

#### EXEMPLO 9

(TF) He **began to laugh**. (p. 258)

(TA) Ele **começou a rir**. (p. 245)

Como já exposto no capítulo de referencial teórico, conforme Halliday (1994), o padrão mais comum de oração para o "processo" comportamental é um "comportante" e um "processo". Tal estrutura foi a de maior ocorrência no corpus do presente estudo e o EXEMPLO 9 ilustra adequadamente o que o autor postula.

Considerando que a quantidade de "processos" existenciais no TF é a menor dentre todos os tipos de "processos", apenas 18, o aumento para 26 no TA pode ser considerado elevado. Tais tipos de "processos" representam 3.10% e 4.43% de todos os "processos", no TF e no TA, na mesma ordem. D'Ávila e Rodrigues (2014) se depararam com um cenário similar ao TF desta dissertação, pois encontraram apenas um "processo" existencial, tanto no TF e quanto no TA, ao investigarem a representação da jovem no conto *The Young Girl* (MANSFIELD, 2001). No presente corpus de estudo, o aumento no número de "processos" existenciais no TA em relação ao TF existe porque algumas orações foram traduzidas com a adição de grupos verbais realizadores de "processos" existenciais, e também porque algumas orações passaram a ser existenciais no TA.

Pode-se observar, no EXEMPLO 10, a equivalência tradutória entre uma oração existencial do TF e uma do TA.

## EXEMPLO 10

(TF) Finally **there was** nothing more to watch, except old movies on DVD. (p. 344)

(TA) Finalmente, não **havia** mais nada que ver, exceto velhos filmes em DVD. (p. 321)

Consoante a Halliday (1994), na construção “there was”, o elemento “there” funciona como Sujeito. No português, em orações existenciais com o verbo “haver”, não há a presença de um Sujeito. A negação na oração do TF está embutida no substantivo “nothing”. Já na oração do TA, a negação é expressa através da polaridade negativa realizada pelo advérbio de negação “não”. Apesar dessas diferenças em termos interpessoais e textuais, a equivalência em nível ideacional ocorre normalmente, ou seja, “there was”, que é a união do advérbio “there” com o verbo “to be” no *simple past tense*, expressa a ideia de existência, assim como “havia”, que é o verbo “haver” no pretérito imperfeito do indicativo.

Em seguida, na TABELA 2, apresentamos as quantidades de verbos implícitos referentes a cada um dos seis tipos de "processos" da LSF no TF e no TA analisados no presente trabalho.

**Tabela 2** - Verbos implícitos no TF e no TA

Tipos de Processos	TF	TA
Processos Materiais	21	11
Processos Mentais	3	4
Processos Relacionais	3	4
Processos Verbais	3	1
Processos Comportamentais	2	-
Processos Existenciais	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>32</b>	<b>20</b>

Fonte: Elaboração própria

Se compararmos a quantidade total de verbos implícitos no TF e no TA (32 e 20, respectivamente) com a quantidade total de "processos" no TF e no TA (581 e

587, respectivamente), é possível verificar que a presença de verbos implícitos representa apenas 5.51% de todos os "processos" do TF e 3.41% de todos os "processos" no TA. Assim sendo, as ocorrências de verbos implícitos são pequenas no corpus, e não encontramos ocorrências de verbos implícitos realizadores de "processos" existenciais. No entanto, acreditamos ser importante trazer os verbos implícitos à tona e quantificá-los, porque, de todo modo, influenciam no número total de outras classificações, como o número de "processos", na TABELA 1, e o de "participantes", na TABELA 3, a qual será abordada posteriormente.

Em relação aos verbos implícitos realizadores de "processos" materiais, encontramos 21 no TF e 11 no TA, ou seja, a quantidade de ocorrências foi diminuída quase pela metade. Essa quantidade é proporcional à de "processos" materiais no corpus, isto é, assim como há mais "processos" materiais, também há mais verbos implícitos realizadores de tais "processos". No EXEMPLO 11, a seguir, é possível verificar a equivalência entre um grupo verbal com verbo implícito no TF e também no TA, ambos realizadores de "processo" material.

#### EXEMPLO 11

(TF) [...] and one went this way and one **[went]** that [way]. (p. 136)

(TA) [...] e umas foram para um lado, outras **[foram]** para outro. (p. 131)

Na oração do TF, o verbo "to go" está conjugado no *simple past tense*, e, na oração do TA, o verbo "ir" está conjugado no pretérito perfeito do indicativo. Nesse contexto, os verbos "to go" e "ir" são equivalentes tradutórios, e, em ambas as línguas, funcionam como verbos implícitos (nesse caso, o grupo verbal inteiro é formado por um verbo implícito) realizadores de "processo" material.

Como houve diminuição do número de verbos implícitos realizadores de "processos" materiais no TA, trazemos um exemplo para demonstrar essa diferença. No EXEMPLO 12, a seguir, é possível verificar a equivalência entre um grupo verbal com verbo implícito no TF e um grupo verbal expresso no TA.

#### EXEMPLO 12

(TF) He was headhunted by NooSkins and [he **was**] **hired** [by NooSkins] at the second-in-command level. (p. 52)

(TA) Ele foi contratado pela NooSkins como segundo em comando. (p. 56)

No TA, o grupo verbal “was hired” foi traduzido para “foi contratado”, e o grupo verbal “was headhunted” foi apagado. No TF, havia duas orações, e, no TA, o mesmo trecho foi traduzido com a utilização de apenas uma oração. Como na oração “He was headhunted by NooSkins [...]” já há a presença do Finito “was” (marcador do *simple past tense*), ele foi implicitado na oração seguinte, apresentando apenas o verbo “to hire” (Predicador) em forma de particípio passado, isto é, o que seria “[...] and he was hired [...]” foi escrito apenas como “[...] and hired [...]”. A oração “Ele foi contratado pela NooSkins”, como é a única do trecho traduzido, não possui o Finito “foi” em uma oração anterior, por isso, foi traduzida sem a implicação, porque foi necessário explicitar o Finito para compôr o grupo verbal. Portanto, o verbo implícito do TF não possui um equivalente tradutório no TA por conta do apagamento sofrido pela oração “He was headhunted by NooSkins [...]”.

No que tange aos verbos implícitos realizadores de “processos” mentais, encontramos 3 no TF e 4 no TA. Dos 3 verbos implícitos mentais do TF, 2 possuem equivalentes tradutórios no TA, e 1 não ocorre como verbo implícito no TA. Dos 4 verbos implícitos mentais do TA, 2 são equivalentes de verbos implícitos do TF, como já dito, e os outros 2 são verbos implícitos que estão expressos no TF. No EXEMPLO 13, a seguir, é possível verificar a equivalência entre um grupo verbal com verbo implícito no TF e também no TA, ambos realizadores de “processo” mental.

### EXEMPLO 13

(TF) Where he’d made so many mistakes, [he’d] misunderstood so much, [he’d] gone on his last joyride. (p. 225)

(TA) Onde ele tinha cometido tantos erros, [ele **tinha**] se enganado tanto, [ele tinha] participado da sua última viagem de recreio. (p. 213)

Tanto a oração “[he’d] misunderstood so much” quanto a oração “[ele tinha] se enganado tanto” são precedidas por outras orações nas quais já ocorre a presença dos Finitos “had” (marcador do *past perfect tense*), em sua forma contraída, e “tinha” (marcador do pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo). Nesse contexto, de qualquer forma, os grupos verbais “had misunderstood” e “tinha [...] enganado” são equivalentes tradutórios realizadores de “processo” mental, e, em ambas as línguas, seus Finitos são verbos implícitos.

No tocante aos verbos implícitos realizadores de “processos” relacionais, encontramos 3 no TF e 4 no TA. Diferentemente do que ocorreu com os “processos” mentais, em que pelo menos duas orações do TF tinham verbos implícitos também em suas correspondentes no TA, não houve correspondência de verbos implícitos relacionais entre o TF e o TA. No EXEMPLO 14, a seguir, é possível verificar um grupo verbal com verbo implícito no TF e um grupo verbal expresso no TA.

#### EXEMPLO 14

(TF) Sometimes [the archeologists] **[are]** more interested. (p. 167)

(TA) Às vezes [eles] se interessam até mais. (p. 160)

Nesse exemplo, a oração do TF é relacional atributiva. O grupo verbal “are” funciona, por inteiro, como um verbo implícito. Já a oração no TA é mental, isto é, o “atributo” “interested” da oração do TF passa a funcionar como o “processo” mental “interessam” no TA, e, assim, o verbo “to be” conjugado na 3ª pessoa do *simple present* no TF passa a não ter um equivalente relacional no TA, apesar de não haver perda semântica na troca do tipo de “processo”.

No que concerne aos verbos implícitos realizadores de “processos” verbais, encontramos 3 no TF e 1 no TA. Dos 3 verbos implícitos verbais do TF, apenas 1 possui um grupo verbal equivalente e também implícito no TA, sendo possível verificar tal fato no EXEMPLO 15. Um dos verbos implícitos verbais do TF não possui equivalente no TA porque o “processo” foi apagado na tradução, o outro não possui equivalente implícito porque o “processo” verbal está totalmente expresso na tradução.

#### EXEMPLO 15

(TA) [...] but Crake kept on **[talking]** [...] (p. 74)

(TF) [...] mas Crake continuou **[falando]** [...] (p. 76)

No exemplo acima, o que caracteriza os verbos implícitos é a implicitação dos Predicadores dos grupos verbais realizadores dos "processos" verbais em questão. Na oração do TF, o "processo" verbal "kept on talking" tem seu núcleo semântico implícito, porque, nesse contexto, Crake teve uma fala direta antes, classificada como "verbiagem", isto é, a ideia de falar já estava presente, o que possibilitou o entendimento de tal ideia mesmo com o verbo "to talk" (no gerúndio) estando implícito. O mesmo fato ocorreu com a oração do TA, em que apenas o Finito "continuou" está expresso e o Predicador "falando" está implícito.

Encontramos, no TF, 2 verbos implícitos realizadores de "processos" comportamentais, e, no TA, não encontramos tais ocorrências, conforme a TABELA 2. A seguir, no EXEMPLO 16, é possível verificar uma oração com verbo implícito comportamental (TF) e uma oração sem verbo implícito (TA).

#### EXEMPLO 16

(TF) He behaved as honourably as he could **[behave]** [...] (p. 311)

(TA) Ele se comportava da forma mais honrada possível [...] (p. 293)

Nesse exemplo, a construção sintática do trecho do TF é diferente da construção sintática do trecho do TA. No TF, há duas orações dando cabo do significado: "He behaved" e "as honourably as he could **[behave]**". No TA, a segunda oração não existe, porquanto passou a funcionar como um Adjunto Modal da primeira oração, que, nesse caso, é a única. Portanto, o verbo implícito do TF não possui um equivalente no TA por conta da reestruturação sintática realizada no processo de tradução.

Assim sendo, no corpus *Oryx and Crake/Oryx e Crake*, os "processos" prototípicos são os mais numerosos, tanto no inglês quanto no português, sendo que os materiais indicam a predominância de ações tangíveis, os mentais indicam a proeminência de ações relacionadas à cognição e à percepção, e os relacionais indicam o grande emprego de atribuição e identificação. Encontramos no TF, em

ordem decrescente, 197 "processos" materiais, 175 "processos" relacionais, 98 "processos" mentais, 68 "processos" verbais, 25 "processos" comportamentais e 18 "processos" existenciais. No TA, encontramos, em ordem decrescente, 196 "processos" materiais, 173 "processos" relacionais, 110 "processos" mentais, 68 "processos" verbais, 14 "processos" comportamentais e 26 "processos" existenciais. Quanto aos verbos implícitos, encontramos, no TF, 21 materiais, 3 mentais, 3 relacionais, 3 verbais e 2 comportamentais; no TA, encontramos 11 materiais, 4 mentais, 4 relacionais e 1 verbal. Assim sendo, não houve ocorrências de verbos implícitos comportamentais no TA, e não houve ocorrências de verbos implícitos existenciais em ambos os textos. Conforme os números indicam, há uma tendência maior de ocorrências de verbos implícitos no TF.

### **3.2. “Participantes” (expressos, elípticos e implícitos)**

A seguir, na TABELA 3, apresentamos as quantidades de "participantes" expressos, elípticos e implícitos no TF e no TA do presente trabalho.

**Tabela 3** - “Participantes” no TF e no TA (expressos, elípticos e implícitos)

Participantes	TF	TA
Ator	197	196
Meta	127	112
Recebedor	8	7
Cliente	5	3
Experienciador	98	110
Fenômeno	57	52
Portador	147	143
Atributo	147	143
Identificado	28	31
Identificador	28	31
Característica	28	31
Valor	28	31
Dizente	68	68
Receptor	9	8
Verbiagem	41	41
Alvo	5	2
Comportante	25	14
Existente	18	26
TOTAL	1064	1050

Fonte: Elaboração própria

Na TABELA 3, focando somente no número total de "participantes" no TF e no TA, encontramos apenas 14 "participantes" a menos no TA (1064 no TF e 1050 no TA), o que, em um primeiro momento, pode parecer não representar muito. Entretanto, podemos encontrar diferenças consideráveis nos dados específicos de cada “participante”. Então, em seguida, discorreremos sobre as quantidades de cada “participante” da metafunção ideacional da LSF no corpus de estudo, de forma breve, porquanto entraremos em detalhes nas análises das próximas tabelas.

Em relação aos "participantes" dos "processos" materiais, encontramos 197 "atores" no TF e 196 no TA, 127 "metas" no TF e 112 no TA, 8 "recebedores" no TF e 7 no TA, e 5 "clientes" no TF e 3 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de "participantes" no corpus no TF e no TA, respectivamente, 18.52% e 18.67% de "atores", 11.94% e 10.67% de "metas", 0.75% e 0.67% de "recebedores", e 0.47% e 0.29% de "clientes". Dos quatro "participantes" materiais, o que mais apresenta disparidade quantitativa entre o TF e o TA é a "meta", pois há 15 "metas" a menos no TA. A diferença quantitativa de "atores" é baixa, e a diferença<sup>26</sup> percentual de "recebedores" e "clientes", funcionalmente, não é elevada também.

Em D'Ávila e Rodrigues (2014), a ordem de ocorrências dos "participantes" materiais foi idêntica à nossa, sendo "ator" a de maior quantidade, depois "meta", então "recebedor", e "cliente" a de menor quantidade. Ademais, para os quatro "participantes" materiais, as autoras também encontraram menos ocorrências no TA.

Referente aos "participantes" dos "processos" mentais, encontramos 98 "experienciadores" no TF e 110 no TA, e 57 "fenômenos" no TF e 52 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de "participantes" do corpus no TF e no TA, 9.21% e 10.48% de "experienciadores", e 5.36% e 4.95% de "fenômenos", respectivamente. Desses dois "participantes", o "experienciador" é o que apresenta maior diferença entre o TF e o TA, porque há 12 "experienciadores" a mais no TA. Já a diferença entre "fenômenos" entre TF e o TA pode ser considerada pequena, porquanto há apenas 5 desses "participantes" a menos no TA. De forma interessante, enquanto que todos os "participantes" dos "processos" materiais diminuíram no processo de tradução, apenas um dos "participantes" dos "processos" mentais diminuiu, o "fenômeno", ao passo que o "experienciador" teve um aumento de ocorrências.

Enquanto que nós encontramos em torno da metade de "fenômenos" em relação à quantidade de "experienciadores", o mesmo não ocorreu para D'Ávila e Rodrigues (2014), nem para Rodrigues (2014). Aquelas encontraram em torno de 1/7 (um sétimo) de "fenômenos" em relação aos "experienciadores" no corpus *The Young Girl/A Jovem*. Essa encontrou bem menos de 1/10 (um décimo) de

---

<sup>26</sup> Quando utilizamos expressões como "diferença percentual/de porcentagem", "taxa", "taxa de mudança", "taxa de diferença", estamos nos referindo à subtração entre a maior porcentagem de ocorrência de algum elemento (no TF ou no TA), e a menor porcentagem de ocorrência de um outro elemento do mesmo tipo (no TF ou no TA). Por exemplo: encontramos 33.91% de "processos" materiais no TF e 33.39% desses mesmos "processos" no TA, isto é, a diferença percentual é de 0.52% ( $33.91 - 33.39 = 0.52$ ).

“fenômenos” em relação aos “experenciadores” no corpus *Você/You*. Santos (2013), assim como nós, encontrou, referente aos "participantes" realizados pela protagonista do seu corpus de estudo, tanto no TF quanto no TA, por volta da metade de “fenômenos” em relação à quantidade de “experenciadores”, sendo esses últimos os com maior quantidade no corpus.

Sobre os "participantes" dos "processos" relacionais atributivos, encontramos, no TF, 147 “portadores” e 147 “atributos”, e, no TA, encontramos 143 “portadores” e 143 “atributos”. Tais valores representam, em relação ao total de "participantes" do TF, 13.82% de “portadores” e a mesma porcentagem de “atributos”. Em relação ao total de "participantes" do TA, tais valores representam 13.62% de “portadores” e a mesma porcentagem de “atributos”. Assim sendo, há um “atributo” para cada “portador” do corpus, e a redução desses "participantes" no processo de tradução pode ser considerada pequena.

Sobre os "participantes" dos "processos" relacionais identificativos, encontramos, no TF, 28 ocorrências de cada um dos quatro "participantes", e, no TA, encontramos 31 ocorrências de cada um deles. Então, tais valores representam, em relação ao total de "participantes" do TF, 2.63% para cada um dos quatro "participantes" no TF, e 2.95% para cada um dos quatro "participantes" no TA. Assim sendo, a ocorrência de "participantes" identificativos aumentou no processo de tradução, diferentemente do que ocorreu com os "participantes" atributivos.

Como em orações relacionais identificativas há a classificação dupla, já era esperado que o número de “identificados” fosse igual ao número de “valores” e que o número de “identificadores” fosse o mesmo de “características”. Isso justifica o fato de haver a mesma quantidade de cada um dos "participantes" relacionais no TF, sendo isso válido também para o TA.

Os "participantes" dos "processos" verbais foram os que apresentaram menor discrepância em suas quantidades. Encontramos 68 “dizentes” no TF e 68 no TA, 9 “receptores” no TF e 8 no TA, 41 “verbiagens” no TF e 41 no TA, e 5 “alvos” no TF e 2 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de "participantes" do TF, 6.39% de “dizentes”, 0.85% de “receptores”, 3.85% de “verbiagens”, e 0.47% de “alvos”. Em relação ao total de "participantes" do TA, aqueles valores representam 6.48% de “dizentes”, 0.76% de “receptores”, 3.90% de “verbiagens”, e 0.19% de “alvos”. Assim sendo, não há diferença de quantidade de “dizentes” e “verbiagens” entre o TF e o TA; a diferença de quantidade de “receptores” entre o TF e o TA é

pequena; as ocorrências de “alvos” no TF diminuem para menos da metade desses elementos no TA. D’Ávila e Rodrigues (2014) encontraram a mesma quantidade de “participantes” verbais no TF e no TA do corpus *The Young Girl/A Jovem*, e Santos (2013) também encontrou praticamente a mesma quantidade de “participantes” verbais no TF e no TA do corpus *Jane Eyre/Joanna Eyre*, cenários similares ao que nos deparamos neste trabalho.

Encontramos, no que tange aos “processos” comportamentais, 25 “comportantes” no TF e 14 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de “participantes” no TF e no TA, respectivamente, 2.35% e 1.33%, isto é, as ocorrências diminuíram quase pela metade. Ao passo que no corpus do presente estudo os “comportantes” são um dos “participantes” com menos ocorrências, o mesmo não ocorre em D’Ávila e Rodrigues (2014), pois em tal trabalho são os que têm mais ocorrências, logo após os “atores” e os “experenciadores”. Em Santos (2013), assim como no presente estudo, os “comportantes” são um dos “participantes” com menos ocorrências, apenas 2%, tanto no TF quanto no TA.

Por fim, no que tange aos “processos” existenciais, encontramos 18 “existentes” no TF e 26 no TA. Em relação ao total de “participantes” no TF e no TA, esses valores representam, 1.69% e 2.48%, respectivamente. Se considerarmos o número reduzido desses “participantes” no corpus, o aumento de 8 deles no processo de tradução é relevante. Por mais que tenhamos encontrado poucos “existentes” no corpus do presente estudo, D’Ávila e Rodrigues (2014) encontraram apenas um par de “existentes” no corpus *The Young Girl/A Jovem*. Já Santos (2013) e Assis (2017) não registraram ocorrências de tal “participante” com relação aos personagens que analisaram.

A seguir, na TABELA 4, apresentamos as quantidades de “participantes” expressos no TF e no TA do presente trabalho.

**Tabela 4** - “Participantes” no TF e no TA (expressos)

Participantes	TF	TA
Ator	148	119
Meta	121	106
Recebedor	8	7
Cliente	5	3
Experienciador	83	72
Fenômeno	57	52
Portador	142	101
Atributo	146	143
Identificado	28	28
Identificador	28	27
Característica	28	27
Valor	28	28
Dizente	60	62
Receptor	9	8
Verbiagem	41	41
Alvo	5	2
Comportante	19	10
Existente	18	26
TOTAL	974	862

Fonte: Elaboração própria

Dos 197 “atores” do TF, 148 são realizados expressos, o que representa 75.13% de todos esses “participantes” no TF. Dos 196 “atores” do TA, 119 são realizados expressos, representando 60.71% desses “participantes” no TA. Assim sendo, pode-se verificar que, na LF, a tendência é que os “atores” apareçam mais expressos do que na LA.

Das 127 “metas” do TF, 120 são realizadas expressas, representando 95.28% desses “participantes” no TF. Das 112 “metas” do TA, 106 ocorrem de forma expressa, e essa quantidade representa 94.64% de todos esses “participantes” no TA. Com esses dados, é possível observar que a tendência das “metas” no corpus,

em ambas as línguas, é de ocorrerem majoritariamente explícitas, sendo poucas realizadas de forma não explicitada.

A seguir, no EXEMPLO 17, é possível verificar a equivalência entre os “atores” expressos “he” e “ele”, e as “metas” expressas “the sound” e “o som”.

#### EXEMPLO 17

(TF) Sometimes **he**'d turn off **the sound**, [...] (p. 343)

(TA) Às vezes **ele** desligava **o som**, [...] (p. 320)

Todos os “receptores” do corpus ocorrem expressos. Além disso, dos 8 “receptores” do TF, 6 têm equivalentes tradutórios no TA, ou seja, 2 “receptores” do TF e 1 do TA não possuem correspondentes. Pode-se verificar, então, que tais “participantes” foram, em sua maioria, traduzidos do TF para o TA. No EXEMPLO 18, é possível verificar a equivalência entre os “receptores” expressos “to Jimmy” e “para Jimmy”, tendo aquele a presença da preposição “to”, a qual, segundo Halliday (1994), é prototípica na língua inglesa no que tange ao “participante” em questão.

#### EXEMPLO 18

(TF) Crake should stick to science and [he should] leave poor Byron **to Jimmy**. (p. 166)

(TA) Crake devia restringir-se à ciência e [ele devia] deixar o pobre Byron **para Jimmy**. (p. 159)

Quanto aos “clientes” do corpus, esses também ocorrem todos expressos. Porém, dos 5 “clientes” do TF, somente 2 têm equivalentes tradutórios no TA, ou seja, 3 “clientes” do TF e 1 do TA não possuem correspondentes. Isso ocorre porque dois “clientes” do TF passaram a ser um “ator” e uma “meta” no TA, e outro não foi traduzido como “cliente” porque a oração se tornou verbal; e porque uma oração sem verbo conjugado no TF passou a ser material e ter um “cliente” no TA. No EXEMPLO 19, a seguir, pode-se verificar que o “cliente” expresso “a biological purpose” no TF, sem a preposição prototípica do inglês “for” (HALLIDAY, 1994), tem

como equivalente no TA a frase preposicional “a um objetivo biológico”, regida pela preposição “a”.

#### EXEMPLO 19

(TF) Anyway it serves **a biological purpose**. (p. 167)

(TA) De todo modo, isso atende **a um objetivo biológico**. (p. 160)

Dos 98 “experienciadores” do TF, 85 são realizados expressos, o que representa 84.69% de todos esses “participantes” no TF. Dos 110 “experienciadores” do TA, 72 são realizados expressos, representando 65.45% desses “participantes” no TA. Assim sendo, pode-se verificar que a tendência é que os “experienciadores” apareçam mais expressos na LF do que na LA, sendo a quantidade de não expressos ainda relevante em ambas.

Em relação aos “fenômenos” do TF, todos os 57 ocorrem expressos. Dos 52 “fenômenos” do TA, 51 ocorrem de forma explícita, e essa quantidade representa 98.08% de todos esses “participantes” no TA. Com tais dados, pode-se observar que a tendência em ambas as línguas é de que os “fenômenos” ocorram expressos em, praticamente, todos os casos.

A seguir, no EXEMPLO 20, é possível verificar a equivalência entre os “experienciadores” expressos “She” e “Ela”, e os “fenômenos” expressos “most of the children” e “a maioria das crianças”.

#### EXEMPLO 20

(TF) **She** never saw **most of the children** again. (p. 136)

(TA) **Ela** nunca mais viu **a maioria das crianças**. (p. 131)

No que se refere aos “portadores” do TF, 142 dos 147 são realizados expressos, quantidade que representa 96.60% de todos esses “participantes” no TF. Quanto aos “portadores” do TA, 101 dos 143 são realizados expressos, valor esse que representa 70.63% de todos esses “participantes” no TF. Dos “atributos” do TF, 144 de 147 são realizados expressos, e representam 99.32% de todos esses “participantes” no TF. Já no TA, todos os “atributos” ocorreram expressos nas

orações. Pode-se verificar que, assim como os “atores” e os “experenciadores”, os “portadores” tendem mais a ocorrer expressos na LF do que na LA, e que os “atributos”, em grande maioria, ocorrem de forma explícita nas orações, em ambas as línguas.

No EXEMPLO 21, é possível verificar a equivalência entre os “portadores” expressos “That” e “Esse”, e os “atributos” expressos “a geometrical problem” e “um problema geométrico”.

#### EXEMPLO 21

(TF) **That's a geometrical problem.** (p. 74)

(TA) **Esse é um problema geométrico.** (p. 76)

Como já explicado anteriormente, os “atributos” das orações relacionais atributivas são tipicamente indefinidos (HALLIDAY, 1994), e é o caso de ambas as orações do exemplo acima, porquanto ambos os grupos nominais iniciam com artigos indefinidos, “a” no inglês e “um” no português. A relação entre os dois “participantes” é estabelecida, no TF, pelo verbo “to be”, conjugado na 3ª pessoa do singular do *simple present tense*, e, no TA, pelo verbo “ser”, conjugado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

No tocante aos “participantes” de “processos” relacionais identificativos, ou seja, “identificado”, “identificador”, “característica” e “valor”, todos, no TF, ocorrem expressos. Já no TA, alguns poucos não ocorrem expressos, isto é, dos 31 “identificados”/“valores”, 28 ocorrem expressos, o que representa 90.32% de todos esses “participantes”; e dos 31 “identificadores”/“características”, 27 ocorrem expressos, o que representa 84.10% de todos esses “participantes”. Tendo em vista tais dados, pode-se observar que os “participantes” identificativos seguem uma tendência similar ao “participante” “atributo”, ou seja, a grande maioria ocorre expressa, sendo isso mais recorrente no TF.

No EXEMPLO 22, a seguir, pode-se verificar a equivalência entre os “identificadores”/“características” expressos “She” e “Ela”, e os “identificados”/“valores” expressos “his right-hand man” e “o seu homem de confiança”.

## EXEMPLO 22

(TF) **She was his right-hand man.** (p. 52)

(TA) **Ela era o seu homem de confiança.** (p. 56)

Assim como explicamos anteriormente, os “identificadores”/“características” das orações relacionais identificativas são tipicamente definidos (HALLIDAY, 1994), e é o caso de ambas as orações do exemplo acima, porquanto ambos os grupos nominais são compostos por pronomes pessoais, “she” no inglês e “ela” no português. A relação entre as duas entidades é estabelecida, no TF, pelo verbo “to be”, conjugado na 3ª pessoa do singular do *simple past tense*, e, no TA, pelo verbo “ser”, conjugado na 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo.

Dos 68 “dizentes” do TF, 60 são realizados expressos, o que representa 88.24% de todos esses “participantes” no TF. Dos também 68 “dizentes” do TA, 62 são realizados expressos, representando 91.18% desses “participantes” no TA. E, indo contra a tendência dos outros “participantes” anteriormente descritos, todos os “receptores”, as “verbiagens” e os “alvos”, tanto do TF quanto do TA, ocorrem expressos, sem exceção.

Diferentemente do que vem sendo descrito sobre os “atores”, sobre os “experenciadores” e sobre os “portadores”, os quais ocorrem mais expressos no TF do que no TA, os “dizentes” ocorrem mais expressos no TA do que no TF, embora a diferença seja de apenas 2.94%. Esse cenário é diferente do que Rodrigues (2014) se deparou, pois a autora encontrou o “participante” “you” sendo realizado como “dizente” expresso mais do que o “participante” “você”.

Em seguida, no EXEMPLO 23, é possível verificar a equivalência entre os “dizentes” expressos “he” e “ele”, entre os “receptores” expressos “to Jimmy” e “a Jimmy”, e entre as “verbiagens” expressas “Joke” e “Brincadeira”.

## EXEMPLO 23

(TF) **“Joke”, he would say to Jimmy,** [...] (p. 52)

(TA) **“Brincadeira”, ele disse a Jimmy,** [...] (p. 56)

Há uma diferença da oração do TF para a oração do TA. O Finito “would”, nesse contexto, além de sinalizar um tempo verbal passado, exprime a ideia de repetição da ação no passado, marcando-a como um hábito. Nesse caso, subentende-se o fato de o pai de Jimmy falar “Joke” para que o filho não levasse ao pé da letra tudo que ouvia do próprio pai. Isso não ocorre na oração do TA, porquanto o grupo verbal “disse” tem seu Finito fundido com o Predicador marcando o pretérito perfeito do indicativo, sem exprimir a ideia de hábito presente na oração em inglês. Em todo o caso, não há mudança transitiva, porque o tipo de “processo” dos três “participantes” são semelhantes em ambos os textos.

No EXEMPLO 24, pode-se verificar a equivalência entre os “alvos” expressos “it” e “-a”. Como enfocamos os outros “participantes” verbais no exemplo anterior, iremos apenas focar o restante neste.

#### EXEMPLO 24

(TF) Jimmy’s mother called **it** “this barn”. (p. 53)

(TA) A mãe de Jimmy chamava-**a** de “este celeiro”. (p. 56)

No contexto dessas orações, o(a) narrador(a) explica que a mãe de Jimmy chamava a casa onde moravam de “este celeiro” porque não lhe agradava a casa. O “alvo” expresso “it” é realizado por um pronome objeto da 3ª pessoa do singular, e o “alvo” expresso “-a” é realizado por um pronome oblíquo átono. Sendo assim, são equivalentes tradutórios.

Dos 25 “comportantes” do TF, 19 ocorrem expressos, número que representa 76.00% de todos esses “participantes” no TF. Dos 14 “comportantes” do TA, 10 ocorrem expressos, e representam 71.42% desses “participantes” no TA. Pode-se observar que, assim como os “atores”, os “experenciadores”, e os “portadores”, os “comportantes” tendem mais a ocorrer expressos na LF do que na LA. Essa observação se alinha com resultados que Rodrigues (2014) encontrou sobre a realização da função “comportante” pelos “participantes” “you” e “você” no corpus *Days of wine and roses/Dias de vinho e rosas*.

No EXEMPLO 25, no qual reutilizamos as orações do EXEMPLO 9, pode-se verificar a equivalência entre os “comportantes” expressos “He” e “Ele”.

## EXEMPLO 25

(TF) **He** began to laugh. (p. 258)

(TA) **Ele** começou a rir. (p. 245)

Como já mencionado previamente, Halliday (1994) elucida que o padrão mais comum de estrutura para uma oração comportamental é um “comportante” e um “processo”. A maioria das orações comportamentais do corpus possuem essa estrutura, assim como a do exemplo acima.

Com relação ao “existentes” do corpus, todos eles, 18 do TF e 26 do TA, ocorrem expressos. A seguir, no EXEMPLO 26, pode-se verificar a equivalência entre os “existentes” expressos “empty BlyssPluss containers” e “recipientes vazios de BlyssPluss”.

## EXEMPLO 26

(TA) There'd been **empty BlyssPluss containers** everywhere, [...] (p. 106)

(TF) Havia **recipientes vazios de BlyssPluss** por todo lado, [...] (p. 104)

Em seguida, na TABELA 5, apresentamos as quantidades de "participantes" elípticos no TF e no TA do presente trabalho. Quanto aos "processos" existenciais, não houve ocorrências de “existentes” (único “participante” dos "processos" existenciais) elípticos. E, quanto ao total de "participantes" elípticos, encontramos mais que o triplo de elípticos no TA em relação ao TF.

**Tabela 5** - “Participantes” no TF e no TA (elípticos)

Participantes	TF	TA
Ator	26	52
Meta	6	5
Recebedor	-	-
Cliente	-	-
Experienciador	4	29
Fenômeno	-	-
Portador	3	39
Atributo	1	-
Identificado	-	3
Identificador	-	4
Característica	-	4
Valor	-	3
Dizente	4	4
Receptor	-	-
Verbiagem	-	-
Alvo	-	-
Comportante	3	4
Existente	-	-
TOTAL	47	147

Fonte: Elaboração própria

Dos 197 “atores” do TF, 25 ocorrem elididos, e dos 196 “atores” do TA, 51 ocorrem elididos, quantidades que representam 12.69% e 26.02% de todos esses “participantes” no TF e no TA, respectivamente. Das 127 “metas” do TF, 6 ocorrem elididas, e das 112 “metas” do TA, 5 ocorrem elididas, valores que representam 4.72% e 4.46% de todos esses “participantes” no TF e no TA, na mesma ordem. No tocante aos “recebedores” e aos “clientes”, não houve ocorrências elididas no corpus.

Nos EXEMPLOS 27 e 28, a seguir, é possível verificar a equivalência entre um “ator” elíptico no TF e um “ator” elíptico no TA, e a equivalência entre uma “meta” elíptica no TF e uma “meta” elíptica no TA, respectivamente.

#### EXEMPLO 27

(TF) [...], then [**he**] removed the black cape with a flourish [...] (p. 17)

(TA) [...], depois [**ele**] tirou a capa preta com um floreio [...] (p. 27)

#### EXEMPLO 28

(TF) [...] and [**he had been**] stuck [by someone] into an isolation room, [...] (p. 53)

(TA) [...] e [**ele foi**] trancafiado [por alguém] numa sala de isolamento, [...] (p. 57)

No EXEMPLO 27, o “ator” é o homem que estava cortando o cabelo de Jimmy. Essa oração do TF, e também a do TA, é precedida por outra oração a qual é a primeira de uma série de três ações, isto é, o mesmo realizador já havia sido mencionado, o que possibilitou a elisão do elemento anafórico “ele” na segunda e na terceira orações da sequência, no TF e no TA.

No EXEMPLO 28, algo similar ocorre, porém com uma “meta”, que se refere a um guarda. Nesse exemplo, ambas as orações estão na voz passiva e o Sujeito está implícito, diferentemente das orações do exemplo anterior, nas quais o “ator” implícito é o Sujeito.

Dos 98 “experienciadores” do TF, 4 são realizados elididos, e dos 110 “experienciadores” do TA, 29 são realizados elididos, valores que representam 4.08% e 26.36% de todos esses “participantes” no TF e no TA, respectivamente. Referente aos “fenômenos”, não houve ocorrência elididas no corpus.

No EXEMPLO 29, é possível observar a equivalência entre um “experienciador” expresso no TF e um “experienciador” elíptico no TA.

#### EXEMPLO 29

(TF) [...] they were suspicious of everyone, [...] (p. 53)

(TA) [...] **[eles]** desconfiavam de todo mundo, [...] (p. 56)

Assim como no EXEMPLO 28, a oração do TF no EXEMPLO 29 também é precedida por outra oração a qual é a primeira de uma sequência de três ações, sendo o mesmo caso da oração do TA, isto é, o mesmo realizador já havia sido mencionado em ambos os casos. No entanto, ao passo que a autora do TF optou por não elidir o elemento anafórico “they” na segunda e na terceira orações da sequência, mesmo havendo a possibilidade, a tradutora do TA o fez com o elemento anafórico “eles”. Podemos verificar que, nesse exemplo, a não elisão e a elisão realizadas pela autora e pela tradutora, na mesma ordem, pode ter uma origem estilística, porquanto a possibilidade de elisão está disponível para ambas as línguas.

Dos 147 “portadores” do TF, 3 aparecem elididos, e dos 143 “portadores” do TA, 39 aparecem elididos, valores que representam 2.04% e 27.27% de todos esses “participantes” no TF e no TA, na mesma ordem. Dentre “atores”, “experenciadores” e “portadores”, os últimos são os que apresentam maior intervalo entre a porcentagem de elípticos no TF e no TA, isto é, mesmo havendo menos “portadores” no TA, há mais deles elididos no TA do que no TF. Quanto aos “atributos”, no TF, apenas, há a ocorrência de 1 elíptico dentre os 147, o que representa 0.68% de todos esses “participantes” no TF, e não há ocorrência desses “participantes” elididos no TA.

No EXEMPLO 30, no qual reutilizamos as orações do EXEMPLO 14, e no EXEMPLO 31, a seguir, é possível verificar a equivalência entre um “portador” elíptico no TF e um “experenciador” elíptico no TA, e a equivalência entre um “atributo” elíptico no TF e um “atributo” expresso no TA, na mesma ordem.

#### EXEMPLO 30

(TF) Sometimes **[the archeologists]** [are] more interested. (p. 167)

(TA) Às vezes [eles] se interessam até mais. (p. 160)

#### EXEMPLO 31

(TF) [...] or - sadder - [too much of what] [he] had never had in the first place.  
(p. 259)

(TA) [...] ou até - o que era mais triste - muito do que ele nunca tivera. (p. 246)

No EXEMPLO 30, na oração do TF, o “portador” elíptico “the archeologists” tem um “portador” expresso na oração precedente ao qual faz referência anafórica. Já na oração do TA, há o “experienciador” elíptico “eles”, o qual faz referência anafórica ao “experienciador” expresso na oração precedente. As duas orações são equivalentes e ambas possuem realizadores elípticos, mas houve mudança no tipo de “processo” quando a oração do TF foi traduzida.

Já no EXEMPLO 31, o “portador” elíptico “too much of what” sofre elisão porquanto funciona como elemento anafórico de um elemento da oração que o precede, o que possibilita a realização da elisão. Na oração do TA, havendo a possibilidade de elisão, também, a tradutora escolheu explicitar o elemento anafórico “muito do que”.

Os quatro "participantes" identificativos, no TF, não ocorreram nenhuma vez elididos. No TA, dos 31 “identificados”/“valores”, 3 ocorreram elididos, valor que representa 9.68% de todos esses "participantes", e dos 31 “identificadores”/“características”, 4 ocorreram elididos, valor que representa 12.90% de todos esses "participantes".

No EXEMPLO 32, pode-se averiguar a equivalência entre um “identificado”/“valor” expresso no TF e um “identificado”/“valor” elíptico no TA.

### EXEMPLO 32

(TF) [...] up ahead there was a noteworthy sight: it was Melons Riley with a man, [...] (p. 74)

(TA) [...] lá na frente [eles] avistaram algo digno de nota: [esse algo] era Melões Riley com um homem, [...] (p. 75)

No EXEMPLO 32, a oração “up ahead there was a noteworthy sight” e a oração “it was Melons Riley with a man” possuem uma relação lógico-semântica entre si. A segunda expande o significado da primeira ao elaborá-la com uma clarificação, isto é, “a oração secundária clarifica a proposição da oração primária,

dando suporte a ela com alguma forma de explicação ou comentário explicativo” (HALLIDAY, 1994, p. 226)<sup>27</sup>. O elemento “it” da oração secundária retoma anaforicamente o elemento “a noteworthy sight” da oração primária, mas isso não possibilita, pelo menos na língua inglesa, que o elemento “it” seja elidido, porquanto as duas orações possuem *status* diferentes, e, se o elemento “it” fosse elidido, a oração secundária ficaria sem Sujeito. No complexo oracional do TA, embora exista o mesmo tipo de relação lógico-semântica entre a oração primária e a secundária que existe no complexo oracional do TF, a elisão do elemento anafórico “esse algo” é completamente possível, e foi pela elisão que a tradutora optou, ao invés de expressar o Sujeito no TA.

No EXEMPLO 33, pode-se averiguar a equivalência entre um “identificador”/“característica” expresso no TF e um “identificador”/“característica” elíptico no TA.

### EXEMPLO 33

(TF) It's been an inspiration, or that's what they say. (p. 166)

(TA) Isso tem servido de inspiração, pelo menos [**isso**] é o que dizem. (p. 159)

No EXEMPLO 33, a oração “It's been an inspiration” e a oração “or that's what they say” têm uma relação lógico-semântica estabelecida entre si. A segunda expande o significado da primeira ao elaborá-la com uma exposição, ou seja, “a oração secundária reafirma a proposição da oração primária com palavras diferentes, para apresentá-la de outro ponto de vista, ou talvez apenas reforçar a mensagem” (HALLIDAY, 1994, p. 226)<sup>28</sup>. O elemento “that” da oração secundária retoma anaforicamente toda da oração primária, mas isso não possibilita que o elemento “that” seja elidido, porque as duas orações possuem *status* diferentes, e, se tal elemento fosse elidido, não haveria como a retomada ser realizada. No complexo oracional do TA, há uma relação semântica de elaboração por

<sup>27</sup> No original: “[...] the secondary clause clarifies the thesis of the primary clause, backing it up with some form of explanation or explanatory comment.”

<sup>28</sup> No original: “[...] the secondary clause restates the thesis of the primary clause in different words, to present it from another point of view, or perhaps just to reinforce the message, [...]”

clarificação, assim como no EXEMPLO 32, e a elisão do elemento anafórico “isso” também é totalmente possível, e foi esse caminho que a tradutora tomou.

Dos 68 “dizentes” do TF, 4 ocorrem elididos, e dos 68 “dizentes” do TA, 4 também são realizados elididos, valores que representam 5.88% de todos esses “participantes”, tanto no TF e quanto no TA. De forma interessante, os 4 “dizentes” elípticos do TA são exatamente os correspondentes tradutórios dos “dizentes” elípticos do TF. Referente aos outros “participantes” verbais em suas formas elípticas, não houve ocorrência no corpus.

No EXEMPLO 34, a seguir, pode-se averiguar a equivalência entre um “dizente” elíptico no TF e um “dizente” elíptico no TA.

#### EXEMPLO 34

(TF) The haircut man laughed and [**he**] said it wasn't a bib, [...] (p. 17)

(TA) O homem que cortava cabelo riu e [**ele**] disse que [aquilo] não era um babador, [...] (p. 27)

Tanto na oração do TF quanto na do TA, o elemento anafórico da segunda oração ocorre elidido. Naquela, “he” faz referência ao recém mencionado “The haircut man”; nessa, o elemento “ele” se refere a “O homem que cortava cabelo”. Assim sendo, a elisão nas orações secundárias foi utilizada como ferramenta coesiva pela autora e pela tradutora.

Dos 25 “comportantes” do TF, 3 aparecem elididos, e dos 14 “comportantes” do TA, 4 aparecem elididos, quantidades que representam 12.00% e 28.57% de todos esses “participantes” no TF e no TA, na mesma ordem. Mesmo havendo menos de tais “participantes” no TA, foi nesse que houve mais ocorrências elípticas de “comportantes” em relação ao TF, caso parecido com o dos “portadores” do corpus.

Em seguida, no EXEMPLO 35, podemos averiguar a equivalência entre um “comportante” elíptico no TF e um “comportante” elíptico no TA.

#### EXEMPLO 35

(TF) I cried and [**I**] cried. (p. 135)

(TA) [Eu] chorei muito. (p. 131)

Nesse exemplo, é possível verificar duas formas estilísticas de gerar uma repetição, um hábito. Na oração do TF, a autora repete a oração “I cried” e as conecta com a conjunção “and”, o que possibilitou a elisão do segundo “I”, elemento anafórico. Na oração do TA, a tradutora lançou mão do advérbio de intensidade “muito” para reforçar o hábito, sem repetir a oração “Eu chorei”. Porém, a elisão do elemento anafórico “Eu” foi possível porque a personagem Oryx fala em uma oração anterior que chorou. Assim sendo, o elemento “I” da oração do TF e o elemento “Eu” da oração do TA fazem referência a dois elementos diferentes que os precedem, mas, como o tal elemento remete à mesma personagem realizando a mesma ação, essa diferença pode ser considerada mínima.

Em seguida, na TABELA 6, apresentamos as quantidades de "participantes" implícitos no TF e no TA do presente trabalho. Quanto aos "processos" existenciais, não houve ocorrências de “existentes” (único “participante” dos "processos" existenciais) implícitos. E, quanto ao total de "participantes" implícitos, encontramos uma quantidade balanceada entre o TA e o TF.

**Tabela 6** - “Participantes” no TF e no TA (implícitos)

Participantes	TF	TA
Ator	23	25
Meta	-	1
Recebedor	-	-
Cliente	-	-
Experienciador	11	9
Fenômeno	-	1
Portador	2	3
Atributo	-	-
Identificado	-	-
Identificador	-	-
Característica	-	-
Valor	-	-
Dizente	4	2
Receptor	-	-
Verbiagem	-	-
Alvo	-	-
Comportante	3	-
Existente	-	-
TOTAL	43	41

Fonte: Elaboração própria

Há, no TF, 23 “atores” implícitos, o que equivale a 11.68% de todos os seus 197 “atores”. No TA, há 25 “atores” implícitos, o que equivale a 12.76% de todos os seus 196 “atores”. Dentre todos esses “participantes” do TF e do TA, há 18 correspondências no quesito implicitação. No TF, não há “metas” implícitas, mas, no TA, há 1 ocorrência, equivalente a 0.89% de todas as suas 112 “metas”. Referente aos “recebedores” e aos “clientes”, não houve ocorrências implícitas no corpus.

No EXEMPLO 36, é possível observar a equivalência entre um “ator” implícito no TF e um “ator” implícito no TA.

## EXEMPLO 36

(TF) But men's body temperatures were never dealt with [**by anyone**]. (p. 17)

(TA) Mas a temperatura dos corpos dos homens nunca era examinada [**por ninguém**]. (p. 26)

Em ambas as orações, não há a presença expressa de um “ator”, por isso, adicionamos os elementos “by anyone” e “por ninguém”, entre colchetes, com o intuito de simular os prováveis “atores” das ações, já que não havia nenhum elemento precedente em ambos os casos. Os “atores” ocorrem implícitos porque as orações estão na voz passiva, e, talvez, porque foi o intuito da autora e da tradutora não especificar os realizadores das ações.

No EXEMPLO 37, é possível verificar uma oração menor (HALLIDAY, 1994) no TF e uma oração material com “meta” implícita no TA.

## EXEMPLO 37

(TF) Overpopulation, leading - as we've seen in spades - to environmental degradation and poor nutrition. (p. 293)

(TA) Superpopulação, que leva [**o mundo**] - como [nós] vimos aos montes - à degradação ambiental e à desnutrição. (p. 277)

No trecho “Overpopulation, leading [...] to environmental degradation and poor nutrition”, não há verbo conjugado. Na oração “Superpopulação, que leva [**o mundo**] [...] à degradação ambiental e à desnutrição” há verbo conjugado. Mesmo havendo uma vírgula após a palavra “Superpopulação”, o elemento “que”, além de ser ideacional, é textual, porque faz referência ao termo anterior. Ademais, o verbo “leva”, conjugado no presente do indicativo, tem o elemento ideacional/textual “que”, e, conseqüentemente, o elemento “Superpopulação”, como seu “ator”. Essa construção sintática requereu uma “meta”, porquanto, logo após, ocorre o “alcance” material “à degradação ambiental e à desnutrição”, e, como não havia elemento anterior a que se pudesse fazer referência, propomos o grupo nominal “o mundo” para funcionar como “meta” implícita.

Há, no TF, 11 “experenciadores” implícitos, o que equivale a 11.22% de todos os seus 98 “experenciadores”. No TA, há 9 “experenciadores” implícitos, o que equivale a 8.18% de todos os seus 110 “experenciadores”. Dentre todos esses “participantes” do TF e do TA, há apenas uma correspondência no quesito implicitação. No TF, não há “fenômenos” implícitos, mas, no TA, há 1 ocorrência, equivalente a 1.89% de todos os seus 53 “fenômenos”.

Há, no TF, 2 “portadores” implícitos, o que equivale a 1.36% de todos os seus 147 “portadores”. No TA, há 3 “portadores” implícitos, o que equivale a 2.10% de todos os seus 143 “portadores”. Dentre todos esses “participantes” do TF e do TA, há apenas uma correspondência no quesito implicitação. Com relação aos “atributos” e aos “participantes” identificativos, não houve ocorrências implícitas no corpus.

No EXEMPLO 38, é possível averiguar uma oração relacional do TF com um “portador” implícito e uma oração mental do TA com “experenciador” e “fenômeno” implícitos.

#### EXEMPLO 38

(TF) [I'm] Sorry about that, son. (p. 259)

(TA) [**Você**] [**Me**] Desculpe por isso, filho. (p. 245)

Na oração do TF, temos uma oração relacional, na qual o “processo” é composto pelo verbo “to be” conjugado na 1ª pessoa do singular do *present simple tense*, o elemento “I”, implícito, é o “portador”, e o elemento “Sorry” é o “atributo”. Na língua inglesa, é muito comum utilizar apenas a palavra “sorry” para se desculpar com alguém. Para fins de classificação, acrescentamos o Sujeito implícito “I”, o qual não possui um elemento prévio ao qual faça referência, e o verbo conjugado “am”.

Na oração do TA, temos uma oração mental, na qual o “processo” é composto pelo verbo “desculpar” na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo. Como no texto original não havia a presença expressa de um “experenciador” e nem de um “fenômeno”, necessário para o verbo “desculpar”, propomos, respectivamente, os elementos “Você” e “Me” e os denominamos implícitos, porquanto não há, no texto, elementos que os antecedam e possibilitem retomada anafórica.

Há, no TF, 4 “dizentes” implícitos, o que equivale a 5.88% de todos os seus 68 “dizentes”. No TA, há 2 “dizentes” implícitos, o que equivale a 2.94% de todos os seus 68 “dizentes”. Dentre todos esses “participantes” do TF e do TA, há duas correspondências no quesito implicitação. Referente aos outros três “participantes” verbais, não houve ocorrências implícitas no corpus.

Pode-se constatar a equivalência entre um “dizente” implícito no TF e um “dizente” implícito no TA, a seguir, no EXEMPLO 39.

#### EXEMPLO 39

(TF) [...] they were never even mentioned [**by anyone**], [...] (p. 17)

(TA) [...] ela não era sequer mencionada [**por ninguém**], [...] (p. 26)

As duas orações acima ocorrem, no TF e no TA, logo após as duas orações do EXEMPLO 36. Nas orações desse exemplo, ainda está se falando sobre a(s) temperatura(s) dos corpos dos homens, e o motivo para a ocorrência implícita dos “dizentes” é o mesmo, isto é, não havia nenhum elemento precedente em ambos os casos para que a anáfora fosse realizada, as orações estão na voz passiva, e, talvez, o intuito da autora e da tradutora foi não especificar os realizadores das ações verbais.

Ocorrem, no TF, 3 “comportantes” implícitos, o que equivale a 12.00% de todos os seus 25 “comportantes”. No TA, de todos os 14 “comportantes”, nenhum ocorreu implícito.

Pode-se averiguar uma oração comportamental com um “comportante” implícito do TF e uma oração menor (HALLIDAY, 1994) do TA, a seguir, no EXEMPLO 40.

#### EXEMPLO 40

(TF) “Oh, you know.” ([**You**] Shrug, [you] look away, [you] change subject.) (p. 191)

(TA) “Ah, [eu] sei lá.” (Um dar de ombros, um olhar distante, mudança de assunto.) (p. 182)

Nesse trecho, Jimmy está conversando com uma mulher sobre quando sua mãe fugiu de casa e levou o animal de estimação junto, a mulher pergunta o que ele fez quando isso aconteceu, e a fala entre aspas é a resposta dele. Entre parênteses, o(a) narrador(a) explicita qual a linguagem corporal e o comportamento de Jimmy, ao dar aquela resposta, para parecer mais desolado do que ele realmente estava. Dentro dos parênteses do TF, há três grupos verbais conjugados na 3ª pessoa do singular no imperativo: os dois primeiros "processos" são comportamentais, e o último classificamos como verbal. Para tais grupos verbais, propomos o elemento "you" entre colchetes, para que as orações tivessem seus devidos Sujeitos implícitos, já que não fazem referência a um elemento precedente. Dentro dos parênteses do TA, no entanto, não há grupos verbais, apenas grupos nominais, os quais expressam, de forma semelhante, a ideia do texto original.

Assim sendo, a maioria dos "participantes" do corpus são realizados de forma explícita. No TF, encontramos 1064 "participantes", sendo 91.54% realizados expressos, 4.42% elípticos, e 4.04% implícitos. No TA, encontramos 1050 "participantes", sendo 82.10% realizados expressos, 14.00% elípticos, e 3.90% implícitos. Tendo em vista tais dados, podemos observar que há uma tendência maior de elisão de "participantes" no português, e que os "participantes" ocorrem mais expressos no inglês. Quanto à implicitação, ambos os textos têm quantidades baixas e similares de ocorrências, indicando que a implicitação não é um recurso linguístico muito utilizado pela LF e pela LA. Já a elisão é uma ferramenta corrente para a construção da coesão dos textos para ambas as línguas.

Além de todos os "participantes" já mencionados neste capítulo, contabilizamos, também, os "alcances" materiais, mentais, verbais e comportamentais no corpus. Em seguida, na TABELA 7, apresentamos as quantidades de "alcances" no âmbito de "processos" no TF e no TA.

**Tabela 7** - “Alcances” no âmbito de “Processos” no TF e no TA

Tipos de Alcance	TF	TA
Alcance Material	-	2
Alcance Mental	1	6
Alcance Verbal	-	1
Alcance Comportamental	5	2
TOTAL	6	11

Fonte: Elaboração própria

No tocante aos “processos” materiais, encontramos, apenas no TA, 2 “alcances” materiais. Em suas dissertações de mestrado, Santos (2013) e Assis (2017) falam sobre o “escopo” (*scope*), que é o nome do “alcance” material (THOMPSON, 2014), mas não contabilizam suas ocorrências. Já D’Ávila e Rodrigues (2014) relatam que encontraram 4 “alcances” materiais relativos à Jovem em *The Young Girl* e 4 em *A Jovem*.

Podem-se averiguar, a seguir, no EXEMPLO 41, uma oração relacional do TF e sua correspondente do TA, a qual é uma oração material com presença de “alcance”.

#### EXEMPLO 41

(TF) It’s been an inspiration, [...] (p. 166)

(TA) Isso tem servido **de inspiração**, [...] (p. 159)

Na oração do TF, temos uma oração relacional atributiva, cujo elemento “it” é “portador” e o elemento “an inspiration” é “atributo”. Na oração do TA, temos uma oração material, cujo elemento “Isso” é “ator” e o elemento “de inspiração” é o domínio da ação, por isso é “alcance” material.

No que concerne aos “processos” mentais, encontramos 1 “alcance” mental no TF e 6 no TA. Entre eles, não há nenhuma correspondência. D’Ávila e Rodrigues (2014) relatam que encontraram 1 “alcance” mental relativo à Jovem em *The Young Girl* e o seu correspondente em *A Jovem*.

Podem-se verificar, no EXEMPLO 42, uma oração mental do TF com presença de “alcance” e o trecho correspondente do TA, o qual é formado por uma oração mental e uma oração relacional hipotática.

#### EXEMPLO 42

(TF) It made him feel **about twelve**. (p. 312)

(TA) Ele sentiu como se [ele] tivesse doze anos. (p. 294)

Na oração do TF, classificamos “It” como “fenômeno”, o grupo verbal “made [...] feel” como “processo” mental, “him” como “experienciador” e a frase preposicional “about twelve” como “alcance” mental, pois é uma especificação do “fenômeno”. No TA, temos duas orações: a primeira, “Ele sentiu”, que é mental, e a segunda, “como se [ele] tivesse doze anos”, que é dependente da primeira. Semanticamente, a oração do TF e o complexo oracional do TA não destoam. Transitivamente, há pouca mudança, pois o elemento que faz referência à idade que Jimmy sentiu ter ainda está presente.

No tocante aos “processos” verbais, encontramos, apenas no TA, 1 “alcance” verbal. Em seu corpus de estudo, D’Ávila e Rodrigues (2014) relatam que não encontraram nenhum “alcance” verbal relativo à Jovem.

Podem-se observar, no EXEMPLO 43, um complexo oracional do TF e um complexo oracional do TA com a presença de um “alcance” verbal.

#### EXEMPLO 43

(TF) I guess they still do a lot of jabbering about that, over where you are. (p. 167)

(TA) [Eu] Acho que ainda existe muita conversa fiada quando se fala **em arte**. (p. 159)

No trecho do TF, há três orações: a oração mental “I guess”, a oração comportamental “they still do a lot of jabbering about that”, e a oração relacional “over where you are”, a qual foi apagada no processo de tradução. No trecho do TA,

também há três orações: a oração mental “[Eu] acho”, a oração existencial “que ainda existe muita conversa fiada”, e a oração verbal “quando se fala em arte”.

O elemento “they” no TF se refere às pessoas no geral, “jabbering” pode ser traduzido como “falatório” e é um comportamento, e a “circunstância” de assunto “about that” se refere à Arte, sobre a qual Jimmy e Crake estão conversando. Sendo assim, classificamos “they” como “comportante” e “a lot of jabbering” como “extensão” comportamental. O elemento “jabbering” tem como equivalente no TA o elemento “conversa fiada”, e o assunto da conversa fica por conta do “alcance” verbal “em arte” (classificamos “se”, que é textual e ideacional, como “dizente” e o verbo conjugado “fala” como o “processo” verbal em si). Por conta disso, o “alcance” verbal “em arte” não corresponde a um “alcance” verbal do TF, porque não o há.

No que tange aos “processos” comportamentais, encontramos 5 “alcances” comportamentais no TF e 2 no TA. Entre eles, há duas correspondências. D’Ávila e Rodrigues (2014) relatam que encontraram 14 “alcances” comportamentais relativos à Jovem em *The Young Girl* e 5 em *A Jovem*.

É possível averiguar, no EXEMPLO 44, a equivalência entre uma oração comportamental do TF com a presença de “alcance” e a sua oração correspondente do TA.

#### EXEMPLO 44

(TF) He smiled **at himself** in the mirror, [...] (p. 17)

(TA) Ele sorriu **para si mesmo** no espelho, [...] (p. 293)

As duas orações são compostas por elementos ideacionais similares. “He” e “Ele” são “comportantes” referentes a Jimmy; “smiled” e “sorriu” são os grupos verbais comportamentais; “at himself” e “para si mesmo” são frases preposicionais que funcionam como “alcances” comportamentais pois expressam o domínio sobre o qual os “processos” comportamentais ocorrem; e, por fim, “in the mirror” e “no espelho” são “circunstâncias” de localização espacial.

### 3.3. Personagens e seus “participantes”

A seguir, na TABELA 8, apresentamos as quantidades de personagens expressas, elípticas e implícitas no TF e no TA do presente trabalho.

**Tabela 8** - Personagens no TF e no TA (expressas, elípticas e implícitas)

Personagens	TF	TA
Oryx	50	50
Jimmy/Homem das Neves	221	209
Glenn/Crake	41	45
TOTAL	312	304

Fonte: Elaboração própria

Em um primeiro momento, se mantermos o foco apenas no número total de personagens do TF e do TA, na TABELA 8, encontramos apenas 8 personagens realizadoras de "participantes" a menos no TA (312 no TF e 304 no TA), o que pode indicar que essa redução é pequena. Entretanto, há diferenças consideráveis nos dados específicos de cada personagem. Discorreremos, a seguir, sobre as quantidades de cada personagem no corpus de estudo, brevemente, porque detalharemos a análise nas tabelas posteriores.

Quanto à personagem Oryx, a encontramos 50 vezes como personagem realizadora no TF e 50 vezes no TA. Esses valores representam, em relação ao total de personagens realizadoras no TF e no TA, respectivamente, 16.03% e 16.45%. Assim sendo, não há nenhuma ocorrência de Oryx a menos no TA, sendo ela a personagem com maior estabilidade de ocorrências entre o TF e o TA. Além disso, é a segunda personagem com mais ocorrências no corpus.

Em relação à personagem Jimmy/Homem das Neves, a encontramos 221 vezes como personagem realizadora no TF e 209 vezes no TA. Tais valores representam, em referência ao total de personagens realizadoras no TF e no TA, respectivamente, 70.83% e 68.75%. Posto isso, há 12 ocorrências de Jimmy/Homem das Neves a menos no TA, sendo ela a personagem com menor estabilidade de ocorrências entre o TF e o TA, sendo 2.08% a diferença entre os textos. Ademais, é a personagem com mais ocorrências no corpus.

No tocante à personagem Glenn/Crake, encontramos-na 41 vezes como personagem realizadora no TF e 45 vezes no TA. Essas quantidades representam,

em relação ao total de personagens realizadoras no TF e no TA, respectivamente, 13.14% e 14.80%. Portanto, há quatro ocorrências de Glenn/Crake a mais no TA, sendo ela a segunda personagem com menor estabilidade de ocorrências entre o TF e o TA, sendo 1.66% a diferença entre os textos. Outrossim, é a personagem com menos ocorrências no corpus.

A seguir, na TABELA 9, apresentamos as quantidades de personagens expressas no TF e no TA do presente trabalho.

**Tabela 9** - Personagens no TF e no TA (expressas)

Personagens	TF	TA
Oryx	48	39
Jimmy/Homem das Neves	187	153
Glenn/Crake	34	33
TOTAL	269	225

Fonte: Elaboração própria

Das 50 ocorrências de Oryx no TF, 48 são realizadas expressas, o que representa 96.00% de todas as ocorrências dessa personagem no TF. Das 50 ocorrências de Oryx no TA, 39 são realizadas expressas, o que representa 78.00% de todas as ocorrências dessa personagem no TF. Como já observado nas análises de outras tabelas, há, no inglês, uma tendência à realização expressa de "participantes". Nota-se isso também sobre as personagens, e podemos verificar tal tendência com os dados de Oryx, pois ela aparece mais expressa no inglês do que no português.

A seguir, no EXEMPLO 45, é possível verificar a equivalência entre os elementos expressos "I" e "eu", referentes à Oryx.

#### EXEMPLO 45

(TF) Oh, I always know. (p. 312)

(TA) Ah, eu sempre sei. (p. 294)

Ambas as orações são mentais, porque, na do TF, o “processo” é formado pelo grupo verbal “know”, e, na do TA, o “processo” é formado pelo grupo verbal “sei”, sendo os dois relacionados à cognição. Em ambas, a função de “experenciador” é realizada expressa por um pronome pessoal da 1ª pessoa do singular, “I” no inglês, e “eu” no português. Assim sendo, não há mudança transitiva entre uma oração e a outra.

Das 221 ocorrências de Jimmy/Homem das Neves no TF, 187 são realizadas expressas, o que representa 84.62% de todas as ocorrências dessa personagem no TF. Das 209 ocorrências de Jimmy/Homem das Neves no TA, 153 são realizadas expressas, o que representa 73.21% de todas as ocorrências dessa personagem no TF. Assim como Oryx, a personagem Jimmy/Homem das Neves também ocorre mais expressa no TF do que no TA.

A seguir, no EXEMPLO 46, é possível verificar a equivalência entre os elementos expressos “you” e “você”, referentes a Jimmy/Homem das Neves.

#### EXEMPLO 46

(TF) Jimmy, **you** worry too much. (p. 135)

(TA) Jimmy, **você** se preocupa demais. (p. 131)

Nesse exemplo, assim como no anterior, os “processos” em questão são mentais. Além disso, os “experenciadores” são “you” e “você”, os mesmos com os quais Rodrigues (2014) trabalhou. Na oração do TF, o “participante” “you” está em relação de transitividade com o grupo verbal “worry”; na oração do TA, o “participante” “você” está em relação de transitividade com o grupo verbal “se preocupa”, sendo “se” um pronome oblíquo átono da 3ª pessoa do singular, o que é uma particularidade desse verbo no português. Em todo o caso, não há mudança transitiva entre uma oração e a outra.

Das 41 ocorrências de Glenn/Crake no TF, 34 são realizadas expressas, o que representa 82.93% de todas as ocorrências dessa personagem no TF. Das 45 ocorrências de Glenn/Crake no TA, 33 são realizadas expressas, o que representa 73.33% de todas as ocorrências dessa personagem no TF. Assim como Oryx e Jimmy/Homem das Neves, a personagem Glenn/Crake também ocorre mais expressa no TF do que no TA. Porém, tal observação é interessante, porquanto

essa personagem tem mais ocorrências no TA do que no TF, e, ainda assim, ocorreu mais expressa no TF.

A seguir, no EXEMPLO 47, é possível verificar a equivalência entre os elementos expressos “you” e “você”, referentes a Glenn/Crake.

#### EXEMPLO 47

(TF) What have **you** got against it? (p. 167)

(TA) O que **você** tem contra isso? (p. 160)

Nesse exemplo, temos duas orações relacionais atributivas equivalentes. Classificamos “What” e “O que” como “atributos”, os “participantes” “you” e “você” como “portadores”, os grupos verbais “have got” e “tem” como “processos” relacionais atributivos, e as frases preposicionais “against it” e “contra isso” como “circunstâncias” de causa (benefício). Ademais, tanto o grupo verbal da oração do TF quanto o grupo verbal da oração do TA (“tem”, que está conjugado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo) apresentam ideia de tempo presente.

A seguir, na TABELA 10, apresentamos as quantidades de personagens elípticas no TF e no TA do presente trabalho. Assim como nós, Rodrigues (2014) levou em consideração as ocorrências elípticas, em seu caso, dos elementos “you” e “você”, e Santos (2013) também o fez, em seu caso, de Jane Eyre/Joanna Eyre, na análise do corpus de sua pesquisa, pois, segundo a autora, tais ocorrências auxiliam na construção ideacional da personagem.

**Tabela 10** - Personagens no TF e no TA (elípticas)

Personagens	TF	TA
Oryx	2	11
Jimmy/Homem das Neves	24	51
Glenn/Crake	1	6
TOTAL	27	68

Fonte: Elaboração própria

Das 50 ocorrências de Oryx no TF, 2 são elípticas, o que representa 4.00% de todas as ocorrências de tal personagem no TF. Das 50 ocorrências de Oryx no TA, 11 são elípticas, o que representa 22.00% de todas as ocorrências de tal personagem no TF. A seguir, no EXEMPLO 48, no qual reutilizamos as orações do EXEMPLO 35, podemos averiguar a equivalência entre os elementos elípticos “I” e “Eu”, referentes à Oryx. Como reutilizamos as orações do EXEMPLO 35 e a análise aqui seria a mesma, o(a) leitor(a) pode verificá-la naquele exemplo.

#### EXEMPLO 48

(TF) I cried and [I] cried. (p. 135)

(TA) [Eu] chorei muito. (p. 131)

Das 221 ocorrências de Jimmy/Homem das Neves no TF, 24 são elípticas, o que representa 10.86% de todas as ocorrências de tal personagem no TF. Das 209 ocorrências de Jimmy/Homem das Neves no TA, 51 são elípticas, o que representa 24.40% de todas as ocorrências de tal personagem no TF. Se compararmos as porcentagens de Oryx e de Jimmy/Homem das Neves, podemos verificar que essa personagem ocorre mais elidida do que aquela, tanto na LF quanto na LA.

A seguir, no EXEMPLO 49, pode-se observar a equivalência entre os elementos elípticos “he” e “ele”, referentes a Jimmy/Homem das Neves.

#### EXEMPLO 49

(TF) He pauses, [**he**] wipes the sweat off his face, [...] (p. 224)

(TA) Ele para, [**ele**] enxuga o suor do rosto, [...] (p. 212)

Como fica nítido nas duas sentenças, Jimmy/Homem das Neves já havia sido expressamente mencionado na primeira oração, do TF e do TA, realizando a função de “ator”, referente aos “processos” materiais “pauses” e “para”. Na oração seguinte, em ambos os textos, a ação realizada é outra, mas o tipo de “processo” não sofre mudança. Além disso, houve a elisão do Sujeito nessas orações, sendo uma forma de anáfora (HALLIDAY, 1994), na qual o elemento previamente utilizado é substituído pelo apagamento.

Das 41 ocorrências de Glenn/Crake no TF, 1 é elíptica, o que representa 2.44% de todas as ocorrências de tal personagem no TF. Das 45 ocorrências de Glenn/Crake no TA, 6 são elípticas, o que representa 13.33% de todas as ocorrências de tal personagem no TF. Se compararmos as porcentagens de Oryx, de Jimmy/Homem das Neves, e de Glenn/Crake, podemos verificar que essa personagem é a que ocorre menos elidida dentre as três, tanto na LF quanto na LA. Apesar disso, tal personagem sofre um aumento de realizações elípticas do TF para o TA, assim como há mais realizações de tal personagem no TA do que no TF, isto é, há proporcionalidade entre esses quesitos. Esse fato difere do que acontece com as outras duas personagens, porquanto Oryx apresenta o mesmo número de ocorrências totais no TF e no TA, conforme a TABELA 8, e Jimmy/Homem das Neves tem menos realizações suas no TA, de acordo com a mesma tabela, mas as duas personagens têm mais realizações elípticas.

A seguir, no EXEMPLO 50, no qual reutilizamos as orações do EXEMPLO 18 realizando outra análise por se tratar de uma categoria diferente, pode-se observar a equivalência entre os elementos elípticos “he” e “ele”, referentes a Glenn/Crake.

#### EXEMPLO 50

(TF) Crake should stick to science and [**he** should] leave poor Byron to Jimmy. (p. 166)

(TA) Crake devia restringir-se à ciência e [**ele** devia] deixar o pobre Byron para Jimmy. (p. 159)

Similar ao que ocorre no EXEMPLO 49, fica nítido nas duas sentenças deste exemplo que Glenn/Crake já havia sido mencionado de forma expressa na primeira oração, tanto no TF quanto no TA, funcionando como “ator” dos “processos” materiais “should stick” e “devia restringir”. Na oração seguinte, em ambos os textos, a ação realizada é outra, havendo a elisão dos “participantes” “he” e “ele”.

Como já se observou em análises de tabelas anteriores, há, no português, uma tendência maior à realização elíptica de “participantes” e personagens do que há no inglês, assim como Rodrigues (2014) destacou em sua pesquisa. Essa tendência torna-se mais evidente quando observamos as quantidades de ocorrências elípticas das três personagens analisadas, pois todas sofrem mais

elisões na língua portuguesa. E, ao verificarmos o número total de elisões das personagens no corpus, tal tendência torna-se ainda mais evidente, porquanto há 27 elisões de personagens principais no TF e 68 no TA, isto é, 41 a mais nesse. Tais valores representam, em referência ao total de personagens realizadoras (TABELA 8) no TF (312) e no TA (304), respectivamente, 8.65% e 22.37%.

A seguir, na TABELA 11, apresentamos as quantidades de personagens implícitas no TF e no TA do presente trabalho.

**Tabela 11** - Personagens no TF e no TA (implícitas)

Personagens	TF	TA
Oryx	-	-
Jimmy/Homem das Neves	9	5
Glenn/Crake	6	6
TOTAL	15	11

Fonte: Elaboração própria

Sobre a implicação das personagens principais, não houve ocorrências referentes à Oryx. Para Jimmy/Homem das Neves no TF, das suas 221 ocorrências no TF (TABELA 8), 9 são implícitas, o que representa 4.07% de todas as ocorrências de tal personagem no TF. Das suas 209 ocorrências no TA (TABELA 8), 5 são implícitas, o que representa 2.39% de todas as ocorrências de tal personagem no TF. Para Glenn/Crake no TF, das suas 41 ocorrências no TF (TABELA 8), 6 são implícitas, o que representa 14.63% de todas as ocorrências de tal personagem no TF. Das suas 45 ocorrências no TA (TABELA 8), 6 são implícitas, o que representa 13.33% de todas as ocorrências de tal personagem no TF.

Pode-se observar, a seguir, nos EXEMPLOS 51 e 52, a equivalência entre os elementos implícitos “you” e “você”, referentes a Jimmy/Homem das Neves, no 51, e a Glenn/Crake, no 52.

#### EXEMPLO 51

(TF) [...] [**you**] read the instructions.

(TA) [...] [**você**] leia as instruções.

#### EXEMPLO 52

(TF) [**You**] Try me.

(TA) [**Você**] Experimente.

Em ambos os exemplos, na LF e na LA, os grupos verbais são formados por verbos imperativos. No subcapítulo 1.2.1, explicamos que, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014), os "participantes" implícitos são aqueles elementos realizadores omitidos nas orações, embora possam ser produzidos explícitos. Além disso, podem não apresentar realização prévia, ou seja, podem não fazer referência a um elemento anterior, como é o caso dos pronomes "you" e "você". Nos exemplos acima, sabemos que fazem referência a Jimmy/Homem das Neves e a Glenn/Crake, mas, como as orações são imperativas, classificamos tais elementos como implícitos, e não como elípticos.

Assim como houve menos ocorrências de Jimmy/Homem das Neves no TA, também houve menos ocorrências implícitas dessa personagem. Glenn/Crake, apesar de ter tido mais ocorrências no TA, teve a mesma quantidade de ocorrências implícitas em ambos os textos. Porém, como houve mais ocorrências implícitas de Jimmy/Homem das Neves no TF, o número total de personagens implícitas, consequentemente, permaneceu maior do que no TF (15 nesse e 11 no TA). Esse cenário é o inverso do que se observou quanto às realizações elípticas das personagens, na TABELA 10, mas, ainda assim, vai ao encontro do que observamos quanto à implicitação de "participantes" do corpus, na TABELA 6.

A seguir, na TABELA 12, apresentamos as quantidades de cada um dos "participantes" da metafunção ideacional realizados pela personagem Oryx no TF e no TA do presente trabalho. A personagem, no entanto, não realizou a função de "existente" no corpus.

**Tabela 12** - “Participantes” realizados pela personagem Oryx no TF e no TA

Participantes	Oryx TF	Oryx TA
Ator	4	4
Meta	4	4
Recebedor	1	1
Cliente	-	-
Experienciador	15	19
Fenômeno	3	2
Portador	10	10
Atributo	-	-
Identificado	1	1
Identificador	-	-
Característica	-	-
Valor	1	1
Dizente	6	5
Receptor	1	-
Verbiagem	-	-
Alvo	-	-
Comportante	4	3
Existente	-	-
TOTAL	50	50

Fonte: Elaboração própria

Na TABELA 12, ao enfocarmos o número total de "participantes" realizados por Oryx no TF e no TA, encontramos a mesma quantidade de "participantes" no TF e no TA (50 e 50). A seguir, discorreremos sobre as quantidades de cada “participante” da metafunção ideacional da LSF realizado por Oryx no corpus do presente estudo e averiguaremos se há, de fato, pouca mudança nos dados específicos.

Quanto aos "participantes" dos "processos" materiais realizados por Oryx, encontramos 4 “atores” no TF e 4 no TA, 4 “metas” no TF e 4 no TA, 1 “recebedor”

no TF e 1 no TA, e nenhum “cliente” em ambos os textos. Tais valores representam, em relação ao total de “participantes” realizados por Oryx no TF e no TA, respectivamente, 8.00% de “atores” em ambos os textos, 8.00% de “metas” em ambos os textos, e 2.00% de “recebedores” em ambos os textos. Dentre as orações em que Oryx realizou a função de “ator”, há 3 correspondências; dentre as orações em que Oryx realizou a função de “meta”, há 4 correspondências; e dentre as orações em que Oryx realizou a função de “recebedor”, há 1 correspondência.

Podemos observar, a seguir, no EXEMPLO 53, a equivalência entre os elementos “She” e “Ela”, referentes à Oryx, os quais funcionam como “atores”.

#### EXEMPLO 53

(Oryx TF) **She** came to his suite on purpose, [...] (p. 312)

(Oryx TA) **Ela** entrou na suíte dele para isso, [...] (p. 294)

Nesse trecho, Oryx está interagindo com Jimmy/Homem das Neves. O *subject pronoun* “She” e o pronome pessoal do reto “Ela” são “atores” que estão em relação de transitividade com os grupos verbais “came” e “entrou”. No entanto, apesar de os dois “processos” serem materiais, seus significados são levemente distintos, e até suas regências o são. Uma tradução mais próxima para “came to” seria “veio à” ou “foi à”, mas a escolha da tradutora é um equivalente bastante provável em português brasileiro (“entrou na”). Além do mais, os grupos verbais estão no *simple past tense* e no pretérito perfeito, respectivamente, isto é, possuem uma ideia similar de tempo passado, o que aproxima as duas orações em termos de equivalência.

Em seguida, pode-se observar, no EXEMPLO 54, a equivalência entre os elementos “her” e “-a”, referentes à Oryx, os quais funcionam como “metas”.

#### EXEMPLO 54

(Oryx TF) The man drove **her** in a car with some other girls, [...] (p. 136)

(Oryx TA) O homem levou-**a** de carro junto com outras garotas, [...] (p. 132)

Nesse exemplo, Oryx também está em interação com uma figura masculina. O *object pronoun* “her” e o pronome pessoal oblíquo átono “-a” estão em relação de transitividade com os grupos verbais “drove” e “levou”. O verbo “to drive” é majoritariamente utilizado com “metas” relacionadas a alguns veículos, como um carro, e a tradução literal seria “dirigir”, mas também pode ser utilizado com “metas” humanizadas para expressar a ideia de que se leva algo ou alguém no veículo sendo dirigido. Mais uma vez, a escolha da tradutora de utilizar o verbo “levar” é um equivalente bastante provável em termos de português brasileiro.

É possível verificar, a seguir, no EXEMPLO 55, a equivalência entre os elementos “in her” e “por ela”, referentes à Oryx, os quais funcionam como “recebedores”.

#### EXEMPLO 55

(Oryx TF) [...] he showed no interest **in her**, [...] (p. 312)

(Oryx TA) [...] [ele] não demonstrava nenhum interesse **por ela**, [...] (p. 293)

Oryx está vinculada a uma figura masculina nesse exemplo, Jimmy/Homem das Neves, mais especificamente. Classificamos essas orações como materiais pois consideramos que a demonstração de interesse ocorre materialmente, por exemplo, com ações como abraçar, enviar mensagens, dar telefonemas, levar para passeios. Dessa forma, os elementos “he” e “ele” foram classificados como “atores”, os grupos verbais “showed” e “demonstrava” como “processos” materiais, os elementos “no interest” e “nenhum interesse” como “metas”, e, conseqüentemente, os elementos “in her” e “por ela” como “recebedores”, porquanto Oryx recebe (nesse caso, não recebe, pela falta de interesse) as demonstrações de interesse de Jimmy/Homem das Neves.

Quanto aos “participantes” dos “processos” mentais realizados por Oryx, encontramos 15 “experenciadores” no TF e 19 no TA, e 3 “fenômenos” no TF e 2 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de “participantes” realizados por Oryx no TF e no TA, respectivamente, 30.00% e 38.00% de “experenciadores”, 6.00% e 4.00% de “metas”. Dentre as orações em que Oryx realizou a função de “experenciador”, há 15 correspondências; e dentre as orações em que Oryx realizou a função de “fenômeno”, há 2 correspondências.

Podemos averiguar, a seguir, no EXEMPLO 56, a equivalência entre os elementos “I” e “Eu”, referentes à Oryx, os quais funcionam como “experenciadores”.

#### EXEMPLO 56

(Oryx TF) I didn't want to see you so unhappy, Jimmy. (p. 312)

(Oryx TA) **Eu** não queria vê-lo tão infeliz, Jimmy. (p. 294)

Oryx, nesse exemplo, está interagindo com a personagem Jimmy/Homem das Neves. Os pronomes “I” e “Eu” realizam a função de “experenciador” e estão em relação de transitividade com os grupos verbais “did [...] want to see” e “[não] queria vê-”, sendo “you” e “-lo” os “fenômenos” relacionados ao Vocativo “Jimmy”.

No EXEMPLO 57, a seguir, é possível observar a equivalência entre os elementos “me” e “de mim”, referentes à Oryx, os quais funcionam como “fenômenos”.

#### EXEMPLO 57

(Oryx TF) He liked **me**. (p. 136)

(Oryx TA) Ele gostava **de mim**. (p. 131)

Oryx tem, nesse exemplo, uma figura masculina como seu “experenciador”. Na oração do TA, o *object pronoun* “me” faz referência à Oryx e funciona como “meta”, assim como o pronome pessoal oblíquo tônico “mim” precedido pela preposição “de”, sendo essa uma particularidade da regência do verbo “gostar” no português. No inglês, o verbo “to like” não é seguido por preposição.

Quanto aos "participantes" dos "processos" relacionais realizados por Oryx, encontramos 10 “portadores” no TF e 10 no TA, e 1 “identificado”/“valor” no TF e 1 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de “participantes” realizados por Oryx, 20.00% de “portadores” em ambos os textos, e 2.00% “identificados”/“valores” em ambos os textos também. Além disso, não houve ocorrências de “atributos” e “identificadores”/“características” realizados por Oryx no corpus. Dentre as orações em que Oryx realizou a função de “portador”, há 8

correspondências; e dentre as orações em que Oryx realizou a função de "identificado"/"valor", há 1 correspondência.

No EXEMPLO 58, pode-se verificar a equivalência entre os elementos "She" e "Ela", referentes à Oryx, os quais funcionam como "portadores".

#### EXEMPLO 58

(Oryx TF) **She** was off limits, [...] (p. 311)

(Oryx TA) **Ela** era terreno proibido, [...] (p. 293)

Nesse trecho, o narrador expõe que Jimmy/Homem das Neves falou para si mesmo que Oryx era terreno proibido, isso porque ele não poderia se envolver amorosamente com ela, já que ela estava envolvida com Glenn/Crake. Assim sendo, nesse trecho, uma figura masculina está falando sobre ela. Como há na oração do TF o verbo "to be" no *simple past tense* e na oração do TA o verbo "ser" no pretérito imperfeito do indicativo, classificamos a oração como relacional, os elementos "off limits" e "terreno proibido" como "atributos", porque são qualidades atribuídas à Oryx, e, conseqüentemente, classificamos "She" e "Ela" como "portadores".

No EXEMPLO 59, pode-se observar a equivalência entre os elementos "She" e "Ela", referentes à Oryx, os quais funcionam como "identificados"/"valores".

#### EXEMPLO 59

(Oryx TF) **She** was the only one of them that went with the movie man. (p. 136)

(Oryx TA) **Ela** foi a única a ir embora com o homem dos filmes. (p. 131)

Nesse trecho, Oryx também está vinculada a uma figura masculina. Na parte do TF, temos um complexo oracional, em que a oração primária é "She was the only one of them" e a secundária é o restante. Como estamos aqui analisando o "processo" relacional, nos ateremos apenas à primária. Classificamos "the only one of them" e "a única a ir embora" como "identificadores"/"características" por se

tratarem de grupos nominais definidos, e “She” e “Ela” como "identificados"/“valores” por serem os elementos tendo identidades designadas a si.

Quanto aos "participantes" dos "processos" verbais realizados por Oryx, encontramos 6 “dizentes” no TF e 5 no TA, e 1 "receptor" no TF, apenas. Tais valores representam, em relação ao total de "participantes" realizados por Oryx no TF e no TA, respectivamente, 12.00% e 10.00% de “dizentes”, e 2.00% de "receptores”. Quanto aos demais "participantes" verbais, não houve realizações por parte de Oryx no corpus. Dentre as orações em que Oryx realizou a função de “dizente”, há 4 correspondências; e dentre as orações em que Oryx realizou a função de "receptor”, não há correspondências.

No EXEMPLO 60, é possível verificar a equivalência entre os elementos “you” e “você”, referentes à Oryx, os quais funcionam como "dizentes”.

#### EXEMPLO 60

(Oryx TF) Why are **you** defending him? (p. 135)

(Oryx TA) Por que **você** o está defendendo? (p. 131)

As orações desse exemplo estão inseridas em um contexto no qual Oryx conta a Jimmy sobre a morte repentina do Tio Ene, uma personagem indecorosa, e lamenta tal acontecimento, como se o tal homem nunca tivesse feito nada de errado. Jimmy, inconformado com a ingenuidade de Oryx, faz as perguntas que estão no exemplo. Isto significa que, nesse caso, a personagem está em um diálogo com uma figura masculina e está falando sobre outra figura masculina. Os elementos “you” e “você”, sobre os quais já discorremos, foram classificados como “dizentes” por estarem em relação de transitividade com os "processos" “defending” e “defendendo”, assim como os elementos “him” e “o” foram classificados como “alvos”. A princípio, classificamos esses verbos como materiais, mas, como Oryx faz a defesa verbalmente, os classificamos como verbais posteriormente.

No EXEMPLO 61, é possível verificar uma oração verbal contendo o elemento “her” com função de “receptor” e uma oração verbal sem tal “participante”.

#### EXEMPLO 61

(Oryx TF) He told **her** she was a pretty little girl [...] (p. 136)

(Oryx TA) Ele disse que ela era uma menina bonita [...] (p. 131)

Esses complexos oracionais estão inseridos em um contexto no qual Oryx está conversando com uma personagem indecorosa. Enquanto que na oração verbal do TF (He told her [...]) fica evidente que o homem direcionou sua declaração à Oryx por utilizar o *object pronoun* “her”, funcionando como “receptor”, o mesmo não ocorre na oração verbal do TA (Ele disse [...]), pois houve, de certo modo, um apagamento do possível elemento “a ela” que funcionaria como “receptor”. No TA, torna-se evidente que a declaração do homem está direcionada à Oryx porque, em seguida, há o complexo oracional “[...] e perguntou quantos anos ela tinha”; ou seja, se ele perguntou a ela qual era sua idade, também disse a ela que era uma menina bonita.

Quanto aos "participantes" dos "processos" comportamentais realizados por Oryx, encontramos 4 “comportantes” no TF e 3 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de "participantes" realizados por Oryx no TF e no TA, respectivamente, 8.00% e 6.00% de “comportantes”. Dentre as orações em que Oryx realizou tal função, há 3 correspondências, e o motivo da ocorrência a mais no TF está explicado no EXEMPLO 35.

No EXEMPLO 62, é possível observar a equivalência entre os elementos “I” e “Eu”, referentes à Oryx, os quais funcionam como "comportantes”.

#### EXEMPLO 62

(Oryx TF) I cried when I heard about it. (p. 135)

(Oryx TA) **Eu** chorei quando [eu] soube. (p. 131)

Esses trechos estão inseridos no mesmo contexto mencionado na análise do EXEMPLO 60. Ademais, as orações comportamentais desse exemplo, isto é, “I cried” no TF e “Eu chorei” no TA, são primárias nos complexos orações em que estão inseridas e são compostas por um “comportante” e um “processo”, o que é o padrão mais comum para orações comportamentais, segundo Halliday (1994), como já explicamos. Os pronomes “I” e “Eu” estão em relação de transitividade com os grupos verbais comportamentais “cried” e “chorei”, os quais estão no *simple past*

*tense* e no pretérito perfeito do indicativo, e estão relacionados à Oryx, a qual está falando de si mesma.

Verificamos, após as análises, que as mudanças decorridas são poucas, sendo que o “participante” com maior mudança do TF para o TA, referente à Oryx, foi o “experenciador”, de 15 para 19 ocorrências. Os outros “participantes” tiveram poucas mudanças; por exemplo, o “fenômeno” diminuiu de 3 para 2 ocorrências, o “dizente” diminuiu de 6 para 5, e o “comportante” diminuiu de 4 para 3; os outros “participantes” não tiveram mudanças nas suas quantidades. Além disso, os “participantes” mais realizados por essa personagem são o “experenciador”, em primeiro lugar, com 15 ocorrências no TF e 19 no TA (30.00% e 38.00%, respectivamente), e o “portador”, em segundo lugar, com 10 ocorrências no TF e 10 no TA (20.00% em ambos os textos).

Curiosamente, a maioria dos exemplos coletados provém dos mesmos dois trechos do TF (p. 135/136 e p. 311/312) e do TA (p. 131/132 e p. 293/294), sendo tais trechos os que Oryx mais realiza funções, pelo menos no corpus do presente estudo. Ademais, percebemos que a personagem aparece muito vinculada a homens nos trechos do corpus, isto é, na maioria das orações em que Oryx realizou algum “participante”, ela estava interagindo com alguma figura masculina.

Em termos materiais, ou ela estava executando algo para algum homem, ou algum homem estava executando algo para ela. Em termos mentais, ou ela estava expressando suas opiniões sobre algum homem, ou o contrário estava ocorrendo. Em termos relacionais, na maioria dos casos em que Oryx foi descrita, ela estava interagindo com algum homem. Em termos verbais, Oryx estava falando sobre algum homem, ou conversando com um. Em termos comportamentais, Oryx apareceu chorando por um homem em todas as ocorrências. Essas informações corroboram o fato de as poucas personagens femininas interagirem, praticamente, apenas com personagens masculinas, e de terem suas histórias vinculadas a personagens masculinas e movidas por tais.

Levando em conta o conceito de “semes” proposto por Fowler (1977), a partir de Montgomery (1993/2004), é possível tecer algumas considerações sobre as características de Oryx e como se relacionam com os “participantes” realizados pela personagem no nosso corpus. No corpus, é possível captar algumas características distintas referentes à Oryx; ela é perceptiva e pensante, traços encontrados em orações mentais; ela parece ser ingênua, sensível e bela, estando tais semes

presentes em orações mentais e relacionais atributivas; e parece ser sedutora, o que pode ser evidenciado em orações materiais, verbais e relacionais.

Se nos atentarmos aos "participantes" realizados por Oryx no decorrer do corpus, é possível confirmar sua natureza perceptiva e pensante, porquanto ela realiza a função de "experenciador" mais que as outras funções. Além disso, Oryx é frequentemente descrita em orações relacionais, o que vai ao encontro do elevado número de "portadores" realizados por ela. Quanto ao restante dos semes mencionados, é interessante ressaltarmos que, por mais que esteja implícito no texto de Atwood que Oryx é sensível, a única ação comportamental que ela desempenha no nosso corpus é chorar.

Simpson (1993/2005) divide os "processos" mentais em três tipos: perceptivos (ver, ouvir), reativos (gostar, odiar) e cognitivos (pensar, entender). Analisando os "processos" mentais realizados por Oryx, os quais foram os mais numerosos dentre todos os seus "processos", podemos chegar em alguns resultados. No TF, Oryx realiza 8 "processos" de percepção, 2 de reação e 5 de cognição. No TA, ela realiza 5 "processos" de percepção, 3 de reação e 11 de cognição. Portanto, é possível verificar uma diferença sutil no perfil experiencial mental dessa personagem, já que no TF ela é mais perceptiva e no TA ela é mais pensante (utilizamos aqui os mesmos termos utilizados para falar dos semes dessa personagem).

A seguir, na TABELA 13, apresentamos as quantidades de cada um dos "participantes" da metafunção ideacional realizados pela personagem Jimmy/Homem das Neves no TF e no TA do presente trabalho. A personagem, no entanto, não realizou a função de "existente" no corpus.

**Tabela 13** - “Participantes” realizados pela personagem Jimmy/Homem das Neves no TF e no TA

Participantes	Jimmy/Homem das Neves TF	Jimmy/Homem das Neves TA
Ator	77	71
Meta	11	10
Recebedor	4	3
Cliente	2	-
Experienciador	52	47
Fenômeno	5	4
Portador	26	32
Atributo	-	-
Identificado	1	1
Identificador	-	-
Característica	-	-
Valor	1	1
Dizente	24	26
Receptor	5	5
Verbiagem	-	-
Alvo	-	-
Comportante	13	9
Existente	-	-
TOTAL	221	209

Fonte: Elaboração própria

Na TABELA 13, ao enfocarmos o número total de "participantes" realizados por Jimmy/Homem das Neves no TF e no TA, encontramos 12 "participantes" a menos no TA (221 nesse e 209 no TA). Tal redução no número total de realizações de Jimmy/Homem das Neves não demonstra informações tangíveis. Por isso, a seguir, discutiremos sobre as quantidades de cada “participante” da metafunção ideacional da LSF realizado por Jimmy/Homem das Neves no corpus do presente estudo e averiguaremos o que os dados específicos explicitam.

Em relação aos "participantes" dos "processos" materiais realizados por Jimmy/Homem das Neves, encontramos 77 “atores” no TF e 71 no TA, 11 “metas”

no TF e 10 no TA, 4 “recebedores” no TF e 3 no TA, e 2 “clientes” no TF e nenhum no TA. Tais valores representam, em relação ao total de "participantes" realizados por Jimmy/Homem das Neves no TF e no TA, respectivamente, 34.84% e 33.97% de “atores”, 4.98% e 4.78% de “metas”, 1.81% e 1.44% de “recebedores”, e 0.90% de “clientes”. Dentre as orações em que Jimmy/Homem das Neves realizou a função de “ator”, há 67 correspondências; dentre as orações em que Jimmy/Homem das Neves realizou a função de “meta”, há 7 correspondências; dentre as orações em que Jimmy/Homem das Neves realizou a função de “recebedor”, há 3 correspondências; e, como Jimmy/Homem das Neves não realizou a função de “cliente” no TA, não há correspondências para esse “participante”.

No EXEMPLO 63, pode-se observar a equivalência entre os elementos “he” e “ele”, referentes a Jimmy/Homem das Neves, os quais funcionam como "atores".

#### EXEMPLO 63

(Jimmy TF) **He** pulls the sheet up over his baseball cap [...] (p. 224)

(Jimmy TA) **Ele** puxa o lençol por cima do boné de beisebol [...] (p. 212)

Na oração do TF, o elemento “he” está em relação de transitividade com o grupo verbal “pulls [...] up”, o qual se encontra no *simple present tense*. Na oração do TA, o elemento “ele” está em relação de transitividade com o grupo verbal “puxa”, o qual se encontra no presente do indicativo. Ambos os grupos verbais expressam ações materiais e têm como “metas” os grupos nominais “the sheet” e “o lençol”.

Pode-se verificar, no EXEMPLO 64, a equivalência entre os elementos “Jimmy” das orações do TF e do TA, os quais funcionam como "metas".

#### EXEMPLO 64

(Jimmy TF) [...] [he] lifted **Jimmy** down. (p. 17)

(Jimmy TA) [...] [ele] pôs **Jimmy** no chão. (p. 27)

Essas orações fazem parte de um trecho no qual o homem que cortava cabelos tirou o Jimmy criança da cadeira do salão e o pôs no chão. Assim, o tal homem, representado pelos elementos elípticos “he” e “ele”, é o “ator” e “Jimmy” é a

“meta”. Tais “participantes” estão em relação de transitividade com os grupos verbais “lifted [...] down” e “pôs”. Aquele é um *phrasal verb* que conota segurar algo e colocá-lo em um posição abaixo (no caso do exemplo, a posição abaixo da cadeira é o chão), esse é um verbo no pretérito perfeito do indicativo, e, junto com a “circunstância” de localização “no chão”, retoma o sentido do grupo verbal do TF.

Pode-se averiguar, no EXEMPLO 65, a equivalência entre os elementos “to him” e “para ele”, referentes a Jimmy/Homem das Neves, os quais funcionam como “receptores”.

#### EXEMPLO 65

(Jimmy TF) Too many things were coming back **to him**, [...] (p. 259)

(Jimmy TA) Muita coisa estava voltando **para ele**, [...] (p. 246)

Classificamos os elementos “Too many things” e “Muita coisa” como “atores” por estarem em relação de transitividade com os grupos verbais “were coming back” e “estava voltando”, na mesma ordem. A tradutora verteu o “ator” da oração do TF para o singular, e não para o plural, o que influenciou no grupo verbal do TA. Em todo caso, classificamos as frases preposicionais “to him” e “para ele” como “receptores” porque os elementos “him” e “ele” estão recebendo os bens em questão, ou seja, os “atores”.

No EXEMPLO 66, podemos examinar uma oração material contendo o elemento “Jimmy” com função de “cliente” e uma oração material sem tal “participante”.

#### EXEMPLO 66

(Jimmy TF) First **Jimmy** had a black cape put on him [by the haircut man], [...] (p. 17)

(Jimmy TA) Primeiro [eles] puseram uma capa preta em Jimmy, [...] (p. 27)

A oração do TF desse exemplo foi uma das mais difíceis para classificarmos. Como não havia um “ator” expresso na oração, adicionamos o “ator” implícito “by the haircut man”, o qual consideramos ser o realizador da ação “had [...] put”.

Classificamos o elemento “black cape” como “meta” e o elemento “Jimmy” como “cliente” por ser a entidade para qual algo está sendo feito. O elemento “on him” foi classificado como uma “circunstância” de localização espacial, por se tratar do local onde a capa preta foi posta.

A oração do TA, para a Gramática Tradicional (CUNHA; CINTRA, 2017), tem um sujeito indeterminado, por isso, adicionamos o elemento implícito “eles” para funcionar como Sujeito, em termos interpessoais, e “ator”, em termos ideacionais. Nesse caso, Jimmy não realiza a função de “cliente”; a presença dessa personagem nessa oração se dá através do elemento “em Jimmy”, o qual classificamos como uma “circunstância” de localização espacial.

Em relação aos "participantes" dos "processos" mentais realizados por Jimmy/Homem das Neves, encontramos 52 “experenciadores” no TF e 47 no TA, e 5 “fenômenos” no TF e 4 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de “participantes” realizados por Jimmy/Homem das Neves no TF e no TA, respectivamente, 23.53% e 22.49% de “experenciadores”, e 2.26% e 1.91% de “fenômenos”. Dentre as orações em que Jimmy/Homem das Neves realizou a função de “experenciador”, há 44 correspondências; e dentre as orações em que Jimmy/Homem das Neves realizou a função de “fenômenos”, há 3 correspondências.

No EXEMPLO 67, é possível examinar a equivalência entre os elementos “he” e “ele”, referentes a Jimmy/Homem das Neves, os quais funcionam como “experenciador”.

#### EXEMPLO 67

(Jimmy TF) What did **he** want? (p. 259)

(Jimmy TA) O que **ele** queria? (p. 246)

Como as orações interrogativas acima são mentais por conta dos “processos” “want” e “queria”, classificamos os elementos expressos “he” e “ele” como “experenciadores”. Ademais, ambas as orações se encontram no tempo passado e têm como “fenômenos” o elemento WH- “What” e o elemento QU- “O que”.

É possível examinar, no EXEMPLO 68, a equivalência entre os elementos “him” e “o”, referentes a Jimmy/Homem das Neves, os quais funcionam como “fenômeno”.

#### EXEMPLO 68

(Jimmy TF) Soon the women would be consoling **him**, [...] (p. 191)

(Jimmy TA) E logo as mulheres **o** estavam consolando, [...] (p. 181)

Nessas orações, Jimmy realiza a função de “fenômeno” para os grupos verbais “would be consoling” e “estavam consolando”. Na oração do TF, tal função é expressa pelo *object pronoun* “him”; na oração do TA, ela é expressa pelo pronome pessoal oblíquo átono “o”. Em termos de transitividade, as orações são similares, pois são ambas do tipo mental e possuem “participantes” semelhantes. No entanto, os grupos verbais do TF e do TA se encontram em tempos verbais diferentes, se fizermos um paralelo entre o inglês e o português. O grupo verbal do TF se encontra no *future in the past tense*, similar ao futuro do pretérito da língua portuguesa, e é utilizado para fazer referência a algo que poderia acontecer no futuro posterior ao momento do passado que serve de referência; já o grupo verbal do TA se encontra no pretérito imperfeito composto do indicativo, utilizado para falar de ações não terminadas do passado, por exemplo.

No tocante aos “participantes” dos “processos” relacionais realizados por Jimmy/Homem das Neves, encontramos 26 “portadores” no TF e 32 no TA, e 1 “identificado”/“valor” no TF e 1 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de “participantes” realizados por Jimmy/Homem das Neves no TF e no TA, respectivamente, 11.76% e 15.31% de “portadores”, e 0.45% e 0.48% de “identificados”/“valores”. Dentre as orações em que Jimmy/Homem das Neves realizou a função de “portador”, há 22 correspondências; e dentre as orações em que Jimmy/Homem das Neves realizou a função de “identificado”/“valor”, há 1 correspondência.

Em seguida, no EXEMPLO 69, é possível examinar a equivalência entre os elementos “he” e “ele”, referentes a Jimmy/Homem das Neves, os quais funcionam como “portador”.

## EXEMPLO 69

(Jimmy TF) Why shouldn't **he** be sentimental? (p. 344)

(Jimmy TA) Por que **ele** não deveria ser sentimental? (p. 321)

Nessas duas orações interrogativas, os grupos verbais “should [...] be” e “deveria ser” têm suas polaridades negativas. Ademais, aquele é formado pelo Finito “should” e pelo Predicador “be”; esse é formado pelo Finito “deveria” e pelo Predicador “ser”. Já que os grupos verbais têm como núcleo semântico os verbos “to be” e “ser”, os mais comuns no tocante aos “processos” relacionais, classificamos os adjetivos “sentimental”, em ambas as orações, como “atributos”, e, conseqüentemente, os pronomes “he” e “ele” como “portadores”.

No EXEMPLO 70, a seguir, é possível observar a equivalência entre o elemento “he” e o elemento “ele”, os quais funcionam como “identificados”/“valores”.

## EXEMPLO 70

(Jimmy TF) **He** needs both hands for climbing, [...] (p. 107)

(Jimmy TA) **Ele** precisa das duas mãos para subir, [...] (p. 105)

Para Halliday (1994), o verbo “to need” pode ser relacional. Ademais, consideramos que ambas as orações podem ser revertidas, e que os elementos “both hands” e “duas duas mãos” são definidos. Por isso, ambas são identificativas, tendo “He” e “Ele” classificados como “identificados”/“valores”, e “both hands” e “das duas mãos” classificados como “identificadores”/“características”.

No que tange aos “participantes” dos “processos” verbais realizados por Jimmy/Homem das Neves, encontramos 24 “dizentes” no TF e 26 no TA, e 5 “receptores” no TF e 5 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de “participantes” realizados por Jimmy/Homem das Neves no TF e no TA, respectivamente, 10.86% e 12.44% de “dizentes”, e 2.26% e 2.39% de “receptores”. Quanto aos demais “participantes” verbais, não houve realizações por parte de Jimmy/Homem das Neves no corpus, assim como é o caso de Oryx. Dentre as orações em que Jimmy/Homem das Neves realizou a função de “dizente”, há 24 correspondências, sendo esse o segundo “participante” com mais correspondências

entre o TF e o TA para essa personagem; e dentre as orações em que Jimmy/Homem das Neves realizou a função de “receptor”, há 5 correspondências, isto é, todas as ocorrências desse “participante” para essa personagem correspondem em transitividade.

Podemos examinar, no EXEMPLO 71, a equivalência entre os elementos “he” e “ele”, os quais funcionam como “dizentes”, e entre os elementos “to himself” e “para si mesmo”, os quais funcionam como “receptores”, todos esses referentes a Jimmy/Homem das Neves.

#### EXEMPLO 71

(Jimmy TF) [...] [**he**’d] whisper words **to himself**. (p. 344)

(Jimmy TA) [...] [**ele**] ficava murmurando palavras **para si mesmo**. (p. 320)

Nesse momento da narrativa, o Dilúvio Seco já aconteceu e Jimmy/Homem das Neves está sozinho em um laboratório, trancado, com poucas atividades para passar o tempo e sem ninguém para conversar. Na oração do TF, o elemento elíptico “he” e a frase preposicional “to himself” estão em relação de transitividade com o grupo “would whisper”, o qual tem o Finito “whisper” escrito em sua forma contraída. Na oração do TA, o elemento elíptico “ele” e a frase preposicional “para si mesmo” estão em relação de transitividade com o grupo verbal “ficava murmurando”. Nessas orações, Jimmy/Homem das Neves é tanto “dizente” quanto “receptor”, e isso se torna evidente por conta do afixo “-self” do *reflexive pronoun* “himself” e do grupo nominal “si mesmo”.

Referente aos “participantes” dos “processos” comportamentais realizados por Jimmy/Homem das Neves, encontramos 13 “comportantes” no TF e 9 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de “participantes” realizados por Jimmy/Homem das Neves no TF e no TA, respectivamente, 5.88% e 4.31% de “comportantes”. Dentre as orações em que Jimmy/Homem das Neves realizou tal função, há 7 correspondências.

No EXEMPLO 72, é possível examinar a equivalência entre os elementos “he” e “ele”, referentes a Jimmy/Homem das Neves, os quais funcionam como “comportantes”.

## EXEMPLO 72

(Jimmy TF) Then **he** started to weep. (p. 344)

(Jimmy TA) Depois [**ele**] começou a chorar. (p. 320)

Esse trecho se encontra no mesmo momento da narrativa mencionado no exemplo anterior. Jimmy/Homem das Neves, algum tempo após o Dilúvio Seco, começa a falar consigo mesmo; nesse trecho, ele começa a chorar porque xinga a si mesmo. No exemplo, temos duas orações comportamentais equivalentes. Elas são formadas pela função “comportante”, realizada pelos pronomes “he” e “ele”, esse elíptico, e por “processos” comportamentais, realizados pelos grupos verbais “started to weep” e “começou a chorar”, ambos no tempo passado.

Observamos, após essas análises, que as mudanças ocorridas são mínimas, sendo que o “participante” com maior mudança do TF para o TA, referente a Jimmy/Homem das Neves, foi o “ator”, de 77 para 71 ocorrências. Os outros “participantes” tiveram poucas mudanças; por exemplo, o “portador” aumentou de 26 para 32 ocorrências, e o “comportante” reduziu de 13 para 9; a maioria dos outros “participantes” tiveram pouca ou nenhuma mudança nas suas quantidades. Ademais, os “participantes” mais realizados por essa personagem são o “ator”, em primeiro lugar, com 77 ocorrências no TF e 71 no TA (34.84% e 33.97%, na mesma ordem), e o “experienciador”, em segundo lugar, com 52 ocorrências no TF e 47 no TA (23.53% e 22.49%, na mesma ordem).

Levando em consideração o conceito de “semes” proposto por Fowler (1977), a partir de Montgomery (1993/2004), é possível compor algumas reflexões também sobre as características de Jimmy/Homem das Neves e como elas têm relação com os “participantes” realizados pela personagem no nosso corpus. Pode-se perceber alguns traços distintivos referentes à personagem em questão; Jimmy/Homem das Neves se mostra impulsivo, insensível, infeliz e sentimental através de orações relacionais, e, através desse tipo de oração também pode tornar-se evidente que a personagem não é boa com números e tem baixa capacidade de concentração; parece ser libidinoso, o que se torna aparente através de orações mentais, materiais e verbais; parece ser contestador, o que pode ser verificado em orações verbais, principalmente em diálogos com Glenn/Crake e, menos frequentemente, em diálogos com Oryx; e pode ser jocoso e dissimulado, qualidades aparentes em

orações verbais e comportamentais. Assim, é possível perceber que essa personagem tem um perfil experiencial mais diversificado.

Quando nos atentamos aos "participantes" realizados por Jimmy/Homem das Neves no corpus, pode-se confirmar alguns dos semes citados. Realmente, tal personagem realiza uma grande quantidade de "dizentes", "experienciadores" e "portadores". No entanto, seus perfis materiais e comportamentais não acabam sendo tão bem representados. Por exemplo: quando Jimmy é Homem das Neves, na narrativa do presente, tal personagem apresenta inúmeras realizações materiais e comportamentais, pois anda longas distâncias a pé e enfrenta desafios e adversidades enquanto procura por mantimentos e tenta chegar até o destruído laboratório Paradice. É praticamente apenas através das realizações que o(a) leitor(a) pode perceber os perfis materiais e comportamentais dessa personagem, pois em orações relacionais não são evidenciados.

Em seguida, na TABELA 14, apresentamos as quantidades de cada um dos "participantes" da metafunção ideacional realizados pela personagem Glenn/Crake no TF e no TA do presente trabalho. Essa personagem, no entanto, não realizou a função de "existente" no corpus, assim como as outras duas personagens.

**Tabela 14** - "Participantes" realizados pela personagem Glenn/Crake no TF e no TA

Participantes	Glenn/Crake TF	Glenn/Crake TA
Ator	6	8
Meta	1	2
Recebedor	-	-
Cliente	-	-
Experienciador	11	12
Fenômeno	1	1
Portador	5	5
Atributo	-	-
Identificado	1	1
Identificador	1	1
Característica	1	1
Valor	1	1
Dizente	12	12
Receptor	-	-
Verbiagem	-	-
Alvo	-	-
Comportante	1	1
Existente	-	-
TOTAL	41	45

Fonte: Elaboração própria

Na TABELA 14, ao enfocarmos a quantidade total de "participantes" realizados por Glenn/Crake no TF e no TA, encontramos quatro "participantes" a mais no TA (41 no TF e 45 no TA), cenário diferente das outras duas personagens. Por essa razão, discorreremos sobre as quantidades de cada "participante" da metafunção ideacional da LSF realizado por Glenn/Crake no corpus do presente estudo e analisaremos o que os dados específicos revelam.

No tocante aos "participantes" dos "processos" materiais realizados por Glenn/Crake, encontramos 6 "atores" no TF e 8 no TA, e 1 "meta" no TF e 2 no TA. Esses valores representam, em relação ao total de "participantes" realizados por

Glenn/Crake no TF e no TA, respectivamente, 14.63% e 17.78% de “atores”, e 2.44% e 4.44% de “metas”. Quanto aos demais "participantes" materiais, não houve realizações por parte dessa personagem no corpus. Dentre as orações em que Glenn/Crake realizou a função de “ator”, há 6 correspondências; e dentre as orações em que Glenn/Crake realizou a função de “meta”, há 1 correspondência.

No EXEMPLO 73, pode-se examinar a equivalência entre os elementos “he” e “Ele”, referentes a Jimmy/Homem das Neves, os quais funcionam como "atores".

### EXEMPLO 73

(Crake TF) **He** was doing a pretty good imitation of their Chemlab teacher. (p. 74)

(Crake TA) **Ele** estava fazendo uma imitação bastante boa do professor de química. (p. 76)

Temos, na oração do TF e na do TA, respectivamente, os grupos verbais “was doing”, no *past continuous tense*, e “estava fazendo”, no tempo pretérito imperfeito composto do indicativo. “Fazer” é um verbo comumente classificado como material, e, nesse caso, o que está sendo feito é uma imitação, que requer movimentos físicos. Por tais razões, classificamos os grupos nominais “a pretty good imitation of their Chemlab teacher” e “uma imitação bastante boa do professor de química” como “metas”, e, conseqüentemente, os pronomes “He” e “Ele” como “atores”.

No EXEMPLO 74, pode-se verificar a equivalência entre os elementos “Crake” das orações do TF e do TA, os quais funcionam como "metas". Nesse exemplo, Glenn/Crake é a entidade à qual a ação de Jimmy/Homem das Neves está direcionada, ação a qual está conjugada no *simple past tense*, na LF, e no pretérito perfeito, na LA.

### EXEMPLO 74

(Crake TF) Jimmy nudged **Crake**. (p. 74)

(Crake TA) Jimmy cutucou **Crake**. (p. 76)

No que concerne aos "participantes" dos "processos" mentais realizados por Glenn/Crake, encontramos 11 "experenciadores" no TF e 12 no TA, e 1 "fenômeno" no TF e 1 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de "participantes" realizados por Glenn/Crake no TF e no TA, respectivamente, 26.83% e 26.67% de "experenciadores", e 2.44% e 2.22% de "fenômenos". Dentre as orações em que Glenn/Crake realizou a função de "experenciador", há 10 correspondências; e dentre as orações em que Glenn/Crake realizou a função de "fenômeno", há 1 correspondência, em outras palavras, todas as ocorrências desse "participante" para essa personagem correspondem em transitividade.

No EXEMPLO 75, a seguir, pode-se observar a equivalência entre os elementos "You" e "Você", referentes a Glenn/Crake, os quais funcionam como "experenciadores".

#### EXEMPLO 75

(Crake TF) **You** have to admit that. (p. 167)

(Crake TA) **Você** tem que admitir isso. (p. 160)

Nesse trecho, Jimmy/Homem das Neves e Glenn/Crake estão conversando sobre arte, e aquele diz que, quando uma civilização acaba, a arte é tudo o que resta, e termina seu argumento dizendo que Glenn/Crake tinha que admitir tal fato. Como "admitir" é uma ação mental, classificamos os grupos verbais "have to admit" e "tem que admitir" como "processos" mentais, os quais estão em relação de transitividade com os pronomes "you" e "você", e que têm como "fenômenos" os pronomes demonstrativos "that" e "isso", elementos anafóricos que fazem referência ao argumento de Jimmy/Homem das Neves em defesa da arte.

No EXEMPLO 76, a seguir, é possível examinar a equivalência entre os elementos "Crake" das orações do TF e do TA, os quais funcionam como "fenômenos".

#### EXEMPLO 76

(Crake TF) Already Jimmy liked **Crake** better. (p. 74)

(Crake TA) Jimmy já estava gostando mais de **Crake**. (p. 76)

Nesse exemplo, Glenn/Crake é o “fenômeno” sendo experienciado por Jimmy/Homem das Neves. Os grupos verbais “liked” e “gostando de” realizam os “processos” mentais de cada oração, tendo o verbo “gostar” a particularidade de ser sucedido pela preposição “de” no português. Quanto tais grupos verbais, a tradutora verteu a ação “liked”, cujo tempo verbal é o *simple past*, para “estava gostando”, cujo tempo verbal é o pretérito imperfeito composto do indicativo.

No tocante aos “participantes” dos “processos” relacionais realizados por Glenn/Crake, encontramos 5 “portadores” no TF e 5 no TA, 1 “identificado”/“valor” no TF e 1 no TA, e 1 “identificador”/“característica” no TF e 1 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de “participantes” realizados por Glenn/Crake no TF e no TA, respectivamente, 12.20% e 11.11% de “portadores”, 2.44% e 2.22% de “identificados”/“valores”, e 2.44% e 2.22% de “identificadores”/“características”. Dentre as orações em que Glenn/Crake realizou a função de “portador”, há 6 correspondências; dentre as orações em que Glenn/Crake realizou a função de “identificado”/“valor”, há 1 correspondência; e dentre as orações em que Glenn/Crake realizou a função de “identificador”/“característica”, também há 1 correspondência.

No EXEMPLO 77, é possível averiguar a equivalência entre os elementos “Crake” das orações do TF e do TA, os quais funcionam como “portadores”.

#### EXEMPLO 77

(Crake TF) **Crake** was not exactly voluble, [...] (p. 74)

(Crake TA) **Crake** não era exatamente falante, [...] (p. 75)

As orações do TF e do TA são formadas, respectivamente, pelos grupos verbais “was” e “era”, ambos com polaridades negativas. Tais grupos estão em relação de transitividade com os elementos “Crake”, classificados como “portadores”, e com os elementos “voluble” e “falante”, classificados como “atributos” por tratarem-se de qualidades atribuídas a Glenn/Crake com o auxílio dos verbos “to be” e “ser” conjugados no *simple past tense* e no pretérito imperfeito do indicativo.

No EXEMPLO 78, pode-se observar a equivalência entre os elementos “He” e “Ele”, os quais funcionam como “identificado”/“valor”, e a equivalência entre os

elementos “himself” e “a si mesmo”, os quais funcionam como “identificador”/“característica”, todos referentes a Glenn/Crake.

#### EXEMPLO 78

(Crake TF) **He** wasn't including **himself** in this question. (p. 167)

(Crake TA) **Ele** não estava incluindo **a si mesmo** nessa pergunta. (p. 159)

De acordo com Halliday (1994), o verbo “to include” é um dos verbos que pode ser utilizado como um “processo” relacional identificativo. Então, classificamos os elementos “He” e “Ele” como “identificados”/“valores”, pois estão em relação de transitividade com os grupos verbais “was [...] including” e “estava incluindo”, na mesma ordem, ambos com suas polaridades negativas. Consequentemente, classificamos os elementos “himself” e “a si mesmo” como “identificadores”/“características”. Nessas orações, assim como ocorre no EXEMPLO 71, Glenn/Crake realiza as quatro funções de “participantes” mencionadas, o que é evidenciado pelo afixo “-self” do *reflexive pronoun* “himself” e do grupo nominal “si mesmo”.

No tocante aos “participantes” dos “processos” verbais realizados por Glenn/Crake, encontramos 12 “portadores” no TF e 12 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de “participantes” realizados por Glenn/Crake no TF e no TA, respectivamente, 29.27% e 26.67% de “dizentes”. Quanto aos demais “participantes” verbais, não houve realizações por parte dessa personagem no corpus. Dentre as orações em que Glenn/Crake realizou a função de “dizente”, há 12 correspondências, ou seja, todas as ocorrências desse “participante” para essa personagem correspondem em transitividade.

A seguir, no EXEMPLO 79, pode-se observar a equivalência entre os elementos “Crake” das orações do TF e do TA, os quais funcionam como “dizentes”.

#### EXEMPLO 79

(Crake TF) “Nothing”, said **Crake** lazily. (p. 167)

(Crake TA) Nada – **Crake** disse calmamente. (p. 160)

As orações desse exemplo têm aspectos deveras similares em termos de transitividade. Os grupos verbais “said” e “disse”, esse no pretérito perfeito indicativo e aquele no *simple past tense*, evidenciam o caráter verbal da oração. Marcadas pelas aspas no TF e pelo travessão no TA, temos “Nothing” e “Nada” como “verbiagens”. Consequentemente, os elementos “Crake” foram classificados como “dizentes”.

No que concerne aos “participantes” dos “processos” comportamentais realizados por Glenn/Crake, encontramos 1 “comportante” no TF e 1 no TA. Tais valores representam, em relação ao total de “participantes” realizados por Glenn/Crake no TF e no TA, respectivamente, 2.44% e 2.22% de “comportantes”. Dentre as orações em que Glenn/Crake realizou a função de “dizente”, há 1 correspondência, isso significa que todas as ocorrências desse “participante” para essa personagem correspondem em transitividade.

No EXEMPLO 80, pode-se observar a equivalência entre os elementos “Crake” das orações do TF e do TA, os quais funcionam como “comportantes”.

#### EXEMPLO 80

(Crake TF) **Crake** smiled. (p. 293)

(Crake TA) **Crake** sorriu. (p. 277)

Na oração do TF, o verbo “to smile” está conjugado no *simple past tense*, e, na oração do TA, o verbo “sorriu” está conjugado no pretérito perfeito do indicativo. Ambas as orações são formadas apenas por um “processo” e um “participante”, sendo esse o formato mais comum para orações comportamentais para Halliday (1994), como já mencionado.

Observamos que o “participante” com maior mudança do TF para o TA, referente a Glenn/Crake, na TABELA 14, foi o “ator”, de 6 para 8 ocorrências. Os outros “participantes” tiveram poucas mudanças; por exemplo, a “meta” aumentou de 1 para 2 ocorrências, e o “experenciador” aumentou de 11 para 12; o restante dos “participantes” conservaram suas quantidades. Outrossim, os “participantes” mais realizados por essa personagem são o “dizente”, em primeiro lugar, com 12 ocorrências em cada texto (29.27% no TF e 26.67% no TA), e o “experenciador”,

em segundo lugar, com 11 ocorrências no TF e 12 no TA (26.83% e 26.67%, de modo respectivo).

Considerando o conceito de “semes” proposto por Fowler (1977), a partir de Montgomery (1993/2004), pode-se refletir sobre a relação entre as características de Glenn/Crake e os “participantes” realizados por tal no corpus de estudo do presente trabalho. Apesar de ser descrito como pouco falante, a personagem se mostrou eloquente através das inúmeras orações verbais das quais faz parte. Torna-se nítido que Glenn/Crake é inteligente e esperto, também, através de orações verbais. Ele parece desdenhoso, e seu desdém quanto a atividades e pessoas não envolvidas com ciências exatas torna-se majoritariamente manifesto em diálogos e pensamentos, principalmente quando está conversando com Jimmy (antes do Dilúvio Seco). Também, pode mostrar-se parcialmente apático aos acontecimentos à sua volta, o que se manifesta em orações verbais e mentais. Assim, é possível perceber que os “processos” verbais desempenham um papel fundamental na construção transitiva de tal personagem.

Dessa forma, assim como as outras duas personagens, Glenn/Crake não é completamente caracterizado apenas por semes; seu perfil experiencial tem um importante papel em sua construção como personagem. Isso ratifica as palavras de Montgomery (1993/2004) ao expor que uma fonte crucial de pistas textuais para a constituição de personagens se encontra nas escolhas de transitividade através das quais personagens são retratadas, e que tais escolhas reunidas auxiliam a direcionar os(as) leitores(as) ao entendimento da atribuição de papéis actanciais subjacentes a essas personagens.

Se analisarmos os “processos” verbais de Glenn/Crake, os quais foram os mais numerosos de todos os seus “processos”, chegamos em um resultado curioso. Nas 12 orações verbais do TF em que tal personagem é “dizente” (e isso se aplica às 12 orações verbais do TA), há 11 “verbiagens”, todas referentes a discursos diretos de Glenn/Crake, e há apenas 1 oração com “receptor”, sendo esse Jimmy/Homem das Neves. No entanto, nas outras 11 orações em que não há um “receptor” explícito, é possível entender que as falas são direcionadas para Jimmy/Homem das Neves por conta da ordem das falas e do fato de cada fala ter seu devido “dizente” indicado.

Como já mencionado, Simpson (1993/2005) divide os “processos” mentais em perceptivos, reativos e cognitivos. Analisando os “processos” mentais realizados

por Glenn/Crake, os quais foram os segundos mais numerosos dentre todos os seus "processos", é possível observar alguns resultados. No TF, Glenn/Crake realiza 2 "processos" de reação, e 9 de cognição. No TA, ele realiza 1 "processo" de reação, e 11 de cognição. No entanto, em cada um dos textos, 6 dos "processos" cognitivos estão situados em orações imperativas nas quais Glenn/Crake aparece como "experenciador" implícito, ou seja, ele não realiza as ações de fato, pois alguém está ordenando que ele as realize. Assim, é possível verificar uma diferença no perfil experiencial mental dessa personagem, já que no TF ela realiza um "processo" reativo a mais do que no TA. E, quando dissemos que Glenn/Crake tinha semes como "inteligente" e "esperto" vinculados a orações verbais e mentais, afirmamos isso porque tais características podem ser inferidas a partir dos contextos em que estão situadas as orações.

Dentre as três personagens analisadas neste estudo, Jimmy/Homem das Neves é a que realiza a maior porcentagem de "processos" materiais, em outras palavras, mais de 33% dos "processos" que realiza são desse tipo. De acordo com Simpson (1993/2005, p. 91)<sup>29</sup>, "uma das consequências estilísticas do paradigma material dominante, no qual os "processos" mentais e outros que envolvem reflexão e deliberação são suprimidos, é que tal paradigma cria uma estrutura descritiva deveras 'acional'". Simpson (1993/2005) faz essa afirmação porque, ao analisar uma passagem de *The Old Man and the Sea* (1952), de Ernest Hemingway, o autor encontra nela dezessete "processos", sendo dezesseis materiais e um deles relacional, isto é, a grande maioria é material. Porém, esse não é o caso de Jimmy/Homem das Neves, já que mais de 23% dos "processos" realizados por ele no corpus são mentais, além de haver outros "processos" menos recorrentes mas, mesmo assim, razoavelmente numerosos. Então, é viável dizer que essa personagem tem um perfil experiencial equilibrado.

Sobre as realizações expressas, elípticas e implícitas das personagens analisadas nesta dissertação, encontramos dados interessantes. Das 50 realizações de Oryx no TF, 96.00% são expressas e 4% são elípticas, e das 50 realizações de Oryx no TA, 78.00% são expressas e 22.00% são elípticas. Das 221 realizações de Jimmy/Homem das Neves no TF, 84.62% são expressas, 10.86% são elípticas e

---

<sup>29</sup> No original: "One of the stylistic consequences of the dominant material paradigm, where mental and other processes signifying reflection and deliberation are suppressed, is that it creates a highly 'actional' descriptive framework."

4.07% são implícitas, e das 209 realizações de Jimmy/Homem das Neves no TA, 73.21% são expressas, 24.40% são elípticas e 2.39% são implícitas. Das 41 realizações de Glenn/Crake no TF, 82.93% são expressas, 2.44% são elípticas e 14.63% são implícitas, e das 45 realizações de Glenn/Crake no TA, 73.33% são expressas, 13.33% são elípticas e 13.33% são implícitas.

A função de “experenciador” foi a mais realizada por Oryx, e foi a segunda mais realizada por Jimmy/Homem das Neves e Glenn/Crake. Em termos de ocorrência, a função mais frequente realizada pelas personagens, considerando os números totais, foi a de “ator” (87 realizações no TF e 83 no TA, 170 no total), depois foi a de “experenciador” (78 realizações no TF e 78 no TA, 156 no total), então “portador” (41 realizações no TF e 47 no TA, 88 no total), e “dizente” (42 realizações no TF e 43 no TA, 85 no total).

### 3.4. “Circunstâncias”

A seguir, na TABELA 15, apresentamos os nove tipos de “circunstâncias” de acordo com a LSF e suas quantidades no TF e no TA analisados no presente trabalho.

**Tabela 15** - “Circunstâncias” no TF e no TA

Tipos de Circunstâncias	TF	TA
Localização	128	121
Extensão	12	8
Modo	40	50
Causa	7	11
Contingência	2	2
Acompanhamento	30	30
Papel	7	6
Assunto	13	12
Ângulo	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>240</b>	<b>241</b>

Fonte: Elaboração própria

É possível verificar na TABELA 15 os valores específicos e os totais de “circunstâncias” no TF e no TA. Quanto aos valores totais, encontramos 240 desses elementos no TF e 241 no TA, em outras palavras, há uma “circunstância” a mais no TA. Quanto aos valores específicos, é possível verificar que, para algumas “circunstâncias”, houve aumento de ocorrências, para outras, houve redução, e outras tiveram suas quantidades conservadas. Assim sendo, em seguida, trataremos das quantidades específicas de cada um dos nove tipos de “circunstâncias”.

No que tange às “circunstâncias” de localização, encontramos 128 no TF e 121 no TA. Essas quantidades representam, em relação ao número total de tais elementos no TF e no TA, respectivamente, 53.33% e 50.21%; assim sendo, houve pouca redução de ocorrências no processo de tradução. Além disso, dentre as “circunstâncias” de localização do TF e do TA, encontramos 105 correspondências. As porcentagens acima apontam que as “circunstâncias” em questão representam mais da metade de todos esses elementos no nosso corpus de estudo, e esse fato vai ao encontro dos resultados da pesquisa de Braga (2016), porquanto a autora aponta que essas “circunstâncias” foram as mais utilizadas em todas as categorias de texto analisadas, inclusive na categoria de texto “ficção”, na qual se encaixa o corpus *Oryx and Crake/Oryx e Crake*.

Ademais, como já apontado, de acordo com Simpson (1993/2005), os “elementos circunstanciais” espaço-temporais auxiliam o(a) leitor(a) a construir a realidade ficcional das histórias. Em *Oryx and Crake* (ATWOOD, 2003), como já mencionado no subcapítulo referente ao corpus, há uma narrativa do passado e uma narrativa de futuro, o que exige a utilização de “elementos circunstanciais” temporais para manter o(a) leitor(a) situado(a). Também, diversos cenários são mencionados no decorrer da história, e são frequentemente referidos, como, por exemplo, os Complexos onde Jimmy/Homem das Neves morou, as Plebelândias, as universidades onde essa personagem e Glenn/Crake estudaram, sendo que essas localizações exigem a utilização de “elementos circunstanciais” espaciais para serem retomadas textualmente.

A seguir, no EXEMPLO 81, pode-se verificar a equivalência entre as “circunstâncias” de localização temporal “after lunch” e “depois do almoço”. Essas

são realizadas por frases preposicionais, estando ambas presentes em orações materiais, em posições não temáticas.

#### EXEMPLO 81

(TF) [...] and they'd visit the facility **after lunch** [...] (p. 293)

(TA) [...] e eles iriam visitar o local **depois do almoço** [...] (p. 277)

Em relação às “circunstâncias” de extensão, encontramos 12 no TF e 8 no TA. Essas quantidades representam, em relação ao número total de tais elementos no TF e no TA, respectivamente, 5.00% e 3.32%. Além disso, dentre as “circunstâncias” de extensão do TF e do TA, encontramos 7 correspondências. Levando em conta o reduzido número dessas “circunstâncias” no corpus, podemos afirmar que houve uma grande diminuição no processo de tradução, já que há, no TA, 2/3 (dois terços) das ocorrências dessas “circunstâncias” do TF. Braga (2016) também encontrou, na categoria “ficção”, poucas “circunstâncias” de extensão, tanto da direção IO → PT quanto na direção PO → IT, e representaram 10% ou menos das ocorrências.

A seguir, no EXEMPLO 82, pode-se averiguar a equivalência entre as “circunstâncias” de extensão temporal “most days” e “a maior parte do tempo”. Ambas são realizadas por grupos adverbiais e estão presentes em orações relacionais, em posições não temáticas.

#### EXEMPLO 82

(TF) He was angry **most days**. (p. 259)

(TA) Ele passava **a maior parte do tempo** zangado. (p. 246)

No que concerne às “circunstâncias” de modo, encontramos 40 no TF e 50 no TA. Essas quantidades representam, em relação ao número total de tais elementos no TF e no TA, respectivamente, 16.67% e 20.75%. Ademais, dentre as “circunstâncias” de modo do TF e do TA, encontramos 33 correspondências. Na categoria “ficção”, Braga (2016) encontrou poucas “circunstâncias” de modo; na

direção PO → IT, encontrou mais dessas “circunstâncias” no português; na direção IO → PT, não encontrou tais “circunstâncias” no PT.

A seguir, no EXEMPLO 83, pode-se observar a equivalência entre as “circunstâncias” de modo (meio) “with a push broom” e “com uma vassoura”. Ambas são realizadas por frases preposicionais e estão presentes em orações materiais, em posições não temáticas.

#### EXEMPLO 83

(TF) [...] they were sweeping it up **with a push broom**. (p. 17)

(TA) [...] alguém os estava varrendo **com uma vassoura**. (p. 27)

No tocante às “circunstâncias” de causa, encontramos 7 no TF e 11 no TA. Essas quantidades representam, em relação ao número total de tais elementos no TF e no TA, respectivamente, 2.92% e 4.56%. Ademais, dentre as “circunstâncias” de causa do TF e do TA, encontramos apenas 5 correspondências. Na categoria “ficção” de seu estudo, Braga (2016) encontrou poucas dessas “circunstâncias”, havendo apenas uma ocorrência no PT, representando 9.09%.

No EXEMPLO 84, pode-se averiguar a equivalência entre as “circunstâncias” de causa (razão) “because of the heat” e “por causa do calor”. Ambas são realizadas por frases preposicionais e estão presentes em orações materiais, em posições não temáticas.

#### EXEMPLO 84

(TF) She'd nuked a guard who'd unwisely had his face mask off, contrary to orders but **because of the heat**. (p. 53)

(TA) Ela atacara um guarda que estava sem máscara – desobedecendo ao regulamento – **por causa do calor**. (p. 57)

No que tange às “circunstâncias” de contingência, encontramos 2 no TF e 2 no TA. Essas quantidades representam, em relação ao número total de tais elementos no TF e no TA, 0.83% para ambos os textos. Também, dentre as “circunstâncias” de contingência do TF e do TA, encontramos 2 correspondências,

isto é, todas as “circunstâncias” desse tipo têm correspondentes. Isso posto, podemos afirmar que não houve redução nem aumento de tais elementos. Braga (2016) não encontrou ocorrências dessas “circunstâncias” em nenhuma das categorias de textos analisadas em sua pesquisa.

No EXEMPLO 85, pode-se examinar a equivalência entre as “circunstâncias” de contingência (falta) “in absence of verifiable numbers” e “na ausência de números verificáveis”. Ambas são realizadas por frases preposicionais que estão presentes em orações relacionais, em posições não temáticas.

#### EXEMPLO 85

(TF) Approximation of this may be necessary, **in absence of verifiable numbers**. (p. 74)

(TA) Talvez seja necessário fazer uma aproximação, **na ausência de números verificáveis**. (p. 76)

No tocante às “circunstâncias” de acompanhamento, encontramos 30 no TF e 30 no TA. Essas quantidades representam, em relação ao número total de tais elementos no TF e no TA, respectivamente, 12.50% e 12.45%. Também, dentre as “circunstâncias” de acompanhamento do TF e do TA, encontramos 23 correspondências. Se considerarmos que há apenas uma “circunstância” a mais no TA e que o número de “circunstâncias” de acompanhamento foi conservado, podemos afirmar que a redução de tais elementos foi mínima, principalmente se nos atentarmos às porcentagens supramencionadas. Braga (2016) encontrou entre 7.00% e 10.00% dessas “circunstâncias” na categoria de texto “ficção”, porcentagem que varia conforme a língua analisada e se o texto é original ou traduzido.

No EXEMPLO 86, pode-se observar a equivalência entre as “circunstâncias” de acompanhamento comitativas positivas “with an arched portico and a lot of glazed earth-tone tiles” e “com um pórtico em arco e muita cerâmica cor de terra”. As duas são realizadas por frases preposicionais e se encontram em orações relacionais circunstanciais identificativas, em posições não temáticas.

#### EXEMPLO 86

(TF) Their house this time was in the style of the Italian Renaissance, **with an arched portico and a lot of glazed earth-tone tiles**, [...] (p. 53)

(TA) Dessa vez, a casa deles era no estilo da Renascença italiana, **com um pórtico em arco e muita cerâmica cor de terra**, [...] (p. 56)

No tocante às “circunstâncias” de papel, encontramos 7 no TF e 6 no TA. Essas quantidades representam, em relação ao número total de tais elementos no TF e no TA, respectivamente, 2.92% e 2.49%. Ainda, dentre as “circunstâncias” de papel do TF e do TA, encontramos apenas 4 correspondências. Levando em conta o fato de que há apenas uma “circunstância” a mais no TA, considerando números totais, e que o número de “circunstâncias” de papel reduziu em uma unidade, é possível afirmar que a redução desses elementos foi pequena e isso se reflete nas porcentagens acima. Braga (2016) não encontrou ocorrências dessas “circunstâncias” na categoria de textos “ficção” em sua pesquisa.

No EXEMPLO 87, a seguir, é possível averiguar a equivalência entre as “circunstâncias” de papel (produto) “into even-sided cubes” e “em cubos perfeitos”. As duas são realizadas por frases preposicionais e se encontram em orações materiais, em posições não temáticas.

#### EXEMPLO 87

(TF) She was cutting a piece of French toast **into even-sided cubes**, [...] (p. 53)

(TA) [Ela] Estava cortando uma torrada **em cubos perfeitos**, [...] (p. 57)

No que concerne às “circunstâncias” de assunto, encontramos 13 no TF e 12 no TA. Tais valores correspondem, em relação ao total de tais elementos no TF e no TA, respectivamente, a 5.42% e 4.98%. Ainda, dentre as “circunstâncias” de assunto do TF e do TA, encontramos apenas 8 correspondências. Pelo mesmo motivo das “circunstâncias” de papel, é possível afirmar que houve pouca redução das “circunstâncias” de assunto no processo de tradução. Ocorrências dessas “circunstâncias” na categoria de textos “ficção” não foram encontradas por Braga (2016) em sua pesquisa.

A seguir, no EXEMPLO 88, pode-se verificar a equivalência entre as “circunstâncias” de assunto “about the tight security” e “do excesso de segurança”. As duas se encontram em orações verbais, em posições não temáticas, e são realizadas por frases preposicionais, cujas proposições evidenciam as particularidades dos verbos “to complain” e “reclamar”.

#### EXEMPLO 88

(TF) She complained **about the tight security** at the HelthWyzer gates. (p. 53)

(TA) Ela reclamava **do excesso de segurança** nos portões da HelthWyzer. (p. 56)

No tocante às “circunstâncias” de ângulo, encontramos apenas 1 no TF e 1 no TA, sendo essas as mais raras no nosso corpus de estudo. Tais valores correspondem, em relação ao total de tais elementos no TF e no TA, na mesma ordem, a 0.42% e 0.41%. E, dentre as “circunstâncias” de ângulo, encontramos 1 correspondência, isto é, a única “circunstância” desse tipo no TF têm um correspondente no TA. Ocorrências dessas “circunstâncias” na categoria de textos “ficção” também não foram encontradas por Braga (2016) em seu trabalho.

A seguir, no EXEMPLO 89, é possível observar a equivalência, em termos de transitividade, entre as “circunstâncias” de ângulo “with me” e “por mim”. As duas se encontram em orações relacionais e são realizadas por frases preposicionais, porém, a primeira está em posição não temática e a segunda está em posição temática. Apesar da “circunstância” “with me” ter a presença da preposição “with”, comumente utilizada em “circunstâncias” de modo (meio) e de acompanhamento comitativas, como pode-se encontrar em Halliday (1994), a classificamos como “circunstância” de ângulo por ela expressar a opinião da personagem.

#### EXEMPLO 89

(TF) [...] [if they want to] whack off over doodling, scribbling, and fiddling, it's fine **with me**. (p. 167)

(TA) [...] se [elas] quiserem exibir-se com rabiscos, garatujas e frivolidades, **por mim** [está] tudo bem. (p. 160)

Em ambos os textos, as “circunstâncias” com maior ocorrência são as de localização, de modo e de acompanhamento. A ordem de frequência dos nove tipos de “circunstância”, do mais ao menos recorrente, no TF, é: 1. localização (53.33%, 128 ocorrências), 2. modo (16.67%, 40 ocorrências), 3. acompanhamento (12.50%, 30 ocorrências), 4. assunto (5.42%, 13 ocorrências), 5. extensão (5.00%, 12 ocorrências), 6. papel e causa (ambas 2.92%, com 7 ocorrências cada), 7. contingência (0.83%, 2 ocorrências), e 8. ângulo (0.42%, 1 ocorrência). A ordem de frequência dos nove tipos de “circunstância”, do mais ao menos recorrente, no TA, é: 1. localização (50.21%, 121 ocorrências), 2. modo (20.75%, 50 ocorrências), 3. acompanhamento (12.45%, 30 ocorrências), 4. assunto (4.98%, 12 ocorrências), 5. causa (4.56%, 11 ocorrências), 6. extensão (3.32%, 8 ocorrências), 7. papel (2.49%, 6 ocorrências), 8. contingência (0.83%, 2 ocorrências), e 9. ângulo (0.41%, 1 ocorrência).

Referente às taxas de diferença entre os tipos de “circunstâncias” no TF e no TA, observamos que as “circunstâncias” de contingência apresentaram a menor taxa (0%), e as de ângulo e de acompanhamento ficaram logo em seguida (0.01% e 0.05%). No entanto, as “circunstâncias” de modo e de localização destoam do resto, pois as primeiras apresentaram uma taxa de 3.12% de diferença, e as segundas apresentaram uma taxa de 4.08%. Essas porcentagens ratificam o aumento das “circunstâncias” de localização e a redução das “circunstâncias” de modo, respectivamente, e demonstram que, por serem as “circunstâncias” razoavelmente mais numerosas, também acabaram sendo as que mais sofreram mudanças nas suas quantidades.

Quanto à correspondência entre as “circunstâncias” do TF e do TA, encontramos dados interessantes. Entre as “circunstâncias” de localização do corpus, encontramos 105 correspondências e 39 elementos sem correspondentes; entre as “circunstâncias” de extensão, encontramos 7 correspondências e 6 elementos sem correspondentes; entre as “circunstâncias” de modo, encontramos 33 correspondências e 24 elementos sem correspondentes; entre as “circunstâncias” de causa, encontramos 5 correspondências e 8 elementos sem correspondentes; entre as “circunstâncias” de contingência, encontramos 2

correspondências; entre as “circunstâncias” de acompanhamento, encontramos 23 correspondências e 14 elementos sem correspondentes; entre as “circunstâncias” de papel, encontramos 4 correspondências e 5 elementos sem correspondentes; entre as “circunstâncias” de assunto, encontramos 8 correspondências e 9 elementos sem correspondentes; e entre as “circunstâncias” de ângulo, encontramos 1 correspondência.

Em IO e em PT, não levando em consideração as diferentes categorias de textos e os subtipos das “circunstâncias”, Braga (2016) encontrou como as mais numerosas as “circunstâncias” de localização, modo e acompanhamento. Em PO e em IT, também desconsiderando os mesmos quesitos, a autora encontrou como as mais numerosas as “circunstâncias” de localização, acompanhamento e extensão. Na pesquisa de Braga (2016), não houve nenhuma ocorrência das “circunstâncias” de acompanhamento (aditivas), de modo (grau), de contingência (condição, concessão e falta), de papel (produto), de assunto, e de ângulo (subtipo ponto de vista)<sup>30</sup>.

Assim como mencionamos no capítulo de referencial teórico desta dissertação, o sistema dêitico é muito utilizado na construção dos pontos de vista espaço-temporais, segundo Simpson (1993/2005). Tal sistema é caracterizado pela utilização de recursos orientacionais da linguagem os quais aparecem em narrativas, sendo eles relacionados às “circunstâncias” da LSF. Na nossa pesquisa, contabilizamos as “circunstâncias” de localização sem levar em conta a distinção entre os quesitos espaciais e os quesitos temporais. Porém, trazemos alguns exemplos de cada um desses tipos. No decorrer do corpus, algumas das “circunstâncias” de localização espaciais que ocorrem, no TF, são “inside”, “onto the floor” e “in those areas”, e suas correspondentes, no TA, são “dentro”, “no chão” e “nessa área”. Referente às temporais, ocorrem, no TF, por exemplo, “the next day”, “at lunch” e “in earlier days”, e suas correspondentes, no TA, são “no dia seguinte”, “no almoço” e “em outra época”. Como é possível observar, essas “circunstâncias” ajudam o(a) leitor(a) de *Oryx and Crake* (ATWOOD, 2003) a orientar-se espacial e temporalmente, o que é favorável, já que, como mencionamos, a história é dividida em duas narrativas e diversos locais funcionam como cenários para o proceder do

---

<sup>30</sup> Braga (2016) divide as “circunstâncias” de ângulo em dois subtipos: fonte (quando associada ao papel de “dizente” em uma oração verbal, indica a fonte do que está sendo dito), e ponto de vista (quando associada ao papel de “experenciador” em uma oração mental, indica quem tem determinado ponto de vista sobre algo).

enredo. Portanto, como Simpson (1993/2005) explicita, os aspectos orientacionais da linguagem situam os enunciados em relação aos pontos de vista dos(as) falantes.

Após terem sido expostos os resultados e terem sido tecidas suas respectivas discussões, avançamos para o capítulo de considerações finais deste estudo.

#### 4. Considerações Finais

Lançando mão dos ET e da LSF, bem como do diálogo entre essa teoria e aquele campo disciplinar, executamos a análise da representação na obra *Oryx and Crake* (ATWOOD, 2003) e em sua tradução para o português brasileiro, *Oryx e Crake* (ATWOOD, 2018), realizada por Léa Viveiros de Castro. Consideramos, para tal análise, os "processos", os "participantes" e as "circunstâncias" da metafunção ideacional hallidayana. Apesar de o foco desta dissertação ser a metafunção ideacional da linguagem, utilizamos categorias da metafunção interpessoal (tempos verbais, por exemplo) e da metafunção textual (elipse, por exemplo) a fim de complementar algumas análises no capítulo de resultados e discussão.

Buscamos descobrir, com nossa primeira pergunta de pesquisa, como se realizam os "processos", os "participantes" e as "circunstâncias" em *Oryx and Crake* e em sua tradução para o português brasileiro do ponto de vista quantitativo e qualitativo. É importante salientar que, quanto aos "processos", levamos em conta suas realizações expressas e suas realizações contendo verbos implícitos, sobre os quais já discorremos; quanto aos "participantes", levamos em conta suas realizações expressas, elípticas e implícitas, sobre as quais também já versamos. Quanto às "circunstâncias", cabe salientar que todas ocorreram expressas.

De modo geral, quantitativamente, podemos concluir que é mínima a mudança transitiva para cada tipo de "processo", pois há menos de 2% de diferença entre as porcentagens, comparando-se o TF e o TA; os "processos" verbais apresentaram a menor taxa (praticamente 0%), e os comportamentais, a maior (quase 2%). Ademais, alguns tipos de "processos" tiveram mais ocorrências no TA, como é o caso dos mentais e dos existenciais; outros tiveram menos ocorrências no TA, como é o caso dos materiais e dos comportamentais; os "processos" relacionais e verbais tiveram suas quantidades conservadas. Qualitativamente, pode-se concluir que nem todos os "processos" do TF têm equivalentes no TA. Encontramos algumas orações que mudaram de tipo no processo de tradução, e também algumas poucas orações que, no TA, foram ou apagadas, ou adicionadas. Em todo caso, no tocante aos "processos", as mudanças de transitividade encontradas foram mínimas, pois, mesmo havendo trocas, apagamentos e adições de "processos", as mudanças semânticas se mostraram raras.

Referente às quantidades de cada um dos "participantes", não levando em conta se são expressos, elípticos ou implícitos, pode-se concluir que há pouca mudança em termos de transitividade. A taxa de diferença entre os "participantes" no TF e no TA segue a mesma tendência apontada anteriormente sobre os tipos de "processos", isto é, a dissimilitude entre os "participantes" no TF e no TA é mínima, pois há menos de 2% de diferença entre suas porcentagens; a "verbiagem" apresenta a menor taxa (praticamente 0%), e a "meta", a maior (pouco mais de 1%). A baixa taxa de diferença entre a quantidade de "verbiagens" no TF e no TA também ocorre com os outros "participantes" verbais, o que confirma a tendência de que os "processos" verbais, no corpus, são os que menos sofrem mudanças transitivas, e implica a presença recorrente de diálogos e de personagens comunicativas. E, apesar de os "comportantes" também apresentarem uma grande taxa de mudança no processo de tradução, foram as "metas" que apresentaram a maior mudança dentre todos os "participantes".

Em geral, quantitativamente, é possível concluir que a mudança de transitividade para cada tipo de "circunstância" é pequena, porque a taxa de diferença entre a maioria dos tipos desses elementos no TF e no TA é menor que 2%. Também é possível concluir que nem todas as "circunstâncias" do TF têm equivalentes no TA, e há algumas "circunstâncias" no TA que não foram realizadas no TF. Então, por mais que 7 dos 9 tipos de "circunstâncias" tenham apresentado baixas taxas de diferenças quantitativas, isso acaba não sendo refletido localmente. Por exemplo: as "circunstâncias" de assunto tiveram pouca redução em suas ocorrências e as "circunstâncias" de causa tiveram pouco aumento, mas a maioria das "circunstâncias" de assunto e causa não tem correspondentes entre os textos. Os três principais motivos para isso podem ser os seguintes: um elemento é de um tipo no TF e seu possível equivalente é de outro tipo; um elemento, ou a oração em que está inserido, sofre um apagamento no TA; um elemento é apagado e sua ideia é transferida para o "processo" utilizado na oração do TA. Portanto, os "elementos circunstanciais" no corpus *Oryx and Crake/Oryx e Crake* se mostraram parcialmente voláteis em termos de conservação de tipo circunstancial.

Buscamos descobrir, com nossa segunda pergunta de pesquisa, quais os "processos" e "participantes" mais frequentes em relação a *Oryx*, *Jimmy/Homem das Neves*, e *Glenn/Crake*, personagens principais do romance analisado nesta dissertação, no corpus *Oryx and Crake/Oryx e Crake*. Para responder a essa

pergunta, em primeiro lugar, contabilizamos todas as realizações das personagens, sem fazer distinção entre realizações expressas, elípticas e implícitas. Após, também contabilizamos as realizações gerais expressas, elípticas e implícitas de cada personagem, a fim de elucidar como se deram suas realizações.

E, com nossa terceira pergunta de pesquisa, buscamos descobrir o que a frequência dos "processos" e dos "participantes" indica sobre a representação dessas personagens. Para isso, baseamos nossas análises nas ideias de Fowler (1977), a partir de Montgomery (1993/2004), e de Simpson (1993/2005) e Halliday (1994).

Tendo em vista os resultados referentes às realizações expressas, elípticas e implícitas das três personagens analisadas neste trabalho, previamente apresentados, podemos chegar a algumas conclusões. A personagem que tem mais ocorrências expressas é Oryx, tanto no TF quanto no TA. Jimmy/Homem das Neves é a que tem mais ocorrências elípticas, em ambos os textos. A que tem mais ocorrências implícitas é Glenn/Crake, no TF e no TA. Tais informações são interessantes porquanto evidenciam que cada personagem teve com mais frequência o uso de um recurso linguístico distinto utilizado para si, não havendo coincidência nesse quesito, podendo isso ter acontecido propositalmente ou não.

Em termos quantitativos, podemos concluir que a mudança transitiva da personagem Oryx é mínima. Primeiro, porque há menos de 5% de diferença entre as porcentagens da maioria dos "participantes" realizados por ela entre o TF e o TA, havendo uma exceção: "ator", "meta", "recebedor" e "identificado"/"valor" apresentaram as menores taxas (0%), o "experenciador", a maior (8%), o "fenômeno", a segunda maior (4%). Segundo, porque a personagem realizou 50 "participantes" tanto no TF quanto no TA. Além de tais dados, os "participantes" mais realizados por Oryx no corpus foram o "experenciador" (15 ocorrências no TF e 19 no TA, representando 30.00% e 38.00%) e o "portador" (10 ocorrências no TF e 10 no TA, representando 20.00% em ambos os textos). E Oryx não realizou, no TF e no TA, as funções de "cliente", "atributo", "identificador"/"característica", "verbiagem", "alvo" e "existente", além de não ter realizado, também, a função de "receptor" no TA.

Quantitativamente, podemos constatar que a mudança transitiva da personagem Jimmy/Homem das Neves é pequena. Há menos de 4% de diferença entre as porcentagens de todos "participantes" realizados por ela entre o TF e o TA:

“receptor”, “meta” e “recedor” apresentaram as menores taxas (0.12%, 0.21% e 0.39%, na mesma ordem), e o “portador” apresenta a maior (3.03%). Além de tais dados, os "participantes" mais realizados por Jimmy/Homem das Neves no corpus foram o “ator” (77 ocorrências no TF e 71 no TA, representando 34.84% e 33.97%) e o “experenciador” (52 ocorrências no TF e 47 no TA, representando 23.53% e 22.49%). E Jimmy/Homem das Neves não realizou, no TF e no TA, as funções de “atributo”, “identificador”/“característica”, “verbiagem”, “alvo” e “existente”, além de não ter realizado, também, a função de “cliente” no TA.

É possível constatar, em termos quantitativos, que a mudança transitiva da personagem Glenn/Crake é mínima. Há menos de 4% de diferença entre as porcentagens de todos os "participantes" realizados por ela entre o TF e o TA: o “experenciador” apresenta a menor taxa (0.16%), e o “ator” apresenta a maior (3.15%). Ademais desses dados, os "participantes" mais realizados por Glenn/Crake no corpus foram o “dizente” (12 ocorrências no TF e 12 no TA, representando 29.27% e 26.67%) e o “experenciador” (11 ocorrências no TF e 12 no TA, representando 26.83% e 26.67%). E Glenn/Crake não realizou, no TF e no TA, as funções de “recedor”, “cliente”, “atributo”, “receptor”, “verbiagem”, “alvo” e “existente”.

Podemos concluir que não há quase nenhuma mudança de transitividade na representação das três personagens analisadas; por mais que as ocorrências de alguns "participantes" realizados por elas tenham aumentado e outras diminuído, tais mudanças são deveras pequenas. Além disso, a maioria dos "participantes" realizados por elas no corpus tem correspondentes; pudemos averiguar que, quando um elemento não tem um correspondente direto, o contexto em que está inserido supre essa falta de correspondência, seja através dos "processos", de “circunstâncias”, ou de outros "participantes". Assis (2017) chegou em resultados similares aos nossos; a autora expõe que, apesar de algumas divergências na tradução, a construção linguística de Amaro teve seus níveis de equivalência conservados, e que as escolhas da tradução obedeceram à maior parte do contorno semântico ideacional do TO.

Ao levarmos em conta os dados referentes às funções mais realizadas pelas três personagens supramencionadas, expostos no capítulo de resultados e discussão, e suas respectivas análises tecidas, podemos realizar algumas conclusões. As frequências encontradas podem indicar, quanto à representação das

personagens, que Oryx parece ter uma natureza mais perceptiva no TF e uma natureza mais pensante no TA, que Jimmy/Homem das Neves parece ter uma estrutura descritiva mais “acional” e parece mostrar-se contestador e impulsivo no TF e no TA, e que Glenn/Crake parece mostrar-se uma personagem falante e eloquente em ambos os textos.

Tivemos como objetivo geral da nossa pesquisa a investigação da transitividade na obra supramencionada e em sua tradução. Como objetivos específicos, tivemos a análise quantitativa e qualitativa das categorias “processos”, “participantes” e “circunstâncias”; a verificação dos “processos” e “participantes” mais frequentemente vinculados às personagens Oryx, Jimmy/Homem das Neves, e Glenn/Crake; e a examinação do que tais realizações evidenciam sobre a representação das personagens acima referidas. Após as análises realizadas e as discussões feitas, podemos confirmar que todos os nossos objetivos foram atingidos.

Esta pesquisa, possivelmente, traz aporte aos estudos que envolvem a equivalência tradutória entre textos em inglês e suas traduções em português brasileiro. Ademais, pode evidenciar teóricos dos ET, como Kunz e Teich (2017) e Braga (2016). Também pode trazer acréscimos para a descrição linguística do inglês e do português brasileiro, pois evidencia dados interessantes quanto a escolhas lexicais e sintáticas em orações em tais línguas, e quanto às diferenças em realizações expressas, elípticas e implícitas de “participantes” nas línguas mencionadas.

Nosso estudo é atravessado por duas limitações. Em primeiro lugar, o tempo para realizar a grande carga de trabalho exigida por essa pesquisa foi reduzido. Em segundo lugar, por conta do tempo limitado, não analisamos as “circunstâncias” levando em conta seus subtipos; esses teriam que ser propostos por nós, o que poderia ser feito baseando-nos em Halliday (1994) e Thompson (2014), e teríamos que propor os rótulos CROSF para cada um dos subtipos. Em vistas disso, futuras pesquisas poderiam ser realizadas com um corpus maior, além de considerar os subtipos dos “elementos circunstanciais”.

## 5. Referências

ASSIS, R. C. **A transitividade na representação de Sethe no corpus paralelo Beloved-Amada**. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

ASSIS, S. M. **As representações de Amaro na obra *Bom Crioulo* e em sua tradução para a língua inglesa: uma abordagem sistêmico-funcional**. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto, 2017.

ATWOOD, M. E. **Oryx and Crake**. London: Hachette Digital, 2003. *E-Book* (377 p.) Disponível em: <[https://www.amazon.com.br/gp/product/B002TXZR1I/ref=ppx\\_yo\\_dt\\_b\\_d\\_asin\\_title\\_o01?ie=UTF8&psc=1](https://www.amazon.com.br/gp/product/B002TXZR1I/ref=ppx_yo_dt_b_d_asin_title_o01?ie=UTF8&psc=1)> Acesso em: 10 dez. 2021.

ATWOOD, M. E. **Oryx e Crake**. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2018. *E-Book* (355 p.) Disponível em: <[https://www.amazon.com.br/gp/product/B07FFD5KCC/ref=ppx\\_yo\\_dt\\_b\\_d\\_asin\\_title\\_o00?ie=UTF8&psc=1](https://www.amazon.com.br/gp/product/B07FFD5KCC/ref=ppx_yo_dt_b_d_asin_title_o00?ie=UTF8&psc=1)> Acesso em: 10 dez. 2021.

BERBER-SARDINHA, T. **Lingüística de Corpus**. Barueri: Editora Manole Ltda., 2004.

BRAGA, A. B. C. **O sistema de Transitividade no inglês e no português brasileiro: caracterização da função Circunstância com base em textos originais e traduzidos**. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.

CATFORD, J. C. **A Linguistic Theory of Translation**. 5. ed. Oxford: Oxford University Press, 1965/1978.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

D'ÁVILA, B. A.; RODRIGUES, R. R. A representação experiencial da jovem no conto "The Young Girl" de Mansfield e em sua tradução para o português do Brasil. **Revista Translatio**, Porto Alegre, n. 8, p. 29-52, 2014.

DOMINGOS, L. C.; SILVA, I. A. L. Tradução e Retradução de *The Picture of Dorian Gray*, de Oscar Wilde: um estudo de corpus com foco na apresentação do discurso. **Domínios de Linguagem**, v. 9, n. 2, p. 150-178, 2015.

FEITOSA, M. P. Developing and applying CROSF: a numeric code proposed for corpora annotation, based on Halliday's Systemic Functional Grammar. *In: INTERNATIONAL SYSTEMIC FUNCTIONAL CONGRESS*, 33, 2006, São Paulo. **Proceedings...** São Paulo: PUC, 2006. p. 1130-1150.

FIGUEREDO, G. P. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues**. Tese (doutorado) - Faculdade de Letras

da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

FROTA, M. P. Um balanço dos estudos da tradução no Brasil. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 19, p. 135-169, 2007.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, 2009.

HALLIDAY, M. A. K. Language theory and translation practice. **Rivista internazionale di tecnica della traduzione**, Trieste, nº 0, p. 15-25, 1992.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. Towards a theory of good translation. *In*: STEINER, E.; YALLOP, C. **Exploring Translation and Multilingual Text Production: Beyond Content**. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 13-18.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, M. I. M. C. Clause as representation. *In*: \_\_\_\_\_. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4. ed. New York: Routledge, 2014. p. 211-358.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. *In*: \_\_\_\_\_. **Translated!: Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Amsterdam: Rodopi, 1988. p. 66-80.

HOVY, E.; LAVID, J. Towards a 'Science' of Corpus Annotation: A New Methodological Challenge for Corpus Linguistics. **International Journal of Translation**, v. 22, n. 1, p. 13-36, 2010.

KUNZ, K.; TEICH, E. Translation studies. *In*: BARTLETT, T.; O'GRADY, G. **The Routledge Handbook of Systemic Functional Linguistics**. London and New York: Routledge, 2017. p. 547-560.

MALMKJAER, K. Mapping and approaching translation studies. *In*: \_\_\_\_\_. **Linguistics and the language of translation**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005. p. 17-41.

MEYER, C. S. A review on Catford's *A Linguistic Theory Of Translation*. **Revista Translatio**, Porto Alegre, n. 11, p. 175-184, 2016.

MARKS DE MARQUES, E. 'God is a cluster of neurons': Neo-posthumanism, theocide, theogony and anti-myths of origin in Margaret Atwood's *Oryx and Crake*. **Gragoatá**, Niterói, v. 18, n. 35, p. 155-169, 2013.

MARKS DE MARQUES, E. Children of Oryx, Children of Crake, Children of Men: Redefining the Post/Transhuman in Margaret Atwood's "ustopian" *MaddAddam* Trilogy. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 133-146, 2015.

MATOS, N. A. **A representação da personagem Antoinette em *Wide Sargasso***

**Sea (Jean Rhys - 1966) e na sua tradução brasileira (Léa Viveiros de Castro - 2012):** uma crítica feminista pós-colonial. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

MONTGOMERY, M. Language, character and action: a linguistic approach to the analysis of character in a Hemingway short story. *In*: SINCLAIR, J. M.; HOEY, M.; FOX, G. **Techniques of Description: Spoken and written discourse.** London/New York: Routledge, 1993/2004.

ODELLI, T. A única história, de Julian Barnes. **Rizzenhas**, 2018. Disponível em: <<https://rizzenhas.com/2018/11/a-unica-historia-de-julian-barnes-resenha/>>. Acesso em: 31 out. 2021.

RAVELLI, L. Getting started with functional analysis of texts. *In*: UNSWORTH, L. **Researching language in schools and communities: Functional Linguistics Perspectives.** London: Cassell, 2000. p. 27-64.

RODRIGUES, R. R. Participants 'você' and 'you' in translation. **Cadernos da Tradução**, Florianópolis, n. 34, p. 186-205, 2014.

RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. **A representação de personagens gays na coletânea de contos *Stud* e em sua tradução *As Aventuras de Um Garoto de Programa*.** Tese (doutorado) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

SÁ, M. C. S. de. **Storytelling as survival in Margaret Atwood's "Oryx and Crake" and "The year of the flood"**. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.

SANTOS, J. R. **A voz do tradutor desafiando os "poderes" do contexto de cultura:** uma análise sistêmico-funcional da primeira tradução brasileira (1926, 2 ed.) de *Jane Eyre* (1847) de Charlotte Brontë. Dissertação (mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

SCOTT, M. **Oxford WordSmith Tools Version 4.0.** Liverpool: Oxford University Press, 2007. Disponível em: <<https://lexically.net/wordsmith/>>. Acesso em: 1 ago. 2021.

SIMPSON, P. **Language, Ideology and Point of View.** Oxford: Routledge, 1993/2005.

STOLZE, R. The Development of Translation Studies as a Discipline - From linguistics to cognition. **Revista Translatio**, Porto Alegre, n. 1, p. 21-36, 2011.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar.** 3. ed. New York: Routledge, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. Pelotas: UFPEL. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/sisbi/normas-da-ufpel-para-trabalhos-academicos/>>. Acesso em: 1 out. 2021